



Projeto: Rio-metrópole, mito e poder

Ana Clara Torres Ribeiro

Processo nº 300276-80

1987

Material somente
para uso interno
da instituição.
Pedido não
atende às bibliografias.

Relatório técnico-científico

Projeto: Rio-metrópole, mito e poder

Ana Clara Torres Ribeiro

Processo nº 300276-80



"Sandro Moreyra era um personagem-síntese da cidade. Tinha consciência política, espírito des_ucontraído e muita compreensão com a cidade: 'O Rio de Janeiro é uma coisa só, um todo', disse-me no nosso último encontro há 40 dias."

(Jó Resende)

Observações Preliminares

A nossa preocupação com a memória urbana possui várias facetas que, por vezes, nos levam por caminhos empíricos de pesquisa pouco ortodoxos e, sobretudo, experimentais. Acreditamos que a relação teoria-empíria em campos relativamente novos de conhecimento nos obrigue a sermos criativos e a assumirmos determinados riscos. Entre estes riscos podemos citar a singeleza e a aparente ingenuidade. Este é claramente o caso do levantamento de dados que apresentaremos a seguir.

No entanto, convém esclarecer antes de iniciarmos esta tarefa, que ao lançarmos mão dos recursos de pesquisa que nos serviram de base encontrávamo-nos em franco processo de "crise técnica", ou seja, reconhecíamos a existência social de determinados fenômenos sem alcançarmos a definição de meios para sua captura e análise.

No nosso campo de interesse encontravam-se situadas as seguintes relações analíticas que constituem, de fato, níveis interpretativos da realidade urbano-metropolitana contemporânea:

- a relação entre ideologia e cultura urbanas
- a relação entre cultura e memória urbanas
- a relação entre memória e percepção atualizada do contexto social
- a relação entre percepção e vivência social
- a relação entre percepção, vivência e ação

Em um plano mais profundo de definição de interesse outras relações serviram de apoio para o esclarecimento das relações acima mencionadas. Estas outras relações seriam:

- a **relação sociedade-espaço**. No nosso caso essa relação encontrava sua base de manifestação no fenômeno metropolitano.
- a **relação espaço-cultura**. Esta relação absorvia

a indicação moderna, advinda dos estudos mais atualizados em sociologia urbana, de que deveríamos realizar esforços continuados no sentido de buscarmos a recuperação da preocupação inicial desta disciplina com os fenômenos culturais da vida coletiva, sem automatismos ou simplificações.

- a **relação memória individual-memória coletiva.**

Esta relação representou, no nosso percurso de conhecimento, o desafio iniciante. De fato, a colocação, como questão a ser enfrentada por nós, da memória do espaço metropolitano decorreu, sobretudo, da percepção básica da existência de processos ampliados de construção da memória coletiva que intervinham na possibilidade de reconhecermos a existência plena (pura) da memória individual, memória esta, tantas vezes, acionada como recurso de pesquisa e de construção de campos documentais em ciências sociais.

- a **relação entre fragmentação da vida metropolita**

na e controle social. Esta relação subsidiava o aprofundamento da observada contradição, pelo menos aparente, existente no confronto entre o caráter heterogêneo e multifacetado da vida coletiva nos espaços metropolitanos e a consolidação de marcos simbólicos capazes de deterem ampla adesão e de reafirmarem discursos aproximadamente padronizados sobre a vida urbana.

- a **relação entre espaço e mito.** Esta relação implicava na consideração destes discursos padronizados, referidos no item anterior, como expressão dos mitos modernos, ou seja, como versões simpli

ficadas e socialmente ágeis da vida coletiva. No entanto, a referência pretendida ao espaço obrigava-nos à articulação dos discursos que assumíamos como mitos ao meio ambiente socialmente construído da vida coletiva. Esta articulação implicava, assim, no recurso ao contexto simbólico da cidade, à sua "monumentalidade" como expressão de processos históricos acumulados pelo trabalho material e pela produção coletiva de imagens sociais.

- a relação entre imagens e mitos. O acionamento analítico da relação imagens e mitos decorreu da compreensão de que a nossa modernidade encontra expressão pragmática no recurso a múltiplas linguagens que orientam a comunicação social possível. O recurso, portanto, a imagens expressa a existência de processos coletivos de produção de sínteses; sínteses estas que significam, para nós, reflexos - momentaneamente cristalizados - da consciência coletiva. Por outro lado, as imagens possíveis, em determinados momentos da vida social, decorrem do acúmulo cultural coletivo de uma população e de sua capacidade de influir e receber influências, transformando-as em processos efetivos de comunicação. Neste sentido, o saber lidar com imagens - compreendidas como instrumentos de comunicação e compreensão do momento vivido - implica em complexos processos de aprendizagem cuja origem social não pode ser facilmente determinada e cujos mecanismos de apropriação e uso passam pelo impacto simultâneo da atuação de um amplíssimo campo de agentes sociais e áreas de influência. No entanto, estes

processos de influência, múltiplos e complexos, encontram sua tradução em objetos culturais com partilhados por uma determinada população, sejam estes objetos: letras de música, provérbios, frases de intenção poética, monumentos ou simplesmente expressões idiomáticas. Neste fluxo da comunicação social algumas imagens sintéticas da vida coletiva ganham em importância e em força definidora através de processos - de múltipla origem - que contribuem para sua fixação e imutabilidade.

- a relação entre imagem sintética e senso comum.

Na elaboração desta relação levantamos a hipótese central de que o ritmo e a heterogeneidade de contextos e papéis sociais que caracterizam a vida metropolitana contribuem para que ocorra a simultaneidade de dois processos com sentidos e consequências diversos: de um lado, a rápida absorção e desgaste dos produtos culturais que denominamos imagens ou visões sintéticas da vida coletiva e, de outro, o recurso continuado aos mesmos elementos culturais tornando-os recorrentes e de fácil apreensão e uso. Foi na busca deste último processo que detivemos a nossa atuação na medida em que poderíamos capturar estes processos com maior nível de facilidade e na medida em que estes processos poderiam colaborar para a compreensão de mecanismos sociais de consolidação do senso comum que se alimenta do acervo ideológico-cultural compartilhado por determinado conjunto humano. No desdobramento desta última reflexão compreendíamos que poderíamos, como meta analítica, associar a consolidação deste

processo de confirmação de verdades compartilhadas (senso comum) a processos de estereotípias e de cristalização de preconceitos sociais. Vimos tais processos, assim, como potencialmente capazes de reter a atenção social e potencialmente capazes, portanto, de orientar o controle sobre a emergência de projetos sociais alternativos para a vida coletiva.

Gostaríamos de salientar, neste momento, que a presente ordem de proposições e reflexões encontrou estímulo e apoio teórico-conceitual nos trabalhos de H.Lefebvre que constam da bibliografia, principalmente no que se refere à busca de compreensão da urbanidade moderna e à valorização dos elementos simbólicos e das imagens sintéticas da vida metropolitana.

Por fim, convém enfatizar que assumimos o espaço metropolitano - considerando, sobretudo, a nossa seleção do Rio de Janeiro - como espaço aberto, capaz, assim, de exercer o papel cultural-ideológico de campo intermediário de influências externas/internas ao país e, de campo de acumulação de experiências culturais.

A memória visual: recurso técnico e processo social

Ao longo do processo de identificação do teor histórico e prático da problemática delineada anteriormente chamou-nos a atenção a expansão contemporânea dos elementos técnicos que reforçam a memória visual de espaços e situações sociais. Diríamos, neste sentido, que encontramos-nos face tanto a processos que contribuem para a rápida materialização de imagens-sintéticas da vida coletiva que poderiam encontrar, antes, outros caminhos de expressão (poética, musical, proverbial) como a processos que contribuem para que as relações homem-homem e homem-espaço ganhem,

cada vez com maior rapidez, a sua tradução visual coletivamente compartilhada.

Tais processos indicariam a necessidade de considerarmos a tradução crescentemente corriqueira - construtora ativa do senso comum - de discursos-imagens verbais em imagens materializadas que dispensariam ou economizariam discursos; contribuindo, assim, para a consolidação dos meios técnico-profissionais da comunicação moderna. Esta consolidação seria correlata à agilização do ritmo da vida metropolitana e, ao lastreamento da linguagem visual e à adesão social ao uso dos recursos presentes nesta linguagem.

A manifestação desta linguagem pode ser encontrada na multiplicação dos signos tradutores dos chamados comerciais (logotipos, out-doors) que orientam os fluxos modernos nos espaços metropolitanos - substituindo antigas alfabetizações e sinais - e na ampliação do número de cursos de formação e de categorias profissionais decorrente da imposição econômica e cultural dos novos meios técnicos de informação e de produção de imagens visuais.

Além destes fatos, conviria salientar a extensão dos processos econômicos e sociais que implicam na banalização do recurso visual - por ex.: generalização da prática fotográfica e ampliação do acesso social a televisores e a produtos gráficos - e que contribuem para a possível presença crescente da linguagem visual na consciência e na memória coletivas.

Esta linha de reflexão levou-nos a introduzir, na pesquisa, a memória visual como plano analítico e prático de intermediação entre a memória individual e a memória coletiva; sendo trabalhada, nesta direção, a relação espaço-sociedade. O procedimento seguinte, a partir desta decisão de método, consistiu na busca de aproximações sucessivas do campo de fenômenos que compõem o que chamávamos de memória visual dos processos sociais e

que permitiriam a identificação dos mitos urbanos, ou seja, daquelas imagens sintéticas - transitoriamente cristalizadas - da vida coletiva no espaço metropolitano.

Optamos, no curso do processo de conhecimento em que se traduziram na prática as aproximações sucessivas entre imagens materializadas e mitos urbanos, por realizar uma reflexão preliminar do processo fotográfico através do qual ocorre o trabalho de síntese que resulta no produto visual singelo. A partir desta decisão abandonamos, provisoriamente, outras alternativas que implicariam na incorporação teórica das categorias antagônicas: cristalização-movimento/transformação. Entre estas alternativas poderíamos reconhecer filmes e vídeos, além daqueles processos que implicam, através do uso destes recursos expressivos, na transposição visual de outros processos sintéticos (por ex.: a emergência dos vídeo-clips).

A reflexão, mais detida, do processo fotográfico - através do recurso a bibliografia especializada - levou-nos a reconhecer a existência de novas mediações entre produto visual e mitos urbanos. Entre estas mediações devemos nos referir à relação básica sujeito-objeto, ou seja, ao pleno reconhecimento da fotografia como fruto da produção humana socialmente possível em determinado tempo e lugar. Este reconhecimento, uma vez incorporado com alguma solidez à nossa reflexão, permitiu-nos acompanhar as indicações de alguns autores que apontavam para a fotografia como expressão material da relação objetividade-subjetividade: "A fotografia é, antes de tudo, uma deliberada organização da sensação, obtida pelo uso ordenado de uma linguagem essencialmente visual" (Luis Humberto).

No entanto, estes mesmos autores tendiam a indicar, também, que a compreensão da particular relação subjetividade/objetividade da qual decorre o produto visual fotografia implica na observação integrada de mais duas mediações essenciais: a relação entre o produto visual e a evolução da técnica

ca; evolução esta que implica na consideração do acesso socialmente desigual a produtos, instrumentos e outras técnicas complementares da fotografia.

- a relação entre produto visual e mercado. Esta relação se traduzia, sobretudo, na integração do produto visual fotografia à categoria mercadoria e, assim, às imposições do lucro que regem a circulação capitalista. Neste sentido, a fotografia poderia ser analisada, também, como produto visual - síntese visual materializada e reproduzível em série - decorrente da percepção sensível de necessidades coletivas capturáveis pelo processo dominante de circulação de mercadoria.

Através da incorporação à nossa reflexão destas últimas mediações procuramos estabelecer os vínculos que permitiriam a articulação entre o nosso interesse básico dirigido à identificação e análise dos mitos urbanos e o processo fotográfico.

Nesta direção, a relação que procuramos estabelecer entre fotografia e mitos urbanos impunha-nos a compreensão da própria fotografia como fato coletivo. Esta compreensão exigia a superação analítica do âmbito de criação inicial da própria fotografia onde predominavam, as mediações sujeito-objeto e subjetividade-objetividade. Realmente, o avanço da nossa reflexão dependia da incorporação à análise do caráter intermediário da fotografia como expressão sintética de processos sociais e necessidades coletivas. Desta maneira, condicionávamos o ato criador da fotografia ao seu alcance generalizado - à extensão da sua comercialização - e às leis sociais que permitem a transformação em mercadorias de necessidades e sentimentos coletivos.

Este encaminhamento dado às nossas intenções de pesquisa guardava correspondência com a amplitude, acima referida, do recurso coletivo à linguagem visual e com a compreensão

dos mitos urbanos como expressão - temporariamente fixa - de percepções compartilhadas da vida coletiva; percepções estas de fácil uso e amplo consumo.

Pensávamos, portanto, que os mitos urbanos - em quanto produtos coletivos histórica e socialmente condicionados - poderiam ser trabalhados através de sua materialização e cristalização em imagens (fotografias). Imagens que traduzissem a rigidez relativa e a capacidade de alcance da adesão social que atribuíamos a estes elementos da vida coletiva que denominávamos mitos.

Imagens e estereótipos: as sínteses possíveis

A intenção de trabalharmos com produtos visuais da sociedade contemporânea, como apoio material da análise da fugacidade dos mitos urbanos, baseia-se na aceitação do desafio contido na proposta de R. Barthes (Mitologias): "Seria (...) totalmente ilusório fazer uma discriminação substancial entre os objetos míticos; já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo, tudo pode ser mito? Sim, creio que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo."

É evidente, a partir desta citação, que encontramos nos face a uma abordagem que privilegia o discurso e a sua estrutura; sendo os objetos que o acionam incorporados enquanto pontos de apoio da intenção de comunicação e, enquanto elementos de sustentação de padrões de sociabilidade expressos e reafirmados no processo de comunicação: "o mito é uma linguagem"; "o mito é uma fala"; nas palavras do autor. O desvendamento do mito exigiria, do

analista, a capacidade de distinguir na relação sentido-forma (objeto) o caráter deformante que denuncia esta relação como portadora do mito.

No nosso caso, interessamo-nos, sobretudo, pela materialidade do mito já que ganha em importância, para nós, a própria escolha da forma e seu caráter reiterativo, caráter este que contribuiria, potencialmente, para o empobrecimento do cotidiano urbano-metropolitano e para a consolidação do senso comum. Assim, preocupam-nos os processos sócio-culturais nos quais ao mesmo conjunto de objetos urbanos sejam atribuídos sentidos homogêneos.

Nestes últimos processos ocorreriam limitações ao conteúdo simbólico das formas que seriam correlatas à fixação da vida coletiva em torno de um elenco relativamente restrito de valores. Tal fixação nos informaria, também, sobre as interpretações da vida coletiva e sobre o papel exercido nestas interpretações pelos objetos urbanos.

Por outro lado, ao optarmos pelo uso do produto visual-fotografia e, não, pelo recurso à observação direta dos objetos urbanos iniciamos, conforme dito acima, a reflexão da produção social da memória e pela articulação, nesta intervenção, das leis de mercado e da técnica.

Na elaboração do roteiro pragmático da pesquisa adotamos, como procedimento, o recurso à produção controlada de "processos de estranhamento" superpostos:

- o primeiro processo de estranhamento encontra-se referido ao tratamento do olhar analítico da própria pesquisadora. O Rio é o nosso "lugar vivido" e se este fato contribuiu para que os limites da liberdade da memória individual pudessem ser percebidos em nossa experiência cotidiana de vida, impõe, por outro lado, a sua incorporação crítica no curso do processo de pesquisa;

- através do reconhecimento deste fato inicial - origem, aliás, da própria pesquisa - adotamos, no primeiro experimento que compõe este estudo, uma aproximação radical do nosso espaço usual de vida; ensaiando, assim, a produção do distanciamento indispensável à análise. Este estudo foi realizado entre jovens da idade de minhas próprias filhas - que levantaram as informações - alunas de uma tradicional escola frequentada pela classe média da zona sul do Rio de Janeiro;
- no curso deste experimento ocorre o terceiro processo articulado de estranhamento, através da captura do olhar destes jovens, habitantes da metrópole e portadores do seu senso comum em determinadas articulações espaço-tempo.

Iragens sintéticas: os instrumentos de pesquisa

A nossa concepção do mito urbano e da sua correlata base material não encaminhava a nossa reflexão para a reafirmação da magnificência do símbolo (inserido, pelos analistas, acima dos sinais e dos signos) mas, ao contrário, para a sua banalidade. Esta banalidade construía-se, no nosso caminho de conhecimento, através da inserção, na análise, da categoria senso comum e através da compreensão da capacidade da comunicação humana de moldar-se em elementos fixos e recorrentes, de fácil uso e reiterativos de uma determinada estrutura de crenças e valores. Assim, o caráter potencialmente simbólico de um determinado objeto urbano não seria, a princípio, contraditório com a sua vulgaridade.

De fato, a banalidade, na nossa concepção, não seria produzida simplesmente pelo fato do recurso a objetos míticos ser genérico. Esta posição seria correlata a uma postura social

mente excludente e apoiada, provavelmente, sobre um elogio ao raro, ao excepcional, que na nossa sociedade passa pela tradução dos objetos em valores econômicos de restrito acesso. Ao contrário, a banalidade seria, para nós, produzida por processos sociais de estereotipia, de recorrência e fixação, de produção aguda de clichês.

Esta produção de clichês, pelo recurso que realizamos à interveniência da memória visual, exigia de nós a busca de produtos visuais que guardassem correspondência com a recorrência e a simplificação que atribuíamos ao mito. Foi numa postura coerente com esta percepção inicial do mito-imagem que adotamos o clichê visual cartão postal como elemento acionador da memória estereotipada que desejávamos capturar e analisar.

Em decorrência do rumo assumido pela pesquisa optamos, no primeiro estudo, pelo uso simultâneo de questionários e imagens-clichês. Assim, oferecemos aos jovens entrevistados a possibilidade de realizarem as associações possíveis entre imagens estereotipadas e clichês verbais que constituem o senso comum (pré-conhecido por nós) do habitante da cidade. Este pré-conhecimento, em sua própria banalidade intrínseca, transformava o experimento em um jogo de entendimentos mútuos que poderia gerar desde a recusa ao trabalho de reflexão sobre o banal até a total adesão ao "já sabido".

De forma mais clara, o experimento constituiu-se no confronto dos jovens com um álbum de cartões postais - dedicados, a princípio, ao olhar externo à cidade - associado a um questionário curto, de rápido preenchimento. A opção pelo questionário rápido encontra sua base de apoio nas próprias condições práticas de realização do levantamento, ou seja, no pátio da escola, num curto período de recreio. Podemos afirmar, neste ponto, que o experimento transformou-se em um jogo de adesões às recorrências presentes nos instrumentos; tendo sido caracterizado, com clare -

za, um processo de busca - pelos entrevistados potenciais - da possibilidade de colaborarem no levantamento.

Perfil de uma população consumidora

Gostaríamos de realizar, antes da apresentação dos resultados, uma reflexão preliminar sobre o grupo pesquisado. Trata-se de um conjunto de jovens entre 10 e 19 anos que, em 1986 (ano do levantamento), encontravam-se cursando o 1º Grau ou o 2º Grau da escola tradicional da zona sul anteriormente referida.

Número de questionários aplicados		
1º Grau	2º Grau	TOTAL
40 (77,0)	12 (23,0)	52 (100,0)

Trata-se de um conjunto de jovens ainda dependentes de suas famílias e que compõem parte da população exclusivamente consumidora da cidade. Basicamente em processo de conclusão das etapas intermediárias da formação escolar surgem ao olhar do analista como agentes de consumo de bens e serviços mas, também, de consumo dos elementos simbólico-materiais do lugar que habitam.

<u>1º Grau</u>		<u>2º Grau</u>	
5ª série	2	1ª série	1
8ª série	27	2ª série	0
Não detalhou	11	3ª série	9
		Não detalhou	2
TOTAL	<u>40</u>	TOTAL	<u>12</u>

Encontram-se, em sua maioria, em plena fase de adolescência mantendo com a cidade rotinas de consumo marcadas, rigidamente, pelas expectativas de classe e pelo controle familiar. Nas palavras de uma entrevistadora :

- "Como voce descreveria a vida corrente das meninas da 8ª série ?
- A vida delas fora do colégio, na sua maioria , é ir à praia e frequentar danceterias no fim de semana.
- Existem comentários de passeios ? De esportes?
- Todos os passeios e esportes são para a região do Lagos ou dentro da zona sul do Rio, frequentando muitos clubes."

Ao lado das rotinas de consumo, as apreensões alternativas da vida urbana, através da intervenção da escola, encontram-se basicamente restringidas.

- "Em geografia, voces estudam a cidade ?
- Não
- E em outras disciplinas ?
- Só por comentários do professor de História e de OSPB que era o mesmo o ano passado."

Assim, as jovens compõem a maioria da nossa amostra, já que tendem a constituir mais que os jovens, os pequenos grupos que se reúnem nos horários livres da rotina escolar; grupos estes que mais facilmente se interessavam pela pesquisa.

Distribuição Etária			
Escolaridade Idade	1º Grau	2º Grau	TOTAL
10	1 (2,5)	-	1 (1,92)
11	1 (2,5)	-	1 (1,92)
12	-	-	-
13	1 (2,5)	-	1 (1,92)
14	26 (65,0)	1 (7,7)	27 (51,92)
15	9 (22,5)	1 (7,7)	10 (19,23)
16	2 (5,0)	2 (15,4)	4 (7,69)
17	-	5 (38,4)	4 (9,61)
18	-	3 (23,1)	4 (7,69)
19	-	1 (7,7)	1 (1,92)
TOTAL	40 (100,0)	13 (100,0)	52 (100,0)

Distribuição por Sexo			
Escolaridade Sexo	1º Grau	2º Grau	TOTAL
Feminino	31 (77,5)	8 (66,7)	39 (75,0)
Masculino	9 (22,5)	4 (33,3)	13 (25,0)
TOTAL	40 (100,0)	12 (100,0)	52 (100,0)

Idade, Sexo e Grau de Ensino				
GRAU Sexo Idade	1º Grau		2º Grau	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
10	1	-	-	-
11	1	-	-	-
12	-	-	-	-
13	1	-	-	-
14	19	6	1	-
15	7	3	1	-
16	2	-	2	-
17	-	-	1	1
18	-	-	1	1
19	-	-	1	-

Trata-se, ainda, de um grupo de jovens que, em sua grande maioria, nasceu no Rio de Janeiro. Aqueles que não nasceram aqui na metrópole, vivem no Rio por tempo superior a mais da metade de suas vidas.

Rio, como lugar de nascimento

Lugar de Nascimento	Escolaridade		
	1º GRAU	2º GRAU	TOTAL
Sim	32 (80,0)	10 (83,3)	42 (80,8)
Não	8 (20,0)	2 (16,7)	10 (19,2)
TOTAL	40 (100,0)	12 (100,0)	52 (100,0)

Rio, como lugar de fixação (não nascidos na cidade)

- 1º GRAU -		
Lugar de Nascimento	Idade	Tempo de Moradia
Friburgo	14	7 anos
Belo Horizonte	14	8 anos
Belém	15	4 meses
Campinas	15	9 anos
Salvador	14	11 anos
Belém	14	6 anos
Volta Redonda	14	11 anos
Minas	15	7 anos

- 2º GRAU -		
Lugar de Nascimento	Idade	Tempo de Moradia no Rio
Belo Horizonte	17	15 anos
Salvador	17	11 anos

Imagens sintéticas - uma classificação possível

O nosso ordenamento das imagens - produtos visuais (cartões postais) - obedeceu a uma tentativa de cobertura de um elenco de temas que constituem o padrão aceito de leitura do espaço da cidade. Trabalhamos, assim, a partir do conjunto de imagens estereotipadas que constituem a expressão visual destes temas - discursos padronizados. Trata-se de um conjunto de imagens confirmadoras de crenças ; crenças estas que, através destas imagens, poderiam, por hipótese, ser rapidamente apropriadas por uma população habitante de outros espaços e lugares.

No entanto, a intenção posta neste processo de seleção e ordenamento de imagens era a de confrontar estas possíveis leituras interno-externas com a percepção e a aceitação destas imagens-leituras por um grupo habitante da cidade. Este conjunto de jovens, em situação social relativamente privilegiada, tinham na cidade e em seu marco físico a concretização do conceito "espaço vivido" e, portanto, a possibilidade de apresentarem outras imagens-leituras da cidade. Considerávamos nesta proposta, sobretudo, o fato de que estávamos lidando com um grupo no qual a adolescência poderia permitir a manifestação de intenções de descoberta e de reinterpretação dos verdadeiros lugares-comuns que constituem o cotidiano.

A nossa classificação de imagens permitiu a montagem de uma tipologia preliminar de produtos visuais que viabilizava o aguçamento, ou não, das leituras-clichês do espaço da cidade.

Assim, procuramos produzir certas mediações que propiciassem - ainda dentro da estereotipia visual - a emergência de planos de leitura contrastantes e diferenciados. Introduzimos, desta forma, ao lado das imagens turísticas típicas da cidade, aquelas imagens que pudessem indicar o espaço-consumo dos próprios jovens entrevistados e aquelas imagens que permitissem o contraste passado-presente.

Além destas mediações, construímos outras que contemplavam a apropriação difusa da vida urbana; a modernidade materializada; a naturalização da cidade.

Classificação das Imagens

Tipo	Nº do Cartão	Síntese (proposta)	Figura
1	1	imagem monumental clássica (universal) Rio - cidade maravilhosa	.Cristo Redentor
2	2,3,4	imagem monumental clássica (particular) Rio-cidade (I)	.Igreja Nossa Senhora da Penha .Igreja de Nossa Senhora da Candelária .Quinta da Boa Vista
3	5,6,7 e 8	monumentalidade moderna "Rio - grandes obras"	.Arcos da Lapa com Nova Catedral Metropolitana .Maracanã .Ponte Presidente Costa e Silva (Rio-Niterói) .Nova Catedral Metropolitana

(continuação)

Tipo	Nº do Cartão	Síntese (proposta)	Figura
4	9,10,11	visão urbana diferenciada "Rio-cidade " (II)	.Rio-Sul e adjacências .Lapa - Santa Teresa .Avenida Presidente Vargas
5	12,13,14 e 15	visão turística "Rio - cidade turística"	.Praia de Ipanema .Praia, com jovens .O Cristo face à cidade (zona sul) .Pão de Açúcar
6	16,17,18	cenário - água, esporte e espaço livre "Rio - cidade aberta"	.Lagoas da Barra da Tijuca .Baía da Guanabara .Praia de São Conrado e vôo livre
7	19,20	paisagem natural (diluição do homem) "Rio - cidade natureza"	.Cristo Redentor e Floresta da Tijuca .Pôr-do-sol em Ipanema
8	21,22	A festa, o folclore e a noite "Rio - cidade festa"	.O Carnaval no Sambódromo .Luzes da cidade

Imagens-sintéticas: roteiros de leitura da cidade e da vida urbana

A nossa classificação inicial foi posta em teste, ao longo do processo de pesquisa, através da introdução, no questionário, da possibilidade de obtenção de explicação para a escolha da imagem. Assim, poderia ocorrer um processo de não correspondência entre a intenção do pesquisador ao relacionar determinada imagem e a sua apropriação pelo jovem entrevistado.

A primeira questão solicitava ao entrevistado que indicasse a imagem que melhor expressaria o Rio. Na análise da resposta dada a esta questão observamos que os mais jovens dispersam a sua escolha por um número amplo de imagens. No entanto, observamos, também, uma tendência acentuada à concentração nas imagens 14 e 22, ou seja, naquelas que expressariam, segundo a nossa pré-classificação, as leituras padronizadas: Rio - cidade turística; Rio - cidade festa.

Já os jovens que cursavam, na ocasião, o segundo grau, tenderam a concentrar sua seleção nas imagens de número 10 e 14, ou seja, aquelas que corresponderiam às leituras "visão urbana indiferenciada" (um dos nossos níveis de teste) e "Rio - cidade turística", sendo que esta última seleção ainda foi, mesmo para estes jovens, mais acentuada que a anterior.

Imagem-sintética - expressão do Rio

Nº da Imagem	1º GRAU	2º GRAU
1	1 (2,6)	-
2	-	1 (8,3)
3	-	-
4	-	-
5	1 (2,6)	-
6	2 (5,3)	-
7	-	-
8	-	-
9	1 (2,6)	-
10	-	1 (8,3)
11	1 (2,6)	2 (16,7)
12	2 (5,3)	2 (16,7)
13	-	1 (8,3)
14	9 (23,7)	2 (16,7)
15	1 (2,6)	-
16	-	-
17	-	-
18	1 (2,6)	-
19	-	-
20	3 (7,9)	-
21	4 (10,6)	-
22	12 (31,6)	3 (25,0)
TOTAL (respos tas válidas)	38 (100,0)	12 (100,0)

Dupla Indicação: 1 (fig. 14 e 22)

Não Responderam: 1

Com o propósito de esclarecer, um pouco mais, o teor destas imagens, passamos rapidamente a descrevê-las: imagem 10 - visão do centro da cidade sem detalhes; imagem 11 - idem; imagem 12 - praia de Ipanema vista do alto; imagem 13 - jovens na praia; imagem 14 - Cristo e visão da zona sul; imagem 22 - Rio à noite, cidade iluminada.

A tabela apresentada, a seguir, demonstra com mais nitidez a concentração das respostas em alguns dos tipos em que

foram pré-classificadas as imagens sintéticas propostas por nós:

Tipos de imagem-sintética: expressão do Rio

Tipos de Imagens	1º GRAU	2º GRAU	TOTAL
1	1 (2,6)	-	1 (2,0)
2	-	1 (8,3)	-
3	3 (7,9)	-	3 (6,0)
4	2 (5,3)	3 (25,0)	5 (10,0)
5	12 (31,6)	5 (41,7)	17 (34,0)
6	1 (2,6)	-	1 (2,0)
7	3 (7,9)	-	3 (6,0)
8	16 (42,1)	3 (25,0)	19 (38,0)
TOTAL	38 (100,0)	12 (100,0)	50 (100,0)

dupla indicação: 1 (tipo 5 e tipo 8)
 não aceitou a
 questão: 1

Com a leitura desta tabela fica-nos nítida a recor-
 rência daquelas imagens que acentuam o olhar externo sobre a cida-
 de: Rio - cidade turística e, daquelas imagens que acentuam o usu-
 fruto circunstancial, a "festa".

O processo de espelhamento produzido pela presen-
 ça do olhar externo esteve claramente presente na escolha realiza-
 da pelos jovens que cursavam, na ocasião da pesquisa, o primeiro
 grau. Assim, foram recorrentes explicações do seguinte teor para
 a seleção da imagem 12 (visão aérea do Cristo e da zona Sul):

"Porque há muito tempo passa de boca em boca por aí que o Rio de Janeiro é a cidade das praias. Quando em outra cidade se fala do Rio logo se diz: a cidade das praias." (sexo feminino, 14 anos)

"Porque além de mostrar um dos grandes pontos turísticos do Rio, mostra uma parte da cidade e uma parte do mar." (sexo feminino, 13 anos)

"Porque apesar do Rio não estar nas suas melhores condições, ainda possui lugares muito bonitos e um dos mais bonitos, aqui e fora do país, é a imagem do Corcovado com a cidade." (sexo masculino, 14 anos)

"Porque mostra como o Rio é realmente. Demonstra a vida agitada que esta cidade leva. Demonstra a beleza do relêvo, da vegetação. E também mostra o ponto mais pitoresco, que lembra a nossa cidade em qualquer parte do mundo." (sexo feminino, 14 anos)

"Porque é o monumento mais conhecido do Rio de Janeiro. O Cristo Redentor é conhecido internacionalmente como o símbolo do Rio, é uma das belezas mais procuradas. (...) E para mim, se tem alguma imagem a expressar o Rio, esta se encaixa perfeitamente." (sexo feminino, 16 anos)

Desta forma, verifica-se a recorrência de um padrão explicativo que apropria-se da imagem para a reafirmação de valores que encontrariam no olhar externo (de outros lugares, daqueles que chegam) a confirmação de sua correção. Além deste fato, convém salientar a presença do olhar "de cima", ou seja, a seleção daquelas imagens que absorvem uma certa totalidade imprecisa e que acentuam a distância da percepção com relação ao marco construído. Este é o caso da imagem 12 e, também, da imagem 22

(visão noturna da cidade, iluminada) que encontrou a seguinte ordem de explicações para a sua seleção:

"Porque nela eu acho que podemos ver toda beleza do Rio melhor à noite e também toda a beleza da Baía de Guanabara." (sexo masculino, 14 anos)

"Porque demonstra não só a grandeza como a agitada vida noturna que tanto fascina os turistas." (sexo feminino, 14 anos)

"Porque ela demonstra a cidade do Rio iluminada e alegre como ela é." (sexo feminino, 14 anos)

Trata-se, como expressam os exemplos anteriores, da aceitação de imagens que expressem, com a maior nitidez possível, conceitos-chave retirados de um conjunto estreito de valores, tais como: beleza e grandeza. A relação com a cidade encontra-se marcada por um certo teor contemplativo, sinônimo daquele que, por hipótese, caracterizaria os que por ela passam com a intenção básica do consumo e do usufruto circunstancial.

Ao longo da análise das respostas obtidas entre os jovens que cursavam o segundo grau pode ser observado um elenco mais amplo de explicações para a escolha da imagem que melhor expressaria a cidade. Além deste fato, observamos, ainda, o recurso a um discurso mais elaborado no qual encontram-se presentes elementos analíticos e uma certa intenção de absorção de ambiguidades face à padronização das imagens apresentadas. No entanto, não ocorreu, de fato, a recusa à seleção. Trata-se, ainda, de um grupo com vivência restrita e que, como os jovens do primeiro grau, não encontram na formação escolar outras leituras possíveis do espaço metropolitano. Nas palavras da entrevistadora, também aluna:

"- Vocês estudam a cidade no curso ?

- Não. Nenhuma cidade em particular.

- Nem em geografia, história, OSPB ?
- Não, só em geografia mas, a parte econômica, o Estado.
- Você acha que estas pessoas conhecem bem o Rio?
- Essa parte bela.
- Fale mais sobre isto.
- Eles moram na zona Sul e só conhecem as praias. É difícil alguém que já tenha ido na cidade sozinho. Da zona Norte não conhecem absolutamente nada.
- Como você descreveria o dia-a-dia destas pessoas ?
- Colégio, cursinhos e, nos fins-de-semana, praia e boate.
- Existe algum tipo de esporte ?
- Tem é ginástica, musculação. É o que tem mais.
- Você diria que estas pessoas são viajadas ?
- Elas não conhecem os lugares. Elas vão mas, só para ver a beleza também, como o Rio. E na maioria, vão para casa de campo, região dos Lagos."

De fato, a seleção de imagens realizada por estes jovens implicou no afastamento de qualquer imagem que se referisse a trechos do marco construído situados além do centro da cidade. A única exceção - seleção da imagem 2 - implicou no apagamento da Igreja da Penha e na recuperação isolada da mata que, presente na figura, não existe mais.

"Por causa da paisagem tropical e também porque o Rio de Janeiro é lindo e esta imagem é a que representa melhor a beleza dessa cidade maravilhosa." (sexo feminino, 14 anos)

A apreensão da vida urbana diária surgiu, apenas ,

numa das respostas que, referida a uma imagem do centro da cidade, articulou cotidiano e trabalho:

"Porque a maior parte das pessoas que habitam o Rio de Janeiro concentra-se no centro, ou seja, trabalham no centro da cidade, pois eu acho bonito o povo trafegando nas ruas, se encontrando, contando as novidades, etc." (sexo feminino, 19 anos)

Convém acrescentar que, ainda entre estes jovens no fim da fase de adolescência, ocorre a preferência por imagens que privilegiem o olhar "do alto" e que reforcem os conceitos de beleza. Este é o caso da seleção da imagem 22 (Rio - festa, noite e luzes):

"Porque nesta imagem é mostrado (sic) simultaneamente a beleza da cidade, o mar e o famoso ponto turístico do Rio, que é o Pão de Açúcar." (sexo feminino, 17 anos)

"Porque mostra o Rio todo, do jeitinho bem fascinante. Toda a beleza, todo o amor que existe neste Estado para dar aos estrangeiros, turistas." (sexo feminino, 16 anos)

"A imagem número 22 representa para mim a vida noturna carioca e a escolho porque a noite é como a sociedade, escondendo, abafando os problemas sociais, a pobreza, a miséria, os crimes, tudo na noite desaparece." (sexo masculino, 17 anos)

Imagens-sintéticas: os símbolos possíveis

No início do relato deste estudo procuramos trabalhar com uma ótica com relação aos símbolos que reduzisse o caráter grandiloquente que, com frequência, é atribuído a estes elementos do texto urbano. Ao contrário, salientávamos sua possível pobreza na medida em que o seu caráter recorrente poderia nos assinalar a presença de processos sócio-culturais nos quais à mesma forma estivesse sendo continuamente articulado um conjunto recorrente de valores.

Naturalmente, reconhecemos aqui, a precariedade do nosso experimento na medida em que deixamos aos entrevistados a apropriação livre do conteúdo da palavra "símbolo".

Assim, em nossa segunda questão, solicitávamos que fosse indicada a imagem - produto visual - que, para o entrevistado, seria o símbolo da cidade. Ocorre, como podemos verificar na tabela a seguir, um processo ainda mais acentuado de concentração de escolhas tanto entre os mais jovens como entre os que encontravam-se no fim da adolescência, na ocasião da pesquisa.

Imagem-sintética: símbolo do Rio

Nº da Imagem	1º GRAU	2º GRAU
1	8 (21,6)	4 (36,3)
2	-	-
3	-	-
4	-	-
5	1 (2,7)	-
6	-	-
7	-	-
8	-	-
9	-	-
10	-	-
11	-	-
12	4 (10,9)	1 (9,1)
13	2 (5,4)	-
14	11 (29,7)	3 (27,3)
15	-	-
16	-	-
17	-	-
18	-	-
19	1 (2,7)	1 (9,1)
20	1 (2,7)	-
21	6 (16,2)	-
22	3 (8,1)	2 (18,2)
TOTAL	37 (100,0)	11 (100,0)

2 casos de dupla indicação de imagens (1 e 12; 21 e 22)
 1 caso de recusa de seleção

A imagem isolada do Cristo Redentor consegue a sua seleção pelos entrevistados como símbolo da cidade, num claro deslocamento dos resultados obtidos com a aplicação da questão anterior. Ocorre, ainda, a concentração observada antes, porém, agora mais aguda, na imagem 14 (visão aérea do Cristo com a zona Sul). Pode ser verificada, por fim, a emergência, entre os mais jovens, da imagem 21 que apresentava cenas de Carnaval situadas no Sambódromo.

Estas indicações ganham em clareza quando reunimos as imagens à pré-classificação em tipos que orientou o nosso próprio processo seletivo.

Tipos de imagem-sintética: símbolo do Rio

Tipos de Imagem	1º GRAU	2º GRAU	TOTAL
1	8 (21,6)	4 (36,4)	12 (25,0)
2	-	-	-
3	1 (2,7)	-	1 (2,1)
5	17 (45,9)	4 (36,4)	21 (43,7)
6	-	-	-
7	2 (5,4)	1 (9,1)	3 (6,3)
8	9 (24,4)	2 (18,1)	11 (22,9)
TOTAL	37 (100,0)	11 (100,0)	48 (100,0)

Conforme a orientação adotada na nossa pré-classificação de imagens, a concentração no tipo 1 indicaria a presença da leitura "Rio - cidade maravilhosa" expressa em imagem monumental clássica de sentido extrovertido (universalizante). Já, conforme dito antes, o tipo 5 guardaria relação com "Rio - cidade turística" como roteiro de leitura do espaço urbano, enquanto que

a concentração no tipo 8 salientaria a leitura da festa e do usu fruto.

De fato, os discursos que procuram a explicação pa-
ra a seleção do tipo 1, entre os mais jovens, tendem, em parte,
a salientar a leitura extrovertida:

"Porque Cristo vive conosco e é uma coisa muito le-
gal quando eu vou lá e vejo tantos e tantos turis
tas admirando-o." (sexo feminino, 14 anos)

"Porque todos conhecem o Cristo Redentor como o lu
gar mais belo da cidade, por ter a melhor vista da
cidade inteira." (sexo feminino, 14 anos)

Por outro lado, observa-se, também, a adição a es-
ta imagem de valores imediatos de origem religiosa:

"Porque a cidade do Rio de Janeiro cresce em volta
do Cristo, como uma espécie de oferenda a ele." (se
xo feminino, 14 anos)

"Porque esta imagem foi uma pessoa que até hoje to-
dos respeitam." (sexo feminino, 10 anos)

Esta mesma dicotomização pode ser identificada en
tre os jovens que cursavam o segundo grau no período do levanta-
mento de dados. Por exemplo:

"O Cristo é o símbolo que melhor pode representar o
Rio de Janeiro pois é o seu portão de entrada ..."
(sexo masculino, 18 anos)

"Porque o Cristo Redentor representa o espírito de
religião do povo e de quem o povo espera a sua pro
teção." (sexo feminino, 19 anos)

Ocorre a manifestação de um duplo processo de reforço que concentra-se na imagem que adquire, assim, a capacidade de sintetizar elementos míticos de múltipla origem: beleza, proteção, força, grandeza, generosidade, respeito. Desta imagem - apesar do desafio técnico que representou sua instalação e representa a sua manutenção - estão afastados quaisquer valores associados a trabalho. Aliás, em documento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dedicado à enumeração dos monumentos da cidade, podemos localizar o mesmo padrão de discurso: "Começamos pela Estátua do Cristo Redentor, do Corcovado, não só porque ele é Deus e como tal deve ter precedência sobre as dos homens, mas também porque é a maior estátua do Rio; a mais conspícua porque é vista de qualquer ponto da cidade; porque ela acolhe com os braços carinhosamente abertos, todos os viajantes que chegam ao Rio de Janeiro por terra, por mar ou pelo ar, e acompanha com o olhar meigo e protetor todos aqueles que partem."

No mesmo sentido do Tipo 1, a seleção, como símbolo da cidade, da figura 14 (o Cristo visto do alto e a zona Sul) adquire, nesta segunda seleção, a mesma dupla conotação de símbolo para o exterior e símbolo religioso; tendendo, assim, a ser reduzida a importância atribuída, anteriormente, às praias ou ao possível lazer sintetizado no trecho da cidade que compõe o pano de fundo da imagem. Este fato pode ser observado, com igual intensidade, nos dois grupos de jovens. Exemplos no segundo grau:

"Porque o Corcovado e sua maravilhosa vista são muito conhecidos no exterior ..." (sexo feminino, 16 anos)

"Porque ele sempre foi e sempre será o nosso símbolo, pois com uma imagem tão bela é Ele abençoando a cidade." (sexo feminino, 16 anos)

A contra-face do sentido simbólico atribuído ao Cristo encontra-se localizada na imagem 21 (Carnaval - Sambódromo), imagem terrena, no chão, feita com pessoas e em movimento, ainda que cristalizado. Ocorre, em parte, com a apropriação desta imagem, o mesmo processo, observado antes, de aceitação privilegiada do olhar externo.

"Porque todo mundo sabe, que em fevereiro, o que traz a quantidade de turistas que vem ao Rio, é o carnaval carioca que é até considerado (por algumas pessoas) como o maior espetáculo da Terra e sem dúvida chega perto ..." (sexo masculino, 14 anos)

Em um outro caminho de apropriação a imagem transforma-se em portadora de elementos míticos atribuídos ao povo da cidade: alegria, ritmo corporal, expansão, animação. Tomemos, como exemplos, as seguintes linhas explicativas:

"Porque o nosso povo é muito alegre e o Carnaval é uma das festas mais alegres desta Cidade Maravilhosa. Muito conhecido no exterior." (sexo feminino, 15 anos)

"Porque o samba é, na verdade, a nossa maior característica. O carioca é conhecido como alguém que tem magia nos pés. É realmente o que mais me lembra o Rio." (sexo masculino, 14 anos)

Em todo este processo de levantamento de imagens-sintéticas da cidade só ocorreu um caso de recusa, assim expresso: "Pois nelas (imagens) aparecem apenas as coisas bonitas do Rio, demonstra a face superficial da cidade sem se aprofundar no seu aspecto real, aquele que não existe apenas as coisas belas, mas que também está cheia de problemas a serem resolvidos" (sexo feminino, 14 anos). As demais não-respostas expressaram resistên-

cia à aceitação de um único símbolo para a cidade e, não, a recusa ao processo de associação de idéias (ideais) proposto pelos instrumentos de pesquisa. Por exemplo:

"Mas se numa imagem pudessemos reunir o Cristo Redentor, o Pão-de-Açúcar, o Carnaval, as praias e o Maracanã, seria perfeito." (sexo feminino, 14 anos)

"Eu acho que símbolo mesmo seriam as imagens 1,21, 15 e 12, porque o Rio é o mar, o Cristo, o Pão-de-Açúcar e o Carnaval." (sexo feminino, 14 anos)

A última questão do questionário, aplicado a este conjunto de jovens, propunha um exercício de criação simbólica, ou seja, a proposta de outra imagem-símbolo na ausência de aceitação das imagens oferecidas. A aceitação deste exercício foi extremamente rara:

"Sim. Eu proponho um cartão que pudesse conter as favelas, Maracanã, Corcovado, Pão-de-Açúcar, etc. Mas que contesse (sic) principalmente os "bastidores" do Rio: favelas, pobreza, fome. O Rio tem que ser encarado assim: com seus lados bons, prosperando e trazendo lucros para o Brasil, e seu lado pobre, que mostrasse o quanto precisamos mudá-lo." (sexo feminino, 15 anos)

"Acho que falta uma imagem da realidade do Rio porque além da beleza tem a pobreza." (sexo feminino, 14 anos)

De fato, na execução deste exercício de criação cabe observar que a tônica é a crítica à imagem segunda, isto é, à própria coleção oferecida à observação e, não exatamente, ao cará

ter simbólico reiterativo das imagens primeiras, dos objetos selecionados no texto urbano. Assim, cobra-se um conteúdo mais realista ao conjunto de imagens oferecido, sem a crítica correlata ao processo reiterativo da estrutura simbólico-mítica correntemente utilizada.

Imagens-sintéticas: elementos de juventude e sexualidade

A maior concentração da nossa amostra ocorre nas idades 14 e 15 anos, distribuída entre as últimas séries do primeiro grau e as iniciantes do segundo grau. Foram estes jovens, preponderantemente do sexo feminino, que realizaram a escolha de imagens da cidade entre as dos tipos 5 e 8; aquelas reforçadas pelo olhar de fora, dos que "escolhem" vir à cidade e aquelas que expressam o ato da festa, do consumo.

Distribuição etária dos tipos de imagem: expressão do Rio

Tipos de Imagens Idade	1	2	3	4	5	6	7	8	TOTAL
10	-	-	1	-	-	-	-	-	1
11	-	-	-	-	1	-	-	-	1
12	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	-	-	-	-	1	-	-	-	1
14	1	1	2	2	4	1	1	13	25
15	-	-	-	-	5	-	2	3	10
16	-	-	-	2	1	-	-	1	4
17	-	-	-	1	2	-	-	2	5
18	-	-	-	-	2	-	-	-	2
19	-	-	-	1	-	-	-	-	1
TOTAL	1	1	3	6	16	1	3	19	50

1 caso de dupla indicação

1 caso de recusa da questão

Podemos observar, no entanto, que a seleção destes tipos de imagem foi realizada por uma faixa mais ampla de idades. Da mesma forma, a concentração em um elenco mais restrito de imagens-símbolo foi um movimento processado pelos jovens de todas as idades presentes na amostra.

Distribuição etária dos tipos de imagem: símbolo do Rio

Tipos de Imagens Idade	Tipos de Imagens								TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	
10	1	-	-	-	-	-	-	-	1
11	-	-	-	-	1	-	-	-	1
12	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	-	-	-	-	-	-	-	1	1
14	7	-	1	-	9	-	2	5	24
15	2	-	-	-	5	-	-	3	10
16	-	-	-	-	3	-	1	-	4
17	-	-	-	-	2	-	-	2	4
18	1	-	-	-	1	-	-	-	2
19	1	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAL	12	-	1	-	21	-	3	11	48

2 casos de dupla indicação de imagem (1 e 23; 21 e 22)

2 casos diversos de não aceitação: por recusa da questão; por desejar imagem sintética de vários cartões.

De fato, existem poderosos elementos de homogeneização que atuam sobre estes jovens, tais como: lugar de moradia, classe social, tipo de formação escolar, vivência da cidade. Além destes elementos, devemos considerar a escala do desafio implícito na singeleza do experimento que relatamos. Este desafio implicava na possível superação de um conjunto superposto de influências extremamente pesado:

- em um primeiro plano, podemos identificar a pressão do senso comum, da leitura corrente (formas-conteúdos) do espaço da cidade;
- em um segundo plano, reconhecemos a penetração dos produtos visuais recorrentes que constituem parte significativa do acervo - continuamente acionado por vários meios técnicos e por variadas intenções - de nossa memória visual;
- em um terceiro plano, devemos lembrar a generalizada adesão social - produzida por processos econômicos, sociais e culturais - aos objetos urbanos transpostos nas gravuras.

Assim, não devemos considerar surpreendente o fato de que a força da padronização de imagens-mitos - traduzida nos tipos - torne indiferente a distribuição por sexo da população pesquisada.

Distribuição por sexo dos tipos de imagem: expressão do Rio

Tipo de Imagem \ Sexo	1	2	3	4	5	6	7	8	TOTAL
Feminino	1	1	2	4	12	1	3	13	37
Masculino	-	-	1	1	5	-	-	6	13
TOTAL	1	1	3	5	17	1	3	19	50

1 caso de recusa à questão
1 caso de dupla indicação

O mesmo processo de indiferenciação pode ser comprovado na seleção da imagem-símbolo da cidade.

Distribuição por sexo dos tipos de imagem: símbolo do Rio

Tipos de Imagem / Sexo	1	2	3	4	5	6	7	8	TOTAL
Feminino	10	-	1	-	15	-	1	8	35
Masculino	2	-	-	-	6	-	2	3	13
TOTAL	12	-	1	-	21	-	3	11	48

2 casos diversos de recusa à questão
2 casos de dupla indicação

Este processo homogeneizante demonstrou possuir intensidade suficiente para superar a influência daqueles tipos de imagens que tem composto, com frequência, os ângulos da modernidade mais explorados pelos novos meios técnicos e pelas várias formas sociais de produção de imagens (música, poesia). Referimo-nos às imagens correlacionadas, por nós, do tipo "Rio - cidade aberta" que incluíam desde a possibilidade de articulação de outros elementos míticos - por exemplo, liberdade, juventude - até a manifestação de formas de consumo ativo da paisagem urbana (praia, barcos, vôos livres, etc).

Neste sentido, foram, de fato, raras as referências ao lazer ativo. Alguns dos poucos exemplos:

"Porque o Rio de Janeiro, além de ter toda sua extensão barrada pelo mar, é a melhor "surf city" do Brasil." (sexo masculino, 15 anos)

"Porque é a área de lazer (a praia) mais frequentada pela população." (sexo feminino, 15 anos)

Com relação ao grupo masculino devemos acrescentar, por fim, que o não recurso às imagens mais atualizadas do lazer ativo não significou a ocorrência de um recurso mais intenso à imagem do lazer clássico do futebol, representado, na coleção organizada por nós, pela imagem do Maracanã.

Ào contrário, o que pudemos identificar, através dos dados apresentados abaixo, foi a presença - na passagem da imagem expressiva à imagem símbolo - de um deslocamento que parte de quase todos os tipos em direção ao tipo 1 (o Cristo). De fato, a permanência acentuada ocorreu, apenas, em torno do tipo 5, condensador do olhar externo, do olhar para fora e para o de fora.

Do tipo de imagem expressiva ao tipo de imagem símbolo

Imagem expressiva \ Imagem Símbolo	1	2	3	4	5	6	7	8	TOTAL
1	1	-	-	-	-	-	-	-	1
2	1	-	-	-	-	-	-	-	1
3	1	-	1	-	1	-	-	-	3
4	1	-	-	-	2	-	-	2	5
5	3	-	-	-	8	-	-	6	17
6	-	-	-	-	1	-	-	-	1
7	2	-	-	-	-	-	-	1	3
8	3	-	-	-	9	-	3	2	17
TOTAL	12	-	1	-	21	-	3	11	48

2 casos de dupla indicação de imagem
2 casos diversos de não aceitação

Conclusões

O teor experimental deste estudo permitiu a descoberta de outros roteiros pragmáticos de pesquisa dos mitos urbanos que pretendemos desenvolver. Estes roteiros constituem, hoje, um certo acervo de projetos. De fato, a heterodoxia deste primeiro estudo, o múltiplo processo de estranhamento que constituiu o seu pré-requisito, permitiu que superássemos um patamar de bloqueios técnicos que retinha o andamento prático do nosso processo de conhecimento.

Foi necessário, neste processo de superação, perder a timidez de enfrentarmos a banalidade e o senso comum, o nosso próprio senso comum. Por outro lado, tornou-se indispensável aprendermos a dizer, com relativa simplicidade, aquilo que constituía aparente óbvio, do nosso dia-a-dia. E, podemos acrescentar, ainda foi imprescindível a quebra de resistências internas para que solicitássemos a outros que refletissem sobre alguns elementos estereotipados do seu cotidiano. Encontramos apoio, para estas tarefas, na leitura dos trabalhos, que constam da bibliografia, de Henri Léfèbre, Roland Barthes e Umberto Eco.

Pediríamos, assim, que o estudo apresentado fosse lido e compreendido neste contexto. Trata-se de um estudo que foi completamente aberto ao leitor e que não pretendemos transformar em mais do que é de fato, ou seja, um exercício. Assim, evitamos introduzir no texto elementos teórico-conceituais que falseassem a intenção básica de estudo e que contribuíssem para a perda de sua clareza interna.

Neste mesmo sentido, procuramos evitar o uso de rótulos, tais como: conscientização - alienação, com relação aos quais ainda não possuíamos elementos suficientes, neste estudo, para transformá-los em conceitos. Deixamos, assim, a exegese da frente teórica maior para um segundo momento, no qual nos seja possível trabalhar, com maior nível de segurança, na construção

de uma rede - pessoalmente apropriada - de instrumentos analíticos sobre a linguagem do texto urbano.

Gostaríamos, no entanto, de deixar registrado, neste momento, o fato de que preocupamo-nos, sobretudo, com os processos de produção social das imagens urbanas. Nesta direção, empenhamos neste momento, nossos esforços na identificação das forças sociais - interesses, meios e técnicas - que constituem os verdadeiros elos das cadeias de comunicação e intermediação que se utilizam das estereotípias presentes na vida quotidiana do espaço urbano-metropolitano do Rio de Janeiro.

ANEXO DO 1º ESTUDO

Pesquisas: Rio-Metrópole, Mito e Poder.

Produção Social da Imagem Urbana.

Responsável: Prof^a Ana Clara Torres Ribeiro

Instituição: IPPUR/UFRJ - 1986

Dados Pessoais

I. Idade: _____ anos

II. Sexo: masculino ()

feminino ()

III. Você estuda ? Sim ()

Não ()

Em caso positivo, o que e onde ? _____

IV. Você trabalha ? Sim ()

Não ()

Em caso positivo, em que e onde ? _____

V. Você nasceu no Rio de Janeiro ? Sim ()

Não ()

Em caso negativo, onde você nasceu ? _____

E há quanto tempo mora do Rio ? _____ anos

Sobre as imagens:

VI. Qual das imagens expressa melhor o Rio para você ?

A imagem n? _____

Por que ?

VII. Qual das imagens voce escolheria para símbolo da cidade ?

A imagem nº _____

Por que ?

VIII. Se nenhuma destas imagens simboliza o Rio para voce, exponha as suas razões.

IX. Em caso de resposta positiva à questão anterior, você teria uma imagem alternativa a propor ?

2º estudo

Introdução

O segundo estudo (caminho empírico de conhecimento), proposto por nós, realizou trajeto inverso ao percorrido pelo estudo anterior.

Neste segundo estudo, os elementos acionadores da memória do espaço urbano foram frases-síntese. Assim, a nossa preocupação com a consciência coletiva do espaço vivido, neste estudo, deixou de ser mediada pela memória visual do lugar.

O centro de nossa análise passa a ser o discurso; discurso este que constitui o espelho do processo de estereotipia estudado no experimento já relatado. As frases-síntese escolhidas constituem parte do acervo dos nossos lugares-comuns, com temporalidades próprias e origens diversas.

Foram as seguintes as frases-síntese selecionadas:

- . Rio - capital cultural do país
- . Rio - cidade caótica
- . Rio - cidade maravilhosa
- . Rio - cidade violenta
- . Rio - cidade do lazer
- . Rio - cidade turística
- . Rio - cidade abandonada
- . Rio - cidade eternamente jovem
- . Rio - cidade desumana
- . Rio - cidade do carnaval e do futebol

Como pode ser observado, facilmente, o elenco das frases-síntese contemplava alguns elementos de uma estrutura de crenças e valores. Acreditamos que esta estrutura encontra-se mais ou menos consolidada na consciência coletiva do espaço.

Naturalmente, a nossa própria concepção de mito impede-nos de atribuir a estas frases-síntese mais consistência e

profundidade do que a permitida pela pluridimensionalidade e pelo ritmo da vida metropolitana. A resistência do mito, para nós, decorre da sua facilidade de comunicação e, não, do seu caráter explicativo ou verdadeiro.

Ao contrário, a emergência de frases-síntese significaria, na nossa análise, o abandono de intenções sociais de aprofundamento causal. Trata-se, assim, da ocorrência de planos sintéticos que, na hipótese nuclear da pesquisa, constituiriam um acervo de crenças que alcançaria a adesão social. Estes planos sintéticos colaborariam na construção da memória coletiva na medida em que formassem uma grade de temas agilmente reconhecível pela população; população esta situada além de diferenças de sexo, idade e classe.

Por outro lado, a reflexão da produção social das frases-síntese (elenco de temas) encontrava-se limitada neste estudo, da mesma maneira que no primeiro experimento. Assim, não pretendíamos, ainda, introduzir elementos de análise voltados para a identificação das instituições e práticas sociais que estariam na origem da produção (lançamento para o coletivo) destes planos sintéticos. Da mesma forma, não pretendíamos incorporar, na ocasião do segundo experimento, a análise daquelas práticas sociais que colaborariam para a apropriação e o reforço do caráter redutor e recorrente da percepção social contido nas frases-síntese selecionadas.

A própria existência destes elementos sintetizadores da vida coletiva, referidos à complexidade do espaço metropolitano, retinham a nossa preocupação. A lógica interna a estes elementos sintetizadores apontava para relevantes processos de ordenamento social e orientação da percepção.

Convém salientar, aqui, mais uma vez, que considerávamos estes planos sintéticos - roteiros de leitura - no contexto de um espaço metropolitano, ou seja, de um espaço que não per

mite o encerramento de sua influência nos limites de seu marco construído e da sua própria população. Assim, estes planos sintéticos não continham, apenas, roteiros de leitura do "espaço vivido" diretamente associáveis à relação, que desejávamos refletir, entre identidade espacial - identidade cultural. Continham, também, elementos de influência e irradiação cultural-ideológica que decorriam do poder relativo da metrópole.

Um certo elenco de idéias-ideais

O entendimento que possuíamos das frases-síntese nos propiciava a percepção de sua articulação a mecanismos difusos de poder. Este poder encontraria expressão prática nos seguintes processos:

- estruturação da memória coletiva
- estruturação da consciência coletiva
- intervenção da memória coletiva na memória individual.

Além destes processos, as frases-síntese indicariam a presença - como objetos potenciais de análise - de processos:

- de seleção de temas e questões na reflexão da vida urbana
- de orientação do olhar na complexidade do espaço urbano (seleção de lugares e vivências; seleção de formas e conteúdos atribuídos a estas formas)
- de aproximação entre identidades espaciais e identidades sociais.
- de construção de totalidades provisórias (para uso interno e externo à população).

Neste sentido, compreendíamos as frases-síntese como totalizações referidas a uma realidade profundamente fragmentada e fragmentadora tanto ao nível espacial imediato quanto ao nível sócio-ideológico. Assim, entendíamos que o processo síntese continha intrínsecos elementos de poder.

Este poder não necessitaria de uma "sede"; sendo necessárias, apenas, a sua difusão e a sua manutenção em estado de disponibilidade na consciência e na memória coletivas. Estas propriedades seriam correlatas tanto a um determinado nível de coesão, identificável na vida metropolitana, quanto ao caráter irradiador comumente atribuído à metrópole. Seriam, aliás, estes elementos de poder presentes nas sínteses-mitos que viabilizariam a conquista da própria adesão social a estes componentes explicativos da vida e do espaço coletivos.

Por outro lado, as sínteses-mitos urbanos, para nós, não decorreriam de elementos naturais ou naturalizados, eventualmente identificáveis neste ou naquele espaço ou tempo. Decorreriam, sim, de outros processos de síntese e, da continuidade de práticas sociais capazes de se apropriarem e manterem sua presença na consciência e na memória coletivas.

Sem ter, aqui, a intenção de nos aprofundarmos na origem e variação histórica destas práticas, poderíamos indicar, apenas, a sua relação com algumas das frases-síntese que compuseram o nosso elenco:

- . Rio - cidade maravilhosa (produção musical, poética)
- . Rio - cidade caótica (planejamento, política)
- . Rio - cidade violenta (jornalismo, política)
- . Rio - cidade do lazer (publicidade, marketing)
- . Rio - cidade turística (política, publicidade, marketing)
- . Rio - cidade desumana (política, religião)

- . Rio - cidade do carnaval e do futebol (política, planejamento, publicidade)
- . Rio - cidade eternamente jovem (publicidade, marketing)
- . Rio - capital cultural do país (política, planejamento)
- . Rio - cidade abandonada (política, jornalismo)

Não pretendemos realizar, neste momento, qualquer associação mais fina entre práticas e sínteses mas, somente, apontarmos para possíveis caminhos de pesquisa da sua produção social. Por outro lado, seria impossível, considerarmos estas frases-síntese como sendo mutuamente excludentes. Pensamos que, enquanto grade ou estrutura, elas apresentem propriedades que viabilizam a ocorrência de processos do seguinte tipo: reforço mútuo; contraste; contradição; sucessão etc.

Acreditamos que o acionamento desta ou daquela propriedade estará relacionado ao conjunto de práticas (e sua articulação) que melhor se imponham em determinadas conjunturas urbanas; conjunturas estas cujo teor político intrínseco gostaríamos de salientar.

Características de um experimento (*)

O segundo estudo foi realizado entre estudantes de Direito de faculdade particular localizada no centro do Rio de

(*) agradecemos a indispensável colaboração das sociólogas Amélia Rosa Sá Barretto Teixeira e Roseli Elias, professoras da referida faculdade.

Janeiro. Estes estudantes cursavam, na ocasião do levantamento, a primeira série, e responderam ao questionário através da disciplina Introdução à Sociologia.

Ao analisarmos a possibilidade deste segundo estudo levamos em consideração os seguintes aspectos positivos que permitiriam contraste com o estudo anterior:

- tratava-se de uma população mais velha do que aquela que havia constituído o objeto do primeiro experimento;
- esta nova população possuía uma comprovada vivência, ainda que relativa, do centro da cidade; lugar-simbólico de fundamental importância na reflexão de um determinado espaço urbano;
- tratava-se de população potencialmente ativa, em oposição ao caráter dependente-consumidor dos estudantes da primeira amostra.

O questionário foi aplicado a alunos do curso diurno e noturno; permitindo, assim, a obtenção de um espectro relativamente amplo de situações sociais em nossa amostra. Alcançamos, de fato, um total de 377 questionários válidos, onde preponderaram os mais jovens (quase 80% até 30 anos) e as mulheres (53,3 %) da amostra.

Distribuição etária e por sexo

Idade	Sexo		TOTAL
	Feminino	Masculino	
16 - 20	92	59	151
21 - 25	47	54	101
26 - 30	23	24	47
31 - 35	17	13	30
36 - 40	15	5	20
41 - 45	4	6	10
46 - 50	-	7	7
51 - 55	2	6	8
56 - 60	1	2	3
TOTAL	201	176	377

As mulheres encontram-se presentes, em nossa amostra, de forma mais acentuada com relação aos homens, nas faixas etárias mais jovens e no período intermediário da vida (36 - 40); implicando, este último período, provavelmente, um processo de retorno ao estudo típico da trajetória vital feminina.

A distribuição etária masculina, mais acentuada nas faixas 21 - 25 e 26 - 30 e na última faixa 51 - 55, indica a presença da conciliação trabalho-estudo característica da faculdade no qual foi realizado o levantamento. Esta faculdade tem, como clientela potencial, pessoas incorporadas em um estendido espectro de atividades que encontram no centro da cidade o seu lugar de exercício.

Distribuição etária e por sexo (%) - I

Sexo Idade	Feminino	Masculino	TOTAL
16 - 20	60,9	39,1	100,0
21 - 25	46,5	53,5	100,0
26 - 30	48,9	51,1	100,0
31 - 35	56,7	43,3	100,0
36 - 40	75,0	25,0	100,0
41 - 45	40,0	60,0	100,0
46 - 50	-	100,0	100,0
51 - 55	25,0	75,0	100,0
56 - 60	33,3	66,7	100,0
T O T A L	53,3	46,7	100,0

Uma leitura, interna a cada um dos sexos, indica, no entanto, que a concentração nas faixas etárias mais jovens é superior entre as mulheres (80,6% - 77,8 %).

Distribuição etária e por sexo (%) - II

Idade	Sexo		TOTAL
	Feminino	Masculino	
16 - 20	45,8	33,5	40,0
21 - 25	23,4	30,7	26,8
26 - 30	11,4	13,6	12,5
31 - 35	8,4	7,4	7,9
36 - 40	7,5	2,8	5,3
41 - 45	2,0	3,4	2,7
46 - 50	-	3,9	1,9
51 - 55	1,0	3,5	2,1
56 - 60	0,5	1,2	0,8
T O T A L	100,0	100,0	100,0

De fato, como prevíamos no período de elaboração deste estudo, a população pesquisada era preponderantemente ativa (68 % da amostra); sendo a taxa de ocupação mais elevada entre os homens do que entre as mulheres (62,6% a população feminina e 74,4% da população masculina).

Assim, delineava-se a possibilidade de estudo da adesão social às frases-síntese em um contexto no qual múltiplas influências - além das da família e do lugar de aprendizado formal - poderiam estar em curso. O conceito "lugar vivido" ganhava em intensidade, permitindo que novas conotações fossem agregadas à de lugar de consumo utilizada como elemento analítico no primeiro estudo.

Rio - lugar de trabalho

Distribuição etária e por sexo

Idade	Sexo		Feminino			Masculino			TOTAL GERAL
	Trabalho		Sim	Não	total parc.	sim	não	total parc.	
16 - 20			34	58	92	30	29	59	151
21 - 25			35	12	47	41	13	54	101
26 - 30			23	-	23	24	-	24	47
31 - 35			16	1	17	13	-	13	30
36 - 40			12	3	15	5	-	5	20
41 - 45			4	-	4	6	-	6	10
46 - 50			-	-	-	6	1	7	7
51 - 55			2	-	2	4	2	6	8
56 - 60			-	1	1	2	-	2	3
TOTAL			126	75	201	131	45	176	377

Em algumas faixas etárias a incorporação no mercado de trabalho é total. Assim, entre as mulheres da amostra as diferenças mais acentuadas, em termos de atividade, com relação à população masculina, ocorreram apenas nas faixas de 16 - 20 e 36 - 40, isto é, aquelas faixas que representavam, na nossa reflexão, os dois períodos de formação do ciclo vital feminino. Convém lembrar, no entanto, a importância numérica destas faixas na nossa amostra como podemos verificar na primeira tabela apresentada.

Rio - lugar de trabalho

Distribuição etária e por sexo (%) - I

Idade \ Sexo Trabalho	Feminino			Masculino		
	Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
16 - 20	37,0	63,0	100,0	50,8	49,2	100,0
21 - 25	74,5	25,5	100,0	75,9	24,1	100,0
26 - 30	100,0	-	100,0	100,0	-	100,0
31 - 35	94,1	5,9	100,0	100,0	-	100,0
36 - 40	80,0	20,0	100,0	100,0	-	100,0
41 - 45	100,0	-	100,0	100,0	-	100,0
46 - 50	-	-	-	85,7	14,3	100,0
51 - 55	100,0	-	100,0	66,7	33,3	100,0
56 - 60	-	100,0	100,0	100,0	-	100,0
T O T A L	62,7	37,3	100,0	74,4	25,6	100,0

Entre os jovens até 20 anos também surgiu, na nossa amostra, um acentuado percentual de população não ativa que desaparece a partir dos 30 anos. O retorno a uma situação exclusiva de estudo, para o grupo masculino, só torna a existir a partir dos 46 anos.

Assim, a nossa amostra contemplava quadros diferenciados com relação às variáveis básicas de identificação de uma determinada população: sexo, idade, inserção no mercado de trabalho:

- mulheres, muito jovens, com pouca inserção no mercado de trabalho;
- mulheres, até 30 anos aproximadamente, com ampla inserção no mercado de trabalho;
- mulheres, de idade intermediária, em menor número, que estudam;
- mulheres, de idade mais avançada que, constando em número muito reduzido na amostra, conciliam o trabalho e o estudo;
- homens, muito jovens, que dividiam-se entre uma situação de não trabalho e, a conciliação estudo-trabalho;
- homens, em plena idade ativa, totalmente envolvidos com esta conciliação;
- homens que, em idade de aposentadoria, voltavam a estudar.

As tabelas a seguir fornecem mais elementos para o conhecimento da nossa amostra, já que, através delas, delineamos a distribuição etária interna a cada sexo e a cada condição de atividade. Por outro lado, podemos observar, ainda, o peso específico de cada contingente - pelos diferenciais acima referidos - em cada faixa etária.

Rio - lugar de trabalho

Distribuição etária e por sexo (%) - II

Idade \ Sexo Trabalho	Feminino			Masculino			TOTAL GERAL
	Sim	Não	TOTAL	Sim	Não	TOTAL	
16 - 20	27,0	77,4	45,8	23,0	65,0	33,5	40,1
21 - 25	27,8	16,0	23,4	31,3	28,8	30,7	26,8
26 - 30	18,2	-	11,4	18,3	-	13,63	12,5
31 - 35	12,7	1,3	8,4	10,0	-	7,4	8,0
36 - 40	9,5	4,0	7,5	3,8	-	2,9	5,3
41 - 45	3,2	-	2,0	4,5	-	3,4	2,6
46 - 50	-	-	-	4,6	2,2	4,0	1,8
51 - 55	1,6	-	1,0	3,0	4,4	3,4	2,1
56 - 60	-	1,3	0,5	1,5	-	1,1	0,8
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Rio - lugar de trabalho

Distribuição etária e por sexo (%) - III

Idade \ Sexo Trabalho	Feminino			Masculino			TOTAL GERAL
	Sim	Não	total parc.	Sim	Não	total parc.	
16 - 20	22,5	38,4	60,9	19,9	19,2	39,1	100,0
21 - 25	34,7	11,9	46,6	40,6	12,8	53,4	100,0
26 - 30	48,9	-	48,9	51,0	-	51,0	100,0
31 - 35	53,3	3,3	56,6	43,4	-	43,4	100,0
36 - 40	60,0	15,0	75,0	25,0	-	25,0	100,0
41 - 45	40,0	-	40,0	60,0	-	60,0	100,0
46 - 50	-	-	-	85,7	14,3	100,0	100,0
51 - 55	25,0	-	25,0	50,0	25,0	75,0	100,0
56 - 60	-	33,3	33,3	66,6	-	66,7	100,0
T O T A L	33,4	19,9	53,3	34,7	12,0	46,7	100,0

A síntese de um espaço vivido

O nosso elenco de frases-síntese foi testado em um conjunto humano heterogêneo que encontrava-se unido, apenas, pela fase de estudo que se iniciava por ocasião do levantamento. O "Rio" - considerado nesta amplitude e neste nível de inexatidão - era o seu espaço de vida, de circulação, consumo e trabalho. Nas cidades majoritariamente na "cidade" ($\approx 60\%$ ou $\approx 73\%$ se agregarmos a área metropolitana contínua especificada) buscavam em seu centro a formação acadêmica, mesmo que esta estivesse que ser equilibrada com o trabalho.

Compartilhavam, no entanto, este espaço vivido e a luta pelas oportunidades sociais com pessoas que aqui se encontravam vindas de várias áreas do país. Este fato caracteriza bem o centro do Rio como área de condensação de processos que ocorrem em uma escala extremamente ampla. Trata-se de um lugar de destino coletivo, ou melhor, de destinação.

A compreensão da origem múltipla e heterodóxa desta "destinação" pode colaborar para o nosso entendimento da adesão alcançada pelas frases-síntese do espaço metropolitano, ou melhor, pelo que denominamos mitos urbanos.

Rio - espaço vivido - Distribuição por lugar de nascimento

Local de Nascimento	Frequência	%	OBSERVAÇÕES
Na cidade	222	59,0	Conceito amplo (sem especificação)
Área metropolitana contínua	56	14,9	Niterói, São Gonçalo, Santo Antonio de Pádua
Região Metropolitana	9	2,4	Friburgo, Petrópolis
Estado do Rio de Janeiro	18	4,8	Campos, Itaperuna, Resende, Três Rio, Barra do Pirai, São Fidelis
São Paulo	8	2,1	Capital, Santa Fé do Sul, Campinas, sem especificação
Minas Gerais	9	2,4	Poços de Caldas, Tombos, Paracatu, Entre Rios de Minas, Rio Preto, São Lourenço
Espírito Santo	3	0,8	Vitória, Barra de São Francisco, Muqui
Pernambuco	5	1,3	Recife, sem especificação
Rio Grande do Sul	5	1,3	Viamão, Cachoeira do Sul, Uruguaiana, Campo Grande
Bahia	7	1,9	Salvador, Jaçú, Ilhéus
Ceará	4	1,1	Fortaleza, Crateus, sem especificação
Maranhão	6	1,6	São Luiz e sem especificação
Rio Grande do Norte	2	0,5	Pedro Velho, Macaíba
Pará	4	1,0	Belém
Amazonas	1	0,3	sem especificação

(continua)

Rio - espaço vivido - Distribuição por lugar de nascimento

(continuação)

Local de Nascimento	Frequência	%	OBSERVAÇÕES
Sergipe	3	0,8	Aracaju
Alagoas	2	0,5	Porto Calvo, Maceió
Goiás	1	0,3	Rio Verde
Paraíba	3	0,8	João Pessoa, Souza
Piauí	3	0,8	Teresina, sem especificação
Mato Grosso	1	0,3	Corumbá
Paraná	1	0,3	Curitiba
Rondônia	1	0,3	sem especificação
Exterior	2	0,5	Portugal, Alemanha
T O T A L	376	100,0	

Não respondeu : 1

A perspectiva regional, atribuída à própria área de influência imediata da metrópole, permite que tenhamos uma vição mais clara do epicentro representado pelo Rio. O exercício de funções centrais - como o ensino superior - faz parte deste poder de atração exercido pela metrópole, assim como, a polarização expressa no seu mercado de trabalho. O "Rio", no entanto, é mais do que sua materialidade imediata, traduzida em funções ou usos.

Rio - espaço vivido - Distribuição regional do lugar de nascimento

Local de Nascimento	Frequência	%
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	287	76,7
Sudeste (R M R J)	38	10,2
Nordeste	35	9,4
Centro-Oeste	2	0,5
Sul	6	1,6
Norte	6	1,6
T O T A L	374	100,0

- exterior: 2
- não responde: 1

O "Rio" é, também, uma idéia, uma síntese. Esta idéia ou síntese pode ser compartilhada em amplos contextos que não implicam qualquer vivência direta do espaço da cidade. Compõem estas idéias, no entanto, parte importante dos roteiros interpretativos do espaço e da vida coletiva para aqueles que vivem na sua materialidade imediata, no seu contôrnio, nos limites da "cidade".

Porém, dificilmente, poderíamos processar, aqui, uma relação simples entre tempo de residência e tempo de exposição à estrutura temática sustentada pelas frases-síntese. Podemos, sim, levantar a hipótese de que a um maior tempo de vida na cidade corresponderia - pela subordinação direta ao ritmo metropolitano e às necessidades imediatas de comunicação - o recurso mais frequente à estrutura mítica e, portanto, sua fixação.

Rio - lugar de fixação / espaço vivido - Distribuição por tempo de residência

Tempo de Residência	Frequência	%	% aa
- de 1 ano	6	7,3	7,3
1 a 2 anos	10	12,2	19,5
3 a 5 anos	10	12,2	31,7
6 a 10 anos	10	12,2	43,9
11 a 15 anos	15	18,2	62,1
16 a 20 anos	10	12,2	74,3
21 a 25 anos	5	6,1	80,4
26 a 30 anos	10	12,2	92,6
31 a 35 anos	4	4,9	97,5
36 a 40 anos	2	2,5	100,0
T O T A L	82	100,0	-

Não responderam: 5

(*) - os dados referem-se aos nascidos fora da RMRJ.

Não controlamos, assim, os casos daqueles que tendo nascido na RMRJ passaram parte de suas vidas fora deste espaço.

A variação observada no tempo de residência na cidade submete nossa amostra a processos diferenciais de fixação e uso circunstancial da grade temática sustentada pelas frases-sín-

tese que compõem o nosso elenco de mitos. De fato, a cada cinco anos de vida na cidade, verificamos, em média, a agregação de mais 10 casos em um intervalo total de 40 anos.

Estamos face, portanto, a experiências vitais profundamente diferenciadas e face à manifestação da continuidade do poder de atração do espaço metropolitano. Este poder de atração surge, na nossa amostra, em duas direções privilegiadas:

- na região Sudeste. com relação a esta região, o processo possui uma certa permanência ao longo dos 40 anos de migração presentes no levantamento: migração recente (1 a 2 anos); migração com temporalidade intermediária (11 a 15 anos);
- na região Nordeste. Com relação a esta região verificamos uma distribuição mais harmoniosa ao longo dos 40 anos acima referidos; harmonia esta que pode ser atribuída à consolidação deste fluxo migratório.

Rio - lugar de fixação/espaco vivido: Distribuição regional do tempo de residência

Tempo de residência (anos)	Região											T O T A L
	- de 1	1 a 2	3 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 25	26 a 30	31 a 35	36 a 40		
Sudeste	1	7	3	3	9	2	3	3	1	1	33	
Nordeste	3	2	4	5	5	6	1	5	3	1	35	
Centro-Oeste	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	
Sul	2	1	1	1	-	1	-	-	-	-	6	
Norte	-	-	-	1	1	1	1	2	-	-	6	
T O T A L	6	10	10	10	15	10	5	10	4	2	82	

Não responderam -- 5

Rio - lugar de fixação/espaco vivido: Distribuição regional do tempo de residência

Tempo de residência (anos)	- de 1	1 a 2	3 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 25	26 a 30	31 a 35	36 a 40	T O T A L
Sudeste	3,0	21,2	9,1	9,1	27,3	6,1	9,1	9,1	3,0	3,0	100,0
Nordeste	8,6	5,7	11,4	14,3	14,3	17,2	2,8	14,3	8,6	2,8	100,0
Centro-Oeste	-	-	100,0	-	-	-	-	-	-	-	100,0
Sul	33,0	16,7	16,7	16,7	-	16,6	-	-	-	-	100,0
Norte	-	-	-	16,7	16,7	16,7	16,6	33,3	-	-	100,0
T O T A L	7,3	12,2	12,2	12,2	18,3	12,2	6,1	12,2	4,9	2,4	100,0

Não responderam - 5

Seleção e Fixação de Imagens

Talvez a verificação mais importante decorrente da realização deste experimento, para nós, tenha sido aquela expressa na adesão, quase total, às frases-síntese apresentadas no questionário. Não ocorreram praticamente recusas (5 casos em 377) à questão: "Qual(ais) desta(s) frase(s) sintetiza(m) melhor a percepção do Rio?".

Inexistem, assim, resistências à aceitação de sínteses, de visões paradigmáticas, do espaço urbano-metropolitano e da vida coletiva. Conforme dito antes, no entanto, esta adesão à abstração e à síntese não implica na seleção de uma única entrada temática.

Rio - espaço pensado. Distribuição pelo número de frases-síntese

Nº de Alternativas	Frequência	Frequência	%	% aa
1	100		26,9	26,9
2	50		13,4	40,3
3	62		16,7	57,0
4	48		12,9	69,9
5	57		15,3	85,2
6	25		6,7	91,9
7	16		4,3	96,2
8	7		1,9	98,1
9	3		0,8	98,9
10	4		1,1	100,0
T O T A L	372		100,0	100,0

Não responderam - 5

Observamos, realmente, que a seleção de uma única frase-síntese ocorre em apenas, aproximadamente, 27% dos casos levantados, e que 50% da amostra localiza-se entre 2 ou 3 alternativas. Neste sentido, já tínhamos salientado, antes, o fato de que não poderíamos esperar que as frases-síntese fossem mutuamente excludentes. E, não poderíamos esperar, ainda, que trajetórias vitais tão diferenciadas pudessem encontrar sua referência - leitura do espaço vivido - em elencos estanques pertencentes à estrutura mitológica da cidade.

Consideramos a cidade e seu conjunto de idéias-ideais face a um conceito - que ganhava em complexidade neste experimento - de espaço vivido; espaço este que apresentava-se como cenário de múltiplas trajetórias vitais. Este espaço não seria mais, agora, apenas lugar de consumo mas, também, lugar de trabalho.

Rio - espaço pensado. Distribuição pela inserção no mercado de trabalho

Nº de alternativas Trabalho	Nº de alternativas										TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
S I M	77	33	39	26	39	19	8	5	2	4	252
N Ã O	23	17	23	22	18	6	8	2	1	-	120
T O T A L	100	50	62	48	57	25	16	7	3	4	372

Não responderam - 5

No entanto, ao contrário do que pensávamos inicialmente, a inserção no mercado de trabalho - complexidade do conceito "espaço vivido" - não surge como elemento estimulador para o convívio entre múltiplas e variadas visões com relação à cidade.

Em nossos resultados surge uma relação significativamente positiva entre seleção de uma única visão sintética e inserção no mercado de trabalho.

Rio - espaço pensado. Distribuição pela inserção no mercado de trabalho (%)

Nº de alternativas Trabalho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
	S I M	30,5	13,1	15,5	10,3	15,3	7,6	3,2	2,0	0,8	1,6
N Ã O	19,1	14,2	19,2	18,3	15,0	5,0	6,7	1,7	0,8	-	100,0
T O T A L	26,9	13,4	16,7	12,9	15,3	6,7	4,3	1,9	0,8	1,1	100,0

Não responderam - 5

Outro fator interveniente na fixação em uma imagem-síntese, pensado por nós, foi o local de nascimento. Julgá-vamos que o fato de ser "carioca" produziria um processo de adesão mais acentuada a determinadas frases-síntese; produzindo, desta forma, o número de alternativas assinalado.

Rio - espaço pensado. Distribuição pelo lugar de nascimento

Lugar de Nascimento \ Nº de alternativas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
	Rio - cidade	50	35	45	24	32	16	7	4	2	4
RM - contínua	12	7	11	10	7	3	4	1	-	-	56
R M R J	2	1	-	2	4	-	-	-	-	-	9
Sudeste	15	2	4	6	7	2	1	1	-	-	38
Nordeste	18	4	1	4	2	2	3	1	-	-	35
Norte	2	1	-	1	1	1	-	-	-	-	6
Sul	1	-	-	1	2	1	-	-	1	-	6
Centro-Oeste	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
T O T A L	100	50	62	48	57	25	16	7	3	4	372

Não responderam - 5

Este fator definidor, no entanto, poderia ser contrarrestado por uma relação mais intensa com o "espaço vivido". É, realmente, a última tendência que surge dos dados, ainda que limitada, em seu caráter conclusivo, pela não equivalência do (migrantes/não-migrantes) número de casos observados. Os nascidos na "cidade" distribuem sua seleção por um leque mais amplo de alternativas do que os nascidos, por exemplo, nas regiões sudeste e nordeste.

O mesmo comportamento, no processo de seleção, pode ser verificado entre os nascidos na "cidade" e os nascidos na sua área de influência imediata.

Rio - espaço pensado. Distribuição pelo lugar de nascimento (%)

Lugar de Nascimento \ Nº de alternativas	Nº de alter nativas										TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Rio - cidade	22,6	16,1	20,5	11,1	14,4	7,3	3,2	1,9	1,0	1,9	100,0
Rio - contínua	22,0	13,0	19,7	18,0	13,0	5,4	7,1	1,8	-	-	100,0
R M R J	22,2	11,1	-	22,2	44,5	-	-	-	-	-	100,0
Sudeste	39,5	5,3	10,5	15,8	18,4	5,3	2,6	2,6	-	-	100,0
Nordeste	51,5	11,4	2,9	11,4	5,7	5,7	8,6	2,8	-	-	100,0
Norte	33,3	16,6	-	16,7	16,7	16,7	-	-	-	-	100,0
Sul	16,6	-	-	16,6	33,3	16,6	-	-	16,6	-	100,0
Centro-Oeste	-	-	50,0	-	-	-	50,0	-	-	-	100,0
T O T A L	26,9	13,4	16,7	12,9	15,3	6,7	4,3	1,9	0,8	1,1	100,0

Não responderam - 5

Outro fator, considerado na pesquisa, foi a idade; significando, para nós, a faixa etária, a possibilidade de manifestação de duas tendências aparentemente contraditórias. Por um lado, a juventude associada à fixação em uma frase-síntese. Neste caso, estaríamos face a um processo redutor da elaboração temática do espaço vivido. De outro, a juventude se encontraria associada a não-fixação em uma frase-síntese; significando a presença de disponibilidade ou de abertura, próprias deste período de vida, para a absorção indiscriminada de linhas de observação do espaço vivido e, portanto, para a absorção de elementos estruturantes do arcaboço mítico do lugar.

Rio - espaço pensado. Distribuição por faixa etária

Nº de alterna- tivas Idade	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
16 a 20	25	20	30	22	30	7	7	3	-	2	146
21 a 25	24	15	17	15	12	9	5	1	2	1	101
26 a 30	11	8	7	2	8	7	1	2	-	1	47
31 a 35	16	3	3	3	4	-	1	-	1	-	30
36 a 40	7	1	4	5	1	1	1	-	-	-	20
41 a 45	5	2	-	1	1	1	-	-	-	-	10
46 a 50	5	1	1	-	-	-	-	-	-	-	7
51 a 55	4	-	-	1	1	-	1	1	-	-	8
56 a 60	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
T O T A L	100	50	62	48	57	25	16	7	3	4	372

Não responderam -5

A observação dos dados obtidos indica a presença da segunda tendência, acima referida, já que o avanço na estrutura etária mantém uma relação genericamente positiva com a indicação de um número mais reduzido de frases-síntese (roteiros de conhecimento) do espaço vivido.

Rio - espaço pensado. Distribuição por faixa etária (%)

Nº de alternativas Idade	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
16 a 20	17,0	13,6	20,4	15,0	20,6	4,7	4,7	2,0	-	2,0	100,0
21 a 25	23,8	14,9	16,9	13,9	11,8	9,0	5,0	0,9	1,9	0,9	100,0
26 a 30	23,4	17,0	14,9	4,3	17,0	14,9	2,1	4,3	-	2,1	100,0
31 a 35	53,4	10,0	10,0	6,7	13,3	-	3,3	-	3,3	-	100,0
36 a 40	35,0	5,0	20,0	25,0	5,0	5,0	5,0	-	-	-	100,0
41 a 45	50,0	20,0	-	10,0	10,0	10,0	-	-	-	-	100,0
46 a 50	71,4	14,3	14,3	-	-	-	-	-	-	-	100,0
51 a 55	50,0	-	-	12,5	12,5	-	12,5	12,5	-	-	100,0
56 a 60	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0
T O T A L	26,9	13,4	16,7	12,9	15,3	6,7	4,3	1,9	0,8	1,1	100,0

Não responderam - 5

Assim, o avanço na estrutura de idades parece implicar - nos limites deste experimento - na adesão tendencial a elementos unívocos da estrutura mítica, o que dirige a nossa reflexão para correlatos processos de enrigecimento de relações vitais com o quadro de vida.

Processo similar pode ser verificado na observação da distribuição por sexo do número de alternativas selecionadas. Uma disponibilidade maior para a adesão a versões diferenciadas do espaço vivido - pela menor participação no mercado de trabalho - poderia ser um dos elementos explicativos para a desigualdade verificada no comportamento dos contingentes feminino e masculino da nossa amostra.

Rio - espaço pensado. Distribuição por sexo

Nº de alternativas Sexo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
	Feminino	47	25	38	25	40	13	9	2	1	1
Masculino	53	25	24	23	17	12	7	5	2	3	171
T O T A L	100	50	62	48	57	25	16	7	3	4	372

Não responderam - 5

De fato, a distribuição que expressa o processo seletivo realizado pelo contingente masculino encontra-se mais rapidamente concentrada em um número menor de alternativas do que a que expressa o processo realizado pelas mulheres que fizeram parte da nossa amostra.

Rio - espaço pensado. Distribuição por sexo (%)

Nº de alternativas Sexo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
	Feminino	23,4	12,4	18,9	12,4	19,9	6,5	4,5	1,0	0,5	0,5
Masculino	31,0	14,6	14,0	13,5	9,9	7,0	4,1	2,9	1,2	1,8	100,0
T O T A L	26,9	13,4	16,7	12,9	15,3	6,7	4,3	1,9	0,8	1,1	100,0

Não responderam - 5

Seria provavelmente excessivo agregarmos, aqui, outros elementos explicativos que nos ocorrem ao observarmos estes resultados, tais como: maior sensibilidade do contingente feminino para a influência exercida pelo processo de produção social da estrutura mítica do espaço urbano; maior rigidez da percepção do contingente masculino em decorrência de exigências de mais rápida avaliação - estabelecimento de um roteiro de compreensão - do espaço vivido.

Por fim, devemos estar atentos para a articulação - ao nível dos dados - destes diversos fatores explicativos.

Afinal o contingente feminino da nossa amostra encontrava-se acentuadamente concentrado nas idades mais jovens e, já observamos os possíveis efeitos positivos exercidos pela juventude na adesão indiscriminada a diversos elementos que comporiam a estrutura mítica da metrópole.

Síntese de uma cidade

Os limites não são rígidos na relação entre mitos e espaços. O "Rio", assim, referido nas frases-síntese não corresponde, exatamente, ao marco construído da metrópole.

Trata-se de uma idéia, com atributos e qualidades; atividades implícitas e constatações. Trata-se, ainda, de roteiros de leitura da vida coletiva em um espaço complexo. Portanto, a relação mito-realidade social ou material encontra seus pontos de apoio em crenças e valores e, em práticas sociais que se apropriam do caráter recorrente da estrutura de sínteses que denominamos mitos urbanos.

Como já dissemos antes, acreditamos que os mitos não sejam nem falsos nem verdadeiros mas, sim, estruturantes da percepção coletiva e, portanto, componentes ativos de eventuais

projetos individuais-coletivos de participação na vida urbana.

Na percepção da cidade - desenvolvida pelo grupo pesquisado - emerge a imagem do Rio como "cidade festa" já identificada entre o grupo que constituiu o campo empírico do nosso primeiro experimento. Agora esta percepção surge traduzida na frequência das indicações relativas à síntese - "Rio - cidade do carnaval e do futebol".

A componente fugacidade ou permanência relativa de determinadas imagens sintéticas da cidade indica, para nós, a existência de relações diretas entre os mitos e a força de sua apropriação por diversas práticas sociais que organizam e controlam a vida coletiva no espaço urbano. Assim, os mitos expressam, também, marcações da conjuntura urbana (conjuntura política) e o desenvolvimento de práticas - atividades econômicas e meios técnicos - que interferem, diretamente, na articulação entre imagens sintéticas e processo de comunicação.

Com estes elementos analíticos talvez possamos compreender melhor a frequência de indicações observada com relação às sínteses: "Rio - cidade violenta" (com forte penetração no período em que foi realizado o levantamento, em decorrência dos embates da disputa eleitoral) e "Rio - cidade abandonada" (pelas mesmas razões).

Por outro lado, podemos verificar, também, a permanência de certas sínteses, tais como: "Rio - cidade maravilhosa", "Rio - cidade turística" que, acentuando o consumo, constituem um fundo comum, facilmente renovável, de verdades relativas; fundo este do qual se alimentam múltiplas práticas econômico-ideológicas que encontram sua localização na cidade (serviços, propaganda e marketing, comunicações).

Rio - espaço síntese

Alternativa Seleccionada	Frequência	
	Abs.	%
1. Rio - capital cultural do país	80	6,3
2. Rio - cidade caótica	34	2,8
3. Rio - cidade maravilhosa	159	13,0
4. Rio - cidade violenta	203	16,4
5. Rio - cidade do lazer	83	6,7
6. Rio - cidade turística	197	16,0
7. Rio - cidade abandonada	118	9,6
8. Rio - cidade eternamente jovem	96	7,8
9. Rio - cidade desumana	54	4,4
10. Rio - cidade do carnaval e do futebol	210	17,0
T O T A L	1.234	100,0

Não responderam - 5

A extensão do recurso a determinadas sínteses - seu uso recorrente e fácil - guardaria relação para nós, portanto, com a força e a importância político-ideológicas alcançadas por determinadas práticas econômicas e sociais.

É neste contexto analítico que podemos refletir, com algum nível de profundidade, sobre as indicações que emergem do nosso experimento. A síntese "Rio - cidade caótica" - típica dos embates internos sobre os rumos do planejamento urbano - alcança pequena penetração no contingente pesquisado. Ocorrência similar pode ser constatada com relação à síntese "Rio - cidade desu

mana" que, para nós, guardaria laços de origem com as tentativas de denúncia social encaminhadas por diversas instituições sociais e, sobretudo na conjuntura recente, pelas diversas igrejas que atuam na cidade.

A escolha de determinada síntese não parece decorrer de diferenças substanciais na vivência da cidade. A consideração da variável inserção no mercado de trabalho não produz, assim, efeitos diferenciais no processo de seleção de determinada síntese.

Rio - espaço síntese. Inserção no mercado de trabalho

Alternativa selecionada Trabalho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
S I M	47	22	100	134	48	130	84	63	87	136	801
N Ã O	33	12	59	69	35	67	34	33	17	74	433
T O T A L	80	34	159	203	83	197	118	96	54	210	1.234

Não responderam - 5

Os efeitos diferenciais, conforme verificamos antes, do trabalho para a concentração ou dispersão no processo de seleção não se reproduziram quando dirigimos a análise para a adesão a determinadas idéias-chave que norteiam a percepção coletiva do espaço metropolitano.

Rio - espaço de síntese. Inserção no mercado de trabalho (%)

Alternativa selecionada Trabalho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
S I M	5,9	2,7	12,7	16,7	6,0	16,2	10,5	7,9	4,6	17,0	100,0
N Ã O	7,6	2,8	13,6	16,0	8,1	15,4	7,8	7,6	4,0	17,1	100,0
TOTAL	6,3	2,8	13,0	16,4	6,7	16,0	9,6	7,8	4,4	17,0	100,0

Não responderam - 5

Na análise da concentração (ou dispersão) na seleção das idéias-sintéticas sobre o espaço metropolitano também pudemos verificar diferenças esclarecedoras através da distribuição por sexo dos estudantes que compuseram o contingente envolvido neste segundo experimento.

No entanto, na adesão a esta ou aquela idéia-síntese o mesmo fato não se repete com igual intensidade, da mesma maneira do verificado, antes, com relação à inserção no mercado de trabalho.

Rio - espaço de síntese. Distribuição por sexo

Sexo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
Feminino	29	17	98	107	48	113	61	59	23	128	683
Masculino	51	17	61	96	35	84	57	37	31	82	551
T O T A L	80	34	159	203	83	197	118	96	54	210	1.234

Não responderam - 5

Observamos diferenças esclarecedoras, porém, com relação a determinadas idéias-síntese. Este é o caso da frase-sintética "Rio - capital cultural do país" que surge como idéia-chave (abstração - roteiro de leitura da cidade) mais masculina do que feminina. Em sentido inverso, a idéia-chave "Rio - cidade maravilhosa" surge como paradigma mais compartilhado pelo universo feminino do que entre os homens da nossa amostra.

Rio - espaço de síntese. Distribuição por sexo (%)

Sexo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
Feminino	4,3	2,5	14,3	15,7	7,0	16,4	9,0	8,5	3,7	18,6	100,0
Masculino	9,2	3,1	11,1	17,4	6,4	15,2	10,3	6,7	5,6	15,0	100,0
TOTAL	6,3	2,8	13,0	16,4	6,7	16,0	9,6	7,8	4,4	17,0	100,0

Não responderam - 5

A percepção da cidade como lugar da festa-típica, para nós, da relação de consumo com o espaço - também surge, de maneira corrente com o caminho percorrido pela nossa reflexão, como mais feminina do que masculina. Assim, certas inclinações podem ser identificadas mas, estas não contrariam a tendência geral, observada antes, de indiferenciação face ao processo de penetração de algumas imagens sintéticas e seu correlato elenco de temas na percepção do espaço coletivo.

A variação etária das frases-síntese selecionadas aponta para as seguintes tendências:

- nas faixas mais jovens (até 30 anos) - e com extensão parcial até 35 anos - surge a articulação entre os aspectos mais externos e reafirmativos da percepção da festa ("Rio - cidade maravilhosa"; "Rio - cidade turística"; "Rio - cida

de do carnaval e do futebol") e a frase-síntese, extremamente forte na ocasião do levantamento, "Rio - cidade violenta".

Rio - espaço de síntese: Distribuição etária das frases-síntese

Alternativa selecionada \ Idade	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
16 - 20	29	12	64	87	40	86	43	48	22	98	529
21 - 25	20	13	44	55	28	55	31	30	11	52	339
26 - 30	13	4	23	31	8	26	19	12	9	27	172
31 - 35	5	1	14	13	1	18	7	1	4	13	77
36 - 40	4	2	4	11	2	6	9	4	3	13	58
41 - 45	2	2	3	4	1	3	5	1	1	3	25
46 - 50	3	-	2	-	1	1	-	-	3	-	10
51 - 55	4	-	4	2	2	2	3	-	1	3	21
56 - 60	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1	3
TOTAL	80	34	159	203	83	197	118	96	54	210	1.234

Não responderam - 5

- nas faixas centrais de idade (36-45 anos) torna-se aguda a dicotomização da percepção do espaço coletivo. À imagem tradicional de metrópole ("Rio - cidade do carnaval e do futebol") opõe-se a violência, genérica, como tradutora da percepção do estado da vida coletiva.

- as últimas faixas etárias encontram-se pouco representadas na amostra; dificultando este fato a identificação de tendências. Nota-se, no entanto, uma concentração maior na frase-síntese que melhor incorpora o dado da situação pessoal dos entrevistados, ou seja, uma entrada tardia nos bancos universitários - "Rio - capital cultural do país".

Rio - espaço de síntese: Distribuição etária das frases-síntese
(%)

Alternativa selecionada \ Idade	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
16 - 20	5,5	2,2	12,1	16,4	7,5	16,2	8,1	9,1	4,1	18,5	100,0
21 - 25	5,9	3,8	13,0	16,2	8,2	16,2	9,1	8,8	3,2	15,3	100,0
26 - 30	7,4	2,3	13,2	18,0	4,5	15,0	11,0	6,8	5,2	16,6	100,0
31 - 35	6,5	1,3	18,2	16,9	1,3	23,4	9,1	1,3	5,2	16,8	100,0
36 - 40	7,0	3,4	6,9	19,0	3,4	10,3	15,5	7,0	5,1	22,4	100,0
41 - 45	8,0	8,0	12,0	16,0	4,0	12,0	20,0	4,0	4,0	12,0	100,0
46 - 50	30,0	-	20,0	-	10,0	10,0	-	-	30,0	-	100,0
51 - 55	18,0	-	18,0	9,4	9,4	9,4	13,2	-	9,4	13,2	100,0
56 - 60	-	-	33,3	-	-	-	33,3	-	-	33,3	100,0
T O T A L	6,3	2,8	13,0	16,4	6,7	16,0	9,6	7,8	4,4	17,0	100,0

Não responderam - 5

A identificação com o lugar de nascimento transforma-se, neste levantamento, em um processo de reafirmação das sínteses recorrentes e tradicionais da metrópole ("Rio - cidade ma

ravilhosa", "Rio - cidade do carnaval e do futebol"). Tal reafirmação mescla-se com a síntese que generaliza a violência como marca intrínseca à cidade.

Os aspectos mais dramatizados de vida e do espaço coletivos surgem, no entanto, entre aqueles que nasceram em outros municípios da região metropolitana: "Rio - cidade violenta", "Rio - cidade abandonada", "Rio - cidade desumana".

Rio - espaço de síntese: distribuição por lugar de nascimento

Alternativa selecionada Lugar de Nascimento											TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Rio - cidade	47	22	92	120	45	118	77	55	30	131	737
RM - contínua	9	3	19	30	18	30	15	21	6	27	178
R M R J	3	1	3	6	-	2	4	-	3	2	24
Sudeste	10	2	21	21	9	22	9	10	6	22	132
Nordeste	9	3	17	14	6	16	8	5	7	19	104
Norte	-	1	3	4	1	3	2	1	-	3	18
Sul	1	1	3	4	2	4	2	2	2	3	24
Centro - Oeste	1	1	1	4	2	2	1	2	-	3	17
T O T A L	80	34	159	203	83	197	118	96	54	210	1.234

Não responderam - 5

Para aqueles que vieram de outros lugares, a metrópole é uma síntese de maravilha, consumo, prazer (festa) e violência. Trata-se de uma cidade que atrai e assusta e com relação à qual existe irresponsabilidade e abandono.

Rio - espaço de síntese: distribuição por lugar de nascimento (%)

Alternativa se lecionada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
Rio - cidade	7,4	3,0	13,0	16,3	7,0	16,0	11,0	7,6	4,1	14,0	100,0
Rio - contínua	5,0	1,7	10,7	16,9	10,1	16,9	8,4	11,8	3,4	15,2	100,0
R M R J	12,5	4,2	12,5	25,0	-	8,3	16,7	-	12,5	8,3	100,0
Sudeste	7,5	1,5	15,9	16,0	6,8	16,7	6,8	7,6	4,5	16,7	100,0
Nordeste	8,6	2,9	16,3	13,5	5,8	15,4	7,7	4,8	6,7	18,3	100,0
Norte	-	5,5	16,7	22,2	5,5	16,7	11,2	5,5	-	16,7	100,0
Sul	4,2	4,2	12,5	16,7	8,3	16,7	8,3	8,3	8,3	12,5	100,0
Centro - Oeste	5,9	5,9	5,9	23,6	11,7	11,7	5,9	11,7	-	17,8	100,0
T O T A L	6,3	2,8	13,0	16,4	6,7	16,0	9,6	7,8	4,4	17,0	100,0

Não responderam - 5

A busca de novas frases-síntese

O levantamento abria a possibilidade de que fossem formuladas, pelos entrevistados, novas frases-síntese da vida e do espaço metropolitanos. Como observado no primeiro estudo, ocorreu, neste levantamento, uma adesão quase total às frases-síntese apresentadas pelo questionário. Assim, apenas 25 entrevistas formularam frases alternativas; introduziram observações críticas à situação urbana ou descreveram a sua percepção do marco metropolitano.

Em consonância com a proposta de síntese puderam ser identificados os seguintes exercícios de reflexão que demonstraram a possibilidade do pensamento rápido e facilmente comunicável:

- "Rio - cidade do menor abandonado" (39 anos, nascida no Rio, professora)

Esta frase-síntese surge em consonância com a adesão com as frases-síntese: "Rio - cidade caótica"; "Rio - cidade violenta"; "Rio - cidade abandonada.

- "Rio - ex-cidade maravilhosa" (28 anos, nascida no Rio, bancária)

Esta frase-síntese também surge relacionada à seleção das frases-síntese apontadas no caso anterior.

- "Rio - cidade de desigualdade social" (27 anos, nordeste militar, há 5 anos no Rio)

Esta frase-síntese emerge de um processo multitendencial na seleção das frases-síntese apresentadas pelo questionário.

- "Rio - cidade de profundas contradições" (24 anos, sexo auxiliar judiciário)

Esta frase-síntese surge de processo multi-tendencial similar ao anterior.

O sinal S.O.S. - apresentado como alternativa por um jovem operador de computadores que assinalou uma pluralidade de frases-síntese do questionário - talvez expresse o mais expressivo processo de comunicação rápida do levantamento.

Na observação analítica das frases-síntese alternativas convém registrar, aqui, que o questionário foi aplicado du

rante a cadeira Introdução à Sociologia, onde os alunos eram iniciados nos processos de crítica social e pensamento sintético típicos da disciplina. Por exemplo, "Rio, uma cidade muito bonita, com um povo maravilhoso, humano, aberto, mas que enfrenta graves problemas demográficos e sociais causados por um sistema de exploração do homem pelo homem" (sexo feminino, 23 anos, não trabalha, processo multi-tendencial de seleção de frases-síntese).

- "Rio - cidade renovação. Rio - cidade transformação"
(sexo masculino, 43 anos, trabalha)

- "Rio - cidade antropológica, antológica, surreal e pós-moderna"
(sexo masculino, 19 anos, trabalho intermitente)

- "Rio - cidade maravilhosamente caótica" (sexo masculino, 52 anos, trabalha)

Os lugares da síntese

"Era uma quinta-feira de fevereiro quando, a trabalho pelo IPLAN, realizei um fantástico vôo de helicóptero sobre o Rio de Janeiro, como pessoal do Desenvolvimento Agrícola.

O itinerário compreendeu Lagoa, Barra da Tijuca, Guaratiba, Campo Grande e Santa Cruz. O piloto era competente e alucinado às do volante, que acrescentou emoções extras a tão emocionante vista aérea do Rio. Quanto é bela esta cidade !

Lá do alto, todos os males imprimidos a ela pelas políticas, pelos planejadores, pela arquitetura, pela miséria, pela 'desurbanidade' se diluem num mosaico de cores e relevos que fazem renascer o amor por esse pedaço de

terra, evidenciando a necessidade de um planejamento coerente, direcionado para uma melhor qualidade de vida." (Sandra Monarcha S. Silva - Boletim Metrópole - IPLAN-RIO)

Acreditamos que a visão da totalidade - a manifesta o prática do poder de síntese - não seja em princípio contraditório com a observa o de segmentos, parcelas, do espaço e da vida metropolitana. Ao contrário, as articula es forma-conteúdo, no processo de banaliza o simbólica que caracteriza a comunica o no ritmo metropolitano, agilizariam a possibilidade de que a determinados espaços da malha metropolitana ou a determinados segmentos do tecido social fossem atribuídas as características paradigmáticas identificadoras da totalidade metropolitana.

Fizemos o teste desta possibilidade através da introdu o, no questionário, da solicita o de que o entrevistado elegeisse um lugar e/ou situa o social que pudesse simbolizar visual e rapidamente as frases-síntese selecionadas. O desafio, portanto, era exatamente o oposto do apresentado pelo exercício anterior. Tratava-se da recupera o da memória visual sem a oferta direta de imagens.

A confirma o desta possibilidade de associa o imediata entre frases-síntese e imagens-síntese foi obtida, no levantamento de dados, através da obten o de 316 respostas, em um total de 377 entrevistados.

O olhar coletivo oscila sobre a cidade, sobre a vida urbana, recortando e alocando atributos a parcelas do espaço e da sociedade; criando identidades sócio-espaciais; introduzindo territorialidades e estereotípias.

A metrópole e seu momento passam a ser simbolizados, para alguns, pelas favelas, de forma isolada ou como plano de contraste imediato da riqueza e do prazer, da festa. A síntese   uma redu o e, esta redu o, o fio condutor da leitura. O mito  

uma fala para Roland Barthes mas, pode ser visto, também, como um olhar que reduz a fala e que dispensa o discurso. A simples referência favela surge como indicação do lugar-síntese - potencial produto visual sintético - dos atributos pobreza, abandono, violência, miséria. Por exemplo:

- "Todas as suas riquezas e todo o seu povão. Não há nada mais maravilhoso que a vida e esta, atualmente, se encontra um pouco abandonada. Um retrto fiel da maravilha e do realismo. É o povão ou simplesmente 'A favela'." (sexo feminino, 18 anos e trabalha)

A indicação da síntese anterior surge simplesmente aplicada por vários outros entrevistados:

- "As favelas." (sexo masculino, 27 anos)
- "As favelas." (sexo masculino, 22 anos)
- "As favelas cariocas." (sexo feminino, 22 anos)
- "As favelas e as ruas em geral." (sexo masculino, 19 anos)

Surge, também, o lugar-síntese "favela" carregado de atributos que caracterizariam, neste processo redutor, a metrópole:

- "As favelas com a pobreza, suja, abandonada, violenta, desumana." (sexo feminino, 29 anos, trabalha).
- "A marginalização nas favelas." (sexo feminino, 19 anos, não trabalha)

- "Cidade violenta - a proliferação das favelas e guetos e o grande número de menores abandonados".
(sexo feminino, 16 anos, não trabalha)

A favela como potencial espaço-síntese dos contrastes sociais na paisagem urbana é ainda mais especificamente identificada para alguns entrevistados:

- "Favela ao pé do Cristo Redentor." (sexo masculino, 21 anos, trabalha)
- "O Corcovado. Pão de Açúcar. Praia de Copacabana, Ipanema, etc. Morros e favelas." (sexo feminino, 25 anos, trabalha)
- "Maracanã, o Sambódromo e as favelas." (sexo feminino, 18 anos, trabalha)
- "Praia, Maracanã, favelas." (sexo masculino, 20 anos, trabalha)
- "O Cristo, as praias, Pão de Açúcar, favelas".
(sexo masculino, 18 anos, trabalha)
- "Favelas e zona Sul." (sexo feminino, 19 anos, não trabalha)
- "Favelas e palacetes na zona Sul." (sexo masculino, anos, trabalha)

Talvez possamos atribuir a este potencial de exemplificação do contraste, da dicotomização da vida social entre opulência e miséria, a seleção da favela da Rocinha como lugar-síntese da percepção da vida e do espaço metropolitanos. Esta seleção é

suficientemente recorrente para ser enfatizada aqui. Por exemplo:

- "Rocinha." (sexo masculino, 22 anos, trabalha)
- "As favelas do Rio (Rocinha)." (sexo masculino, 19 anos, não trabalha)
- "A praia de Ipanema e a favela da Rocinha." (sexo masculino, 19 anos, trabalha)
- "Favela da Rocinha." (sexo masculino, 46 anos, trabalha)
- "A Favela da Rocinha." (sexo masculino, 21 anos, trabalha)
- "A favela da Rocinha. Quem já foi lá sabe como as pessoas vivem em condições sub-humanas e sabe também da vista que eles têm da 'Cidade Maravilhosa'". (sexo masculino, 20 anos, trabalha)

À seleção da Rocinha como espaço-síntese somente foram agregados o Morro do Juramento, as favelas de Manguinhos, o Morro do Dendê, as favelas da periferia, em citações extremamente raras.

No levantamento dos lugares-síntese surpreende, ainda, a recorrência com que surge o conjunto de símbolos - sustentadores de mitos - que foram utilizados como imagens-clichês, provocadoras da memória visual, no primeiro estudo.

- "Cidade Maravilhosa e turística. Cristo Redentor -
cartão postal da boa vida dos cariocas (boa vida,
no sentido de facilidades que se tem)." (sexo femi
nino, 27 anos, trabalha)
- "Os pontos turísticos que são maravilhosos, o carna
nal, o futebol, etc." (sexo masculino, 32 anos, tra
balha)
- "Pão de Açúcar, Sambódromo e Maracanã." (sexo mascu
lino, 22 anos, não trabalha)
- "Pão de Açúcar, Sambódromo e Maracanã." (sexo femi-
nino, 20 anos, não trabalha)
- "A subida do Cristo Redentor ou do Pão de Açúcar."
(sexo masculino, 22 anos, trabalha)
- "Escolas de samba, Maracanã, pontos turísticos." (se
xo masculino, 19 anos, trabalha)
- "O colorido e tudo que se faz no Rio de Janeiro ter
mina sempre em samba, carnaval e futebol." (sexo
feminino, 44 anos, trabalha)
- "Cristo Redentor." (sexo feminino, 18 anos, não tra
balha)
- "Sambódromo e Maracanã." (sexo feminino, 18 anos,
não trabalha)
- "A vista do Pão de Açúcar." (sexo masculino, 26 anos,
trabalha)

- "Não há lugar mais atrativo que o Pão de Açúcar. Portal de entrada do Rio de Janeiro." (sexo masculino, 24 anos, trabalha)
- " 'Permanência' de turistas, transitando pelo Rio." (sexo feminino, 17 anos, trabalha)

Estas imagens encontram-se mescladas à imagens da festa e do consumo, como aliás ocorreu no primeiro estudo. São exemplos deste padrão de síntese:

- "Os clubes esportivos, as quadras de samba, a passarela do samba." (sexo feminino, 30 anos, trabalha)
- "Os divertimentos - boites, cinemas, teatros; Estabelecimentos de ensino - todas as opções; o Carnaval maravilhoso; o futebol - o grande exemplo 'Copa 86'." (sexo feminino, 20 anos, trabalha)
- "Todo e qualquer lugar há samba e futebol." (sexo masculino, 18 anos, trabalha)
- "Rock in Rio." (sexo masculino, 18 anos, não trabalha)
- "Dia de Domingo, praia, ruas, clubes com jovens se divertindo, debatendo assuntos diversificados." (sexo masculino, 22 anos, trabalha)

De fato, ocorreram 93 indicações que articulam os mesmos espaços-síntese e, aproximadamente, as mesmas visões seletivas da monumentalidade urbana; indicando a recorrência e a

banalização que, para nós, caracterizariam os mitos urbanos. Cabe salientar que o recurso às mesmas imagens-sintéticas, aos mesmos lugares-síntese, ocorreu a partir de uma pluralidade de "entradas" (estímulos indiretos à memória visual) advindas das frases-síntese incluídas no questionário. Por outro lado, não foram somadas às indicações anteriores, aquelas referentes às praias - analisadas abaixo - nem aquelas onde às mesmas indicações anteriores adicionavam-se outras que ilustravam fenômenos de violência e abandono. Se estas exclusões não tivessem sido processadas, a recorrência observada ainda teria sido acentuadamente mais aguda.

As praias, a orla, o litoral, a chamada moldura natural da cidade parecem constituir outro marcante recurso espacial sintetizador da metrópole. Elementos de reafirmação da simbiose homem-natureza ou de naturalização nas relações homem-homem, estes lugares-síntese constituem planos simplificadores, recorrentes, da vida metropolitana. talvez possamos dizer que a carga "naturalizadora" do Rio é especialmente aguda. Neste sentido, ouçamos a voz de um viajante distante especial:

"Concebem-se geralmente as viagens como um deslocamento no espaço. É pouco. Uma viagem se inscreve simultaneamente no espaço, no tempo e na hierarquia social. Cada impressão só é definível relacionando-a solidariamente com esses três eixos, e como o espaço possui sozinho três dimensões, seriam necessárias ao menos cinco para se fazer da viagem uma representação adequada. Sinto-o imediatamente ao desembarcar no Brasil. Estou, sem dúvida, do outro lado do Atlântico e do Equador, e bem perto do trópico. Numerosas coisas o atestam: êste calor tranquilo e úmido que liberta meu corpo do peso habitual da lâ e suprime a oposição (que descubro retrospectivamente como uma das constantes da minha civilização) entre a casa e a rua; de resto, logo aprenderei que é apenas para me introduzir em outra, entre o homem e a mata, que as minhas paisagens integralmente humanizadas não mais comportavam; há tam-

bém as palmeiras, as flores desconhecidas e, diante dos cafés, êsses montes de côcos verdes de onde se aspira, depois de havê-los decapitado, com água açucarada e fresca que sabe a porão." (Levi-Strauss. Tristes Trópicos)

Retiremos, em constraste, um exemplo das notas de viagem, do mesmo leitor de paisagens e culturas, relativas a São Paulo:

"Em 1935, os paulistas se gabavam do ritmo de construção em sua cidade; a média de uma casa por hora. Tratava-se, então, de palacetes; asseguram-me que o ritmo continua o mesmo, mas para os grandes edifícios. A cidade desenvolve-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição. Dizem, mesmo, que a gente se arrisca, indo de táxi a um encontro combinado algumas semanas antes, a chegar com um dia de avanço sobre o bairro. Nessas condições, a evocação de lembranças de quase 20 anos atrás assemelha-se à contemplação de uma fotografia fenecida. Pelo menos, ela poderá oferecer um interesse documental; derramo os fundos de gaveta de minha memória nos arquivos municipais." (Levi-Strauss . op. cit)

O processo de naturalização das relações urbanas, presente na relação espaço-sociedade que particulariza a metrópole, fazem da praia um dos lugares-síntese do Rio. O consumo dilui-se em naturalidade, assim como, os processos históricos e sociais de produção do lazer: "Praia, montanha e floresta, será que existe outro lugar assim ?" (sexo masculino, 21 anos, não trabalha); "As praias da zona Sul. Elas são um lugar de juventude e lazer." (sexo feminino, 18 anos, não trabalha); "Praia de Ipanema em tempo de verão" (sexo feminino, 25 anos, trabalha); "O verão nas praias cariocas" (sexo masculino, trabalha, 19 anos); "As praias cariocas e seus bares" (sexo feminino, 18 anos, não trabalha); "Ipane-

ma num dia de verão" (sexo feminino, 17 anos, não trabalha).

As imagens-síntese associadas às praias, à orla, de forma direta e isolada, foram relativamente frequentes no levantamento; associadas estas imagens, em geral, ao imobilismo relativo da afirmação do "Rio - cidade eternamente jovem". No entanto, também às praias é atribuído o poder de lugar-síntese do contraste, do cenário em contra-ponto à violência, à insegurança, ao abandono e ao medo coletivo:

- "Orla marítima do Rio/Baixada Fluminense" (sexo feminino, 25 anos, trabalha). Estes espaço-síntese referiam-se às frases "Rio - cidade eternamente jovem", "Rio - cidade abandonada".
- "O Rio através de um quadro: no fundo o Corcovado, em foco maior turistas e cariocas banhando-se e tomando sol na praia, compartilhando seu ar puro com trombadinhas, camelôs e a sujeira na areia" (sexo feminino, 25 anos, trabalha).
- "Assaltos a turistas na praia de Ipanema, o cartão de visitas do Rio" (sexo masculino, 25 anos, trabalha).
- "Um assalto a um turista no calçadão de Copacabana" (sexo feminino, 30 anos, trabalha).
- "A maravilhosa praia de Copacabana ! Maravilhosa, abandonada, turística, violenta (no sentido de marginalizada)" (sexo feminino, 21 anos, trabalha).

- "Praias cariocas. Local descontraído, de turismo e lazer; porém, um lugar aonde ocorrem assaltos e tumultos" (sexo feminino, 18 anos, não trabalha).

No mesmo processo seletivo de espaço-síntese ocorrem simplificações extremas como aquelas que resumem-se à referência "praias"; à indicação dos bairros Copacabana, Ipanema ou à seleção da área da zona Sul; criando-se, por este processo, uma simbiose imediata entre a imagem compartilhada do lugar e a imagem compartilhada da metrópole.

A situação específica do grupo pesquisado - trabalho frequente e vivência relativa da cidade - viabilizaram, neste levantamento, a seleção do centro da cidade como espaço de múltiplas sínteses. Por exemplo:

- "O centro do Rio de Janeiro" (sexo feminino, 27 anos, trabalha). Esta entrevistada tinha indicado praticamente a totalidade das frases-síntese como adequadas a sua percepção da metrópole.

A simbiose entre múltiplas percepções condensada no centro encontra-se complementada pela adequação a este espaço-síntese das frases: "Rio - cidade abandonada"; "Rio - cidade caótica"; "Rio - cidade violenta"; "Rio - cidade desumana".

- "Centro do Rio (abandono do menor)" (sexo feminino, 37 anos, trabalha)
- "O centro da cidade, as crianças e adultos dormindo nas ruas sujas e maltratadas" (sexo feminino, 26 anos, trabalha).

- "Centro do Rio. O trem da Central na hora do 'rush'" (sexo feminino, 19 anos, não trabalha).

Certos segmentos espaciais do centro metropolitano ganharam, na pesquisa, a possibilidade de adquirirem o papel de espaços-síntese da violência, do abandono e da desumanidade, tais como: a Frei Caneca, a Praça XV, a Central do Brasil e a Cinelândia. É também no centro que encontram-se os espaços-síntese das frases "Rio - capital cultural do país".

As poucas imagens políticas, presentes neste estudo, também encontram-se referidas à área do centro metropolitano. Por exemplo:

- "O comício pelas diretas quando milhares de pessoas se mobilizaram mas a grande maioria não tinha consciência da importância da proposta" (sexo masculino, 19 anos não trabalha).

O contraponto da ausência de imagens políticas encontra-se claramente indicado, no levantamento, pela visão genérica - a espacial - da violência e do abandono.

- "Um assalto na rua" (sexo feminino, 28 anos, trabalha)
- "A grande população que vive em rua. Os assaltos constantes" (sexo masculino, 29 anos, trabalha).
- "(...) cidade desumana - em qualquer situação ou em qualquer lugar" (sexo masculino, 21 anos, não trabalha)

- "Índice de criminalidade, prostituição, toxicomania etc" (sexo masculino, 22 anos, trabalha).
- "Por qualquer bairro ou rua que passamos constatamos a veracidade dos fatos" (sexo feminino, 39 anos, não trabalha)
- "O jogo do bicho (a livre corrupção)" (sexo masculino, 19 anos, não trabalha).
- "Rio - cidade violenta em todos os pontos da cidade" (sexo masculino, 24 anos, trabalha).
- "Assaltos, a desumanização das pessoas em relação às outras" (sexo feminino, 19 anos, trabalha).

Assim, a possibilidade, aberta pelo questionário, de indicação de uma situação social e, não, de um lugar, foi em geral utilizada pelos entrevistados para indicarem o caráter difuso das frases-síntese, em si políticas (pela conjuntura do levantamento) que resumiam a insegurança geral da vida coletiva.

Quando especializadas a insegurança e a violência tendem a encontrar seus "nichos" privilegiados nas favelas; no centro; nos espaços que seriam idílicos se não fosse a situação social e na periferia, na Baixada.

Este último espaço-síntese surge, por vezes, simplesmente indicado em associação imediata com a frase-síntese "Rio - cidade violenta":

- "Baixada Fluminense" (sexo masculino, 22 anos, trabalha).

- "Baixada Fluminense" (sexo masculino, 23 anos, trabalha)

O mesmo processo pode ser observado com relação a outros espaços-síntese, tais como: Zona Norte, Cidade de Deus, subúrbios e periferia.

Identidades Sociais e Espaciais

A última questão trabalhada pelo levantamento - "o que é para você ser carioca" - propunha, à reflexão, o retorno à totalidade. De forma mais clara, após a solicitação para que fosse escolhido um lugar e/ou situação social que melhor expressasse o Rio (frase-síntese) solicitavasse que o entrevistado refletisse sobre uma categoria totalizante, diretamente relacionada ao espaço coletivo.

Recebemos 361 respostas, o que nos permitiu alcançar um número elevado de indicações sobre as articulações possíveis entre identidades sociais e identidades espaciais. Os percursos para o alcance de respostas foram múltiplos; exigindo, assim, um certo esforço de análise.

Devemos salientar, imediatamente, o fato de que esta questão surgia após um elenco de perguntas sobre a cidade, o que pode ter influenciado no número de respostas que assumiram como base de reflexão o "estado" da cidade ou as suas características sócio-espaciais.

O sentido básico desta última observação é o de chamarmos a atenção para o fato que o ser "carioca" encontra, fundamentalmente, três pontos de apoio:

- o indivíduo
- o grupo (por ex.: o povão)
- o espaço (a cidade ou parte dela e, em alguns

casos, o Estado do Rio de Janeiro).

As fronteiras entre três pontos de apoio não rigidas e nem as fronteiras espaciais, ou seja, ocorrem auto-exclusões radicais ou inclusões absolutas (adesões) a partir da mesma base espacial de nascimento ou moradia (por exemplo, Niterói e São Gonçalo).

Assim, o lugar de nascimento pode ser adotado como primeiro critério para a resposta ou ser contornado por mecanismos de integração, ou simbiose, com as características - consideradas, em geral, imanentes - do espaço coletivo e da sociedade urbana.

A possibilidade de aderir à identidade carioca parece encontrar sua brecha de entrada através do recurso à metáfora "estado de espírito" que não pressupõe uma gênese única e absoluta mas, sim, seu alcance. Ser carioca, portanto, é possuir ou estar em uma determinada sintonia com o coletivo. Convém recordar, aqui, a importância desta observação para as nossas preocupações com a memória e a consciência coletivas. São exemplos deste tipo de apreensão da identidade analisada:

- "Ser carioca é ter o espírito do Rio. É aquele que assimilou a cultura do Rio e se integrou nela" (52 anos, nordestino, há 34 anos no Rio)
- "Ser carioca não significa única e exclusivamente ter nascido no Rio mas ser portador desta alegria que é peculiar ao povo carioca" (23 anos, mineiro, há 22 anos no Rio)
- "Acho que é mais um estado de espírito, é

o cara gozador que troça com todos e com tudo" (28 anos, bancária, nascida no Rio)

- "Ser carioca é ser sempre jovem por natureza e alegre como os que aqui vivem, apesar da situação do povo (de alguns)" (30 anos, nascida em Santa Maria Madalena-RJ, há 25 anos no Rio)
- "Um estado de espírito. Uma noção ampla de fraternidade e amor às pessoas e às coisas" (59 anos, nascido no interior do Estado do Rio, há 37 anos na cidade)
- "É um estado de espírito" (37 anos, funcionária do BNH, nascida na Bahia, há 30 anos no Rio)
- "É um estado de espírito. Uma visão bem-humorada e cativante de um povo acolhedor e alegre" (25 anos, secretária, nascida no Rio)
- "Ser espiritualmente alegre, descontraído, curtir a cidade mesmo com todos os problemas que possui, vibrar com o futebol, brincar no carnaval" (16 anos, nascida na cidade)
- "Ser carioca é um estado de espírito aberto, alegre e com sua malandragem pronta para dar um jeitinho" (18 anos, não trabalha, nascido no Rio)

Esta linha de resposta estabelece intenso paralelismo com a linha que encontra sua base de apoio no indivíduo, já que o "estado de espírito" constitui, sobretudo, o resultado de um movimento individual em direção às características que são supostamente compartilhadas pelo coletivo. Exemplos desta linha, calcada no indivíduo, que especifica as características personalizadas do "estado de espírito" carioca:

- "Um sofredor otimista" (25 anos, trabalha, nascido no Rio)
- "Carioca é um cidadão descontraído, social e amigável" (37 anos, trabalha, nascido no Rio)
- "É ser tudo, não esperando simplesmente nada. O importante é o amor, é ser sensível, e sensibilidade e calor humano, o carioca é perito em dar" (18 anos, trabalha, nascida em Barra do Pirai-RJ, há um ano no Rio)
- "Carioca para mim é o ser mais alegre do mundo, para ele está tudo bom, contanto que tenha carnaval e futebol" (41 anos, trabalha na Prefeitura de Niterói, nascida cidade)
- "É ser alegre, brincalhão, descontraído" (28 anos, datilógrafa, nascida em Vassouras-RJ, há 21 anos na cidade)
- "Saber conviver bem com o melhor e o pior de tudo que o rodeia" (20 anos, não tra-

balha, nascido na cidade)

- "Uma pessoa alegre que enfrenta as dificuldades" (20 anos, vendedora, nascida na cidade)
- "Ser carioca é ser alegre, comunicativo, aquele que dá sempre um jeitinho, vibra com as grandes emoções, participa da dor alheia, é solícito e muitas outras qualidades que só o carioca possui" (42 anos, professora primária, nascida no Rio)
- "Ser carioca é ser uma pessoa de bem com a vida, que goste de viver e se relacione bem com os outros" (24 anos, estagiário em computação, nascido em Niterói)
- "É aquela pessoa que consegue trabalhar, estudar e curtir tudo que a vida oferece" (29 anos, secretária, nascida em Campos - RJ, há 12 anos na cidade)
- "É ser jovem, ser alegre, mesmo sem dinheiro" (18 anos, não trabalha, nascida no Rio)
- "Ser carioca é estar alegre e bem humorado independente até mesmo das condições sociais. Pois qualquer bom carioca sabe transmitir simpatia, alegria, bem-estar, mesmo não sendo carioca-da-gema" (18 anos, não trabalha, nascida no Rio)

- "Ser jovem, gostar de ir à praia, deixar o samba correr na veia, ser malandro, não deixar se abater com nada ou quase nada, estar sempre disposto para o que der e vier, ser alegre, brincalhão, etc" (20 anos, bancário, nascido em Rondônia, há 16 anos na cidade)

As características alocadas aos indivíduos são, em alguns casos, explicitamente estendidas ao todo:

- "É ser um cidadão comum como qualquer outro, não importando de que Estado seja. Nós trabalhamos, estudamos para conseguir um lugar melhor na sociedade e um pouco mais de conforto. Somos mais alegres, mais jovens" (20 anos, trabalha, moradora de Niterói)
- "É ter espontaneidade nas atitudes e em tudo que faço. Mas, ser carioca é só uma questão de região porque tudo isto que o Rio apresenta nada mais é que uma soma de parcelas de todo o Brasil. É um pedaço de cada brasileiro, somado com os estrangeiros do passado e do atual" (29 anos, técnico de eletrônica, nascido no Rio)

Nestas linhas de reflexão podemos verificar que o ser carioca - constituindo um "estado de espírito" imutável e a-temporal - implica numa articulação de características individualizáveis mas, que constituem o caminho de entrada, ou de pertencimento, no coletivo.

Por outro lado, esta a-temporalidade típica do mito pode ser também compreendida como fundo comum, ainda que estreito, de valores constituintes da personalidade coletiva tendencial. São elementos (valores) recorrentes nesta estrutura mítica: otimismo; alegria; juventude; sensibilidade; calor humano; descontração; sociabilidade; amizade; amabilidade; conformismo; espontaneidade; gaiatice; despreocupação; maladragem; vadiagem; animação; felicidade; extroversão; falta de preconceito; hospitalidade; simpatia; bondade; abertura; habilidade para viver; coragem; vibração; curtição; esperança; informalidade; passividade; beleza; esperteza e disposição.

Os elementos evidentemente positivos alocados pela estrutura mítica à identidade carioca são trabalhados em uma terceira linha de reflexão (ou refração), voltada para o confronto direto da ambiguidade que perpassa esta identidade coletivamente construída:

- "É ter boa vida, ser boêmio, não pensar em nada, levar a vida 'numa boa'. O carioca não tem preocupação com o amanhã, vive o hoje e o amanhã 'verá como vai ficar'. Assim não é legal." (19 anos, trabalha, nascida na cidade).

- "Em princípio o carioca é um otimista cheio de humor que talvez pela amenidade do clima deixa sempre para amanhã o que tem que ser feito hoje, ou talvez o vocábulo pudesse ter uma tradução mais correta, ao invés de se traduzir amanhã, de veria significar 'qualquer dia destes'". (34 anos, sócia de firma de incorporação, nascida na cidade).

- "Ser carioca é considerado malandro, curti dor da vida, não gosta de trabalhar. O tí

ico malandro." (19 anos, não trabalha, nascida no Rio).

A estrutura defensiva da identidade carioca (e da sua ambiguidade) surge, claramente, em algumas definições; apontando para o aprendizado social das implicações inerentes às identidades espaciais, ou seja, o resgate da positividade e o peso social da negatividade implícitas nas estereotípias da vida e do espaço coletivos:

- "É uma grande responsabilidade porque nós somos tidos como malandros ou vagabundos, e cabe a nós acabarmos com este mito. Mostrar para o mundo que somos capazes e vamos além ... Ser carioca é carregar uma responsabilidade de acabar com esta imagem má que as pessoas têm do Rio" (18 anos, não trabalha, nascido em Itaperuna - RJ, há 2 anos na cidade).
- "Ser descontraído, amável com todas as pessoas. O carioca não é preguiçoso, como alguns afirmam, apenas ele dá mais valor às coisas boas da vida como, por exemplo, lazer, amor e, principalmente, desfrutar a companhia dos amigos. O carioca é jovem e alegre e não se reprime socialmente, mas também é responsável." (30 anos, trabalha na administração do BNDES, nascida no Rio).

- "Ser carioca é sentir o dia-a-dia da nossa sociedade. O carioca é uma pessoa alegre, extrovertida, mas que também dá duro no trabalho. Ser carioca é ser gente, ser gente é ser humano." (27 anos, trabalha em empresa de crédito imobiliário situada em Niterói).

- "Brincar, mas também ter seriedade; brincar com seriedade" (21 anos, não trabalha, mora em Niterói).

As características básicas atribuídas à personalidade coletiva tendem, em uma quarta linha de reflexão, a resistir ou a se sobrepor às condições sociais e à precariedade identificadas no quadro de vida:

- "É um estado de espírito, que pode ser cultivado e avançado, com mais justiça social, maior acesso e estímulo e criação de vagas nas escolas, frentes de trabalho, subsídio à alimentação e somando-se a isso e algo mais, seremos como é realmente ser carioca." (26 anos, assistente parlamentar na Câmara do Rio de Janeiro, nascido no Espírito Santo, há 12 anos no Rio).

- "Ser alegre, descontraído, malandro. Mas ser um pouco tenso pela violência urbana" (18 anos, nascido em Mato Grosso do Sul).

- "Cariocas são pessoas trabalhadoras, que acordam cedo para pegar conduções para chegar aos serviços. São pessoas que lu-

tam pelos seus direitos fazendo greves. Mas quando chega e mês de fevereiro e a Copa do Mundo, e as pessoas esquecem de seus problemas para aproveitar, extravasar a alegria escondida dentro de cada um" (19 anos, não trabalha, nascida em Niterói).

- "O carioca aparenta ser aquele tipo de pessoa que não se preocupa com a vida, que "dá um jeitinho" em tudo e que tem muita vontade de viver, apesar das ameaças que está sujeito a levar no dia-a-dia" (16 anos, não trabalha, nascida em Mato Grosso do Sul, há 4 anos no Rio).

Conforme dito antes, a posição da pergunta relativa à identidade carioca no final do questionário talvez tenha propiciado uma certa ênfase artificial no espaço da cidade. No entanto, pudemos observar a presença de uma quinta linha de reflexão diretamente calcada nas características (positivas ou negativas) do espaço metropolitano.

A identidade social praticamente emerge da leitura do espaço.

- "É ter nascido no lugar mais belo e querido do mundo" (33anos, nascido no Rio).
- "Ser carioca é viver a vida normalmente e desfrutar dos prazeres que esta cidade oferece" (18 anos, nascida na cidade).
- "É viver na cidade e usar o que nos ofere-

ce". (21 anos, nascido em Niterói).

- "É ter orgulho desta cidade que apesar de violenta como qualquer cidade grande é cheia de uma alegria contagiante" (18 anos, não trabalha, nascida no Rio).
- "Ser carioca é participar de tudo que a cidade nos oferece" (31 anos, nascido no rio).
- "Gostar do Rio por ter nascido aqui e achar privilégio por isso" (18 anos, nascido no Rio).
- "É saber aproveitar as oportunidades que o Rio oferece, embora essa marginalidade e essa onda que na minha opinião tem que me melhorar mas cabe a nós saber onde e aonde se deve frequentar e como frequentar". (20 anos, nascido na cidade).
- "Apesar de achá-la em decadência, para mim é um orgulho ser carioca. Tudo é mais badalado e mais colorido no Rio" (26 anos, auxiliar de secretaria, nascido no Rio).
- "Ser carioca é poder desfrutar da cidade mais cheia de vida de todo este Brasil" (18 anos, estagiária em escritório de ad vocacia, nascida em Niterói).
- "Viver em um lugar conhecido como 'maravi

lhoso' mundialmente" (17 anos, não trabalha, nascida em Niterói).

- "É maravilhoso! Apesar do abandono da cidade" (23 anos, nascida no Rio).

A articulação entre os valores que compõem a estrutura mítica, acima explicitados, e o espaço da cidade permite a identificação da sexta linha de reflexão, diretamente relacionada ao comportamento coletivo e às formas de usufruto das ofertas metropolitanas. Trata-se de colagem imediata entre comportamento, estrutura da personalidade coletiva e valores sociais:

- "Gostar de carnaval, samba e muita praia." (43 anos, nascido no Rio)
- "É ser criativo, gostar de mar, vida noturna" (20 anos, nascida em Niterói)
- "Além de apaixonado por um time de futebol e ser um autêntico carnavalesco, amar sobretudo as praias cariocas, a natureza, um papo amigo em uma mesa de bar" (53 anos, nascida em Minas Gerais, há 29 anos no Rio).
- "É gostar de praia, futebol e carnaval" (35 anos, nascida no Rio).
- "Carioca é o cara que gosta de muita praia, samba e futebol. Não gosta muito de trabalhar, mas trabalha e quando recebe vai logo comemorar sempre "algo" com os amigos. O carioca não liga prá dinheiro, ado

- ra uma cerveja" (28 anos, bancária, nascida no Rio).
- "Ser carioca é ser alegre, descontraído, curtir a cidade mesmo com todos os problemas que possui, vibrar com o futebol, brincar no carnaval" (16 anos, nascida no Rio).
 - "Ser carioca para mim é gostar essencial - mente de carnaval e futebol. O carioca é um povo extremamente alegre, que adora se divertir e curtir as boas coisas da vida. É o povo que melhor expressa o que é ser brasileiro" (24 anos, nascido em Pernambuco, há 17 anos no Rio).
 - "É ser carnavalesca" (18 anos, nascida no Rio).
 - "E ser alegre, comunicativo e gostar de futebol. O verdadeiro carioca é aquele que desce do morro em fevereiro" (18 anos, nascida na cidade)
 - "Curtir o carnaval, o futebol, praia e cerveja" (26 anos, nascida em Niterói).
 - "O ser carioca é nada mais e nada menos do que gostar de samba, futebol e praias" (28 anos, nascida no Rio).

A colagem entre identidade (personalizada) e espaço permite a emergência de uma sétima linha de reflexão que implica em exigências (morais) de participação e envolvimento com o quadro urbano coletivo:

- "É conhecer detalhadamente esta cidade, é gostar de viver dentro dela, é participar dos acontecimentos que ocorrem dentro dela. Para ser carioca não é só nascer aqui, há casos de cariocas que não se interesam pela cidade, enfim é zelar por uma cidade, é ser você dentro dela." (21 anos, nascida na cidade).
- "É ser alegre e brincalhão não esquecendo das responsabilidades que temos com a nossa cidade para fazê-la cada vez melhor" (20 anos, nascida em Niterói).
- "É se preocupar com o Rio e tentar dar conforto e abrigo a quem mora aqui e não aos turistas. Temos que nos preocupar com as favelas e não com os hotéis 5 estrelas" (19 anos, nascida no Rio).
- "É zelar pelo Rio, conhecer seus problemas e lutar junto aos governantes para solucioná-los com associações de moradores" (32 anos, nascido em São Gonçalo).
- "Na minha opinião o carioca é aquele que ama o Rio de Janeiro, que luta para melhorar a cidade" (19 anos, nascido no Rio).

- "Ser alegre, despreocupado mas consciente e ter fé que pode vir a ajudar o Rio e seu país de alguma maneira" (20 anos, nascida na cidade).
- "É não só aproveitar as delícias que o Rio pode oferecer, mas também lutar para mudá-lo nos aspectos necessários, lutar pela não-violência e pela maior limpeza urbana e melhoramentos. É participar dos atos culturais, honrando a cidade" (18 anos, nascida no Rio).
- "Primeiramente ter nascido no Rio de Janeiro e zelar pelo estado que é de todos nós" (18 anos, nascida na cidade).
- "É um objetivo. Pretender fazer dela uma 'cidade realmente maravilhosa'" (19 anos, nascida no Rio).
- "Ser carioca é lutar por um Rio mais humano. É participar e interessar pelos problemas políticos e sociais. Amar a terra, o povo, suas tradições e costumes. Tudo isto é ser carioca" (18 anos, nascida no Rio).
- "É ser apaixonado pela cidade mas ser consciente dos problemas que ele tem. É curtir tudo mas também criticar. Enfim, é amar conscientemente" (18 anos, nascida na cidade).

- "É nascer no Rio de Janeiro, viver aqui e lutar por uma idealização de ver e participar de um Rio diferente, que não explore apenas a sua beleza natural por atrair turistas, mas que vise uma condição de vida, educação e segurança realmente estruturada e de uma cidade melhor formada" (33 anos, nascida no Rio)
- "É morar no Rio de Janeiro, participando dos problemas sociais" (31 anos, nascida na cidade).
- "Ser carioca é principalmente ter nascido no Rio e em seguida participar dos problemas que o afligem" (21 anos, nascido no Rio).

A estrutura mítica da cidade encontra sua contraface na recusa explícita à absorção de qualquer elemento constitutivo desta estrutura. Trata-se de um processo de refutação do mito que apresenta diversas conotações: desde uma linha de reflexão que permite a percepção do ressentimento até uma linha que anula qualquer esforço de enfrentamento tipo - "ser carioca é ter nascido no Rio". Exemplos destas formas ambivalentes de confrontação com a estrutura mítica:

- "Um ser como qualquer outro" (18 anos, nascido em Niterói).
- "Ser carioca é ter nascido no Rio, sem vangloriar seus habitantes. Para ser mais claro, não é nada de especial" (21 anos, nascido em São Gonçalo-RJ).

- "Ser carioca para mim significa o indivíduo nascido na cidade do Rio, um indivíduo como qualquer outro" (20 anos, nascido no Maranhão).
- "É somente estar morando (ou ter nascido) no Rio, para quem gosta" (17 anos, nascida em Niterói).
- "Para mim não tem nenhuma "mitologia", é a pessoa que nasce na cidade do Rio, assim como, quem nasce em Belo Horizonte é belorizontino, e em qualquer outra cidade" (19 anos, nascida em Belém, há 6 anos no Rio).
- "É encarar a realidade como qualquer outro cidadão do país. É também não ter orgulho só por ter nascido no estado do Rio de Janeiro" (19 anos, não nasceu na cidade, sem especificação).
- "Ser carioca é como ser de outro estado qualquer, pois para mim são todos povos maravilhosos" (38 anos, nascida na cidade).
- "O indivíduo que vive no Rio de Janeiro e seja brasileiro" (55 anos, cearense, há 34 anos no Rio).

Por fim, a última linha de resposta que surge do levantamento simplesmente declara a impossibilidade de responder à questão. O principal argumento utilizado é o fato de não ter nascido no Município do Rio de Janeiro.

Esta linha permite uma dupla interpretação. A primeira seria a sua aproximação com a linha anterior, ou seja, um esforço de afastamento radical da estrutura mítica. A segunda seria através da compreensão da pergunta, na medida em que esta poderia ser interpretada como contendo elementos de personalização. Exemplos desta última linha de resposta:

- "Não sou carioca" (19 anos, nascida em Niterói).
- "Eu não sei. Porque não sou" (22 anos, nascido em Goiânia).
- "Eu não sou carioca" (17 anos, nascido em Niterói).
- "Eu não sou carioca! Sou mineiro orgulhoso!" (21 anos, há 5 anos no Rio).

Uma análise quantitativa destas linhas de reflexão da identidade carioca permitiria uma aproximação aos dados de seguinte teor:

BASE: ESPAÇO

- a tendência que parte do indivíduo (ou grupo) e que captura em suas características intrínsecas reteve 68 das respostas obtidas no levantamento.
- a tendência que observa o indivíduo (ou grupo) em seu comportamento (fazer isto ou aquilo/ gostar disto ou aquilo) deteve 28 respostas.

BASE: INDIVÍDUO--GRUPO/ESPAÇO

- a tendência que articula características do indivíduo (positivas ou negativas) às caracterís-

ticas do espaço (positivas ou negativas) alcançou 34 respostas.

- a tendência que envolve o chamado moral à participação (lutar por; participar de; zelar do, etc) orientou 39 das respostas obtidas.

Ainda como indicação geral mas, em um processo de refinamento da análise poderíamos acrescentar que o descolamento explícito do "estado de espírito" carioca esteve presente em 39 definições.

Os processos de defesa face à estrutura mítica puderam ser percebidos pela análise em 35 das respostas obtidas e os processos que procuraram o espelhamento direto do "olhar externo" (pensam que somos assim...) orientaram 28 entrevistados.

Os lugares-comuns, as estereotípias, a colagem indivíduo-espaço, a participação difusa, a ambiguidade da identidade social e sua defesa frente ao "olhar externo" (presumido) constituem elementos da orientação coletiva no espaço metropolitano. Trata-se de uma produção cultural historicamente determinada e que nos levou; em um outro texto, a perguntar: as cidades brasileiras seriam macro-guetos ?

A título de conclusão deste segundo estudo reproduzo aqui alguns exercícios de um menino de 9 anos da escola tradicional da zona Sul que constituiu o campo de pesquisa do primeiro estudo:

- O que é ser carioca ? Estava à disposição da turma a seguinte definição mimeografada: "Nascido na Cidade do Rio de Janeiro tem um jeito diferente de ser: alegre, brincalhão, comunicativo, descontraído. Sempre pronto a fazer piadas. Gosta de sol, praia, futebol e também daquele bate-papo. Da mistura de vários povos nasceu o carioca - este povo simpático que se tornou conhecido por sua alegria ".

- Sob o título "Gente que vem de longe" surgia um texto que afirmava a estereotipia clássica do turista "... É fácil reconhecê-los passeando no calçadão de Copacabana: trazem máquinas fotográficas, roupas diferentes das nossas e um ar de deslumbramento com a beleza da Cidade e a simpatia do povo." Este mesmo texto introduzia a leitura espacial do "olhar externo": "Logo que chegam aqui querem conhecer vários lugares - Pão de Açúcar, Barra da Tijuca, Maracanã, Cristo Redentor ou Corcovado e Copacabana". Ainda como última frase apresentava a atitude considerada correta face ao interlocutor preferido (ausente):

"Turista, nossa Cidade agradece a sua visita.
Você é bem-vindo, Amigo Turista."

Com base nestes elementos que constituem parte da estrutura mítica identificada no primeiro e no segundo estudos não podem ser considerados surpreendentes os fatos assinalados pelo jornalista Bráulio Tavares na Revista de Domingo, Ano 12, de 12.07.87, em matéria intitulada "Investigação tropeça nos cli-chês". Esta matéria realizava a análise crítica de programa do Canal 7 de televisão sobre a oposição cultural Rio x São Paulo. O referido jornalista lamentava: "a primeira impressão que se tem é que nem cariocas nem paulistas conseguem pensar a respeito uns dos outros (e de si próprios) sem fazer uso dos velhos chavões: "... As dezenas de pessoas entrevistadas no programa estão todas encurraladas no interior desses estereótipos ... o cara pode até achar que gosta do Rio real ou do São Paulo concreto mas é no cli-chê que está pensando."

A produção social da imagem urbana, conforme indicada em nossos processos sucessivos de pesquisa (construção do objeto), retira qualquer possibilidade de confronto imediato mito x realidade, aliás o próprio autor do artigo acima reconhece este fato: "... quando o todo é grande demais, cada um extrai dele a parte que lhe convém", ou, poderíamos acrescentar, totaliza quem pode e com as intenções que deseja imprimir na vida coletiva.

Noutro tipo de material didático a cidade "fala" às crianças. Trata-se do livro "História de Uma Cidade Contada por Ela Mesma" de Leny Werneck Dornelles (Rio de Janeiro, Ed. Ao Livro Técnico, 1985). Após um balanço de sua história - personalizada - a cidade (personagem principal ou único) conclui:

Pensei em todas as pessoas que, em 400 anos, nasceram e cresceram, brincaram e trabalharam, construindo minha vida.

Pensei nos dias de festa, no carnaval, no futebol.

Pensei nos pobres, nos desabrigados, naqueles a quem os caminhos distantes trouxeram até aqui.

Pensei no bombeiro sem nome, que apaga o incêndio e salva a criança.

Pensei na professorinha, tão jovem !

Pensei nas autoridades, tão importantes !

Pensei nas igrejas, tão belas !

Pensei até naquela pedra enorme, que muitos turistas chamam de "Sugar Loaf", o Pão de Açúcar !

Pensei em você , criança, e a você eu digo :
Sou uma cidade feliz, aos 400 anos, porque amo meu povo. Ele soube fazer de mim uma CIDA
DE MARAVILHOSA." (págs. 39-41).

Se o espaço expressa, diz, fala, indica, se estrutura - como tantas vezes observamos na produção acadêmica - nada impede que também pense ou dite normas à população. O processo de adesão torna-se imediato ou pelo nascimento ou pela incorporação do "estado de espírito" do lugar que pode ser confirmado, ainda ,

pela obediência às regras de comportamento (convívio social) que constituem os atos confirmatórios do consumo ritualizado dos recursos urbanos.

A temática do acesso social ou da acessibilidade (abordagem espacial) deveria, portanto, ser retomada neste contexto onde encontram-se articulados valores, hábitos e expectativas sociais. O confronto entre excluídos e integrados passaria a exigir que fossem considerados os elementos constitutivos do mito, apropriados pelo processos e circuitos da modernização capitalista do espaço coletivo que encontram campo de exploração específica - no lugar e do lugar - a partir da consolidação do setor de propaganda e marketing. Mas este é o tema de outro estudo.

As esferas de controle (*)

Além do questionário que sustentou a análise realizada acima, procuramos constituir pequenas esferas de controle que possibilitassem tanto a ampliação do nosso universo de reflexão quanto o teste da pertinência do nosso caminho da análise.

Estas esferas de controle foram delimitadas pelas seguintes características:

- heterogeneidade da base social;
- heterogeneidade de inserção no contexto urbano;
- heterogeneidade quanto a processos controlados (acadêmicos) de reflexão do contexto urbano;
- heterogeneidade quanto a expectativas profissionais.

(*) Agradecemos a colaboração da Socióloga Amélia Rosa S.B. Teixeira e do engenheiro Francisco Ribeiro.

Não pretendemos, aqui, realizar uma análise comparativa entre as esferas de controle mas, apenas, inserir elementos complementares ao pano de fundo construído através dos dois estudos anteriores.

O olhar analítico: características do distanciamento reflexivo

O olhar analítico, neste levantamento, foi procurado entre estudantes que, em 1986, especializavam-se em Sociologia Urbana. Responderam 6 graduados em diversas áreas disciplinares e na faixa etária 26-46 anos (4 homens e 2 mulheres).

A estrutura paradigmática do questionário, sua aproximação direta com o senso comum, produz entre este tipo de estudante um processo de rejeição relativa que pode ser percebido através dos indícios abaixo relacionados:

- recusa da seleção da frase-síntese (apenas 3 aceitaram as imagens sintéticas oferecidas pelo questionário);
- tentativa de elaboração de imagens alternativas;
- heterodoxia dos lugares e/ou situações sociais correspondentes às imagens da cidade, e
- afastamento com relação à articulação entre identidade espacial e identidade social.

São características do olhar analítico, para nós, as frases-sintéticas alternativas:

- "Cidade submetida a uma exploração violenta"
(26 anos, sexo masculino)

- "Rio - mais uma cidade grande integrada no processo de acumulação" (28 anos, sexo feminino)
- "Rio - cidade de residência e trabalho" (46 anos, sexo masculino).

Observa-se a presença, nestas frases-síntese, de um processo redutor do nível cultural e simbólico da cidade. Este processo tende a ignorar a especificidade da metrópole e a considerá-la através de categorias que seriam pertinentes a qualquer outro espaço urbano-metropolitano do país.

A falta de especificidade observada acima tende a se reproduzir na indicação do lugar e ou situação social correspondentes às imagens da cidade. São exemplos do processo assinalado:

- "Viaduto do metrô no Jacaré, população sem casas no centro do Rio (que moram embaixo de marquises), população moradora de viadutos e os ônibus lotados e insuportáveis da hora do rush"
- "Estação Central do Brasil - 18 hs, dia de semana. Bares da Avenida Atlântica à noite. Favela na margem de algum canal da Baixada Fluminense. E quantas mais ? Sala de aula de escola do Município na Zona Oeste da cidade"

É este mesmo processo de afastamento crítico, como tendência, que podemos identificar nas definições do "ser carioca":

- "Ser carioca é antes de tudo um estado de espírito que é bem, e muito bem, explorado pelos aparelhos ideológicos do Estado. Es-

sa coisa de que o carioca é malandro, só vive no samaba e no futebol é usado pelos meios de comunicação de maneira alienadora e faz com que as pessoas se sintam envaidecidas de algo que não existe na verdade. Ser carioca, 'o carioquismo' é um estereótipo que aliena e que faz as pessoas, sem razão, se sentirem superiores a outra" (26 anos, nascido em Itaboraí, há 5 anos no Rio).

- "Viver no Rio, assumir suas falhas e virtudes" (39 anos, sexo feminino, não trabalha, carioca).

Ou, ainda, a seguinte simbiose:

- "É fazer parte deste complexo que inclui todas as condições de uma metrópole e se armar de uma boa dose de bom humor e ironia para continuar sobrevivendo ao caos aparente. É aprofundar o conhecimento da realidade desta cidade para atuar politicamente na organização popular com vistas à transformação disso aí. É, ao mesmo tempo, curtir um bom samba e futebol e o sol - é claro" (28 anos, sexo feminino, trabalha).

Tendo por objetivo o esclarecimento do fio condutor de nossa reflexão devemos estabelecer, neste ponto do processo de recuperação das informações, as linhas de problematização que esta esfera de controle nos propicia:

- em primeiro lugar, as categorias críticas do tipo "exploração", "acumulação", "trabalho", não parecem atingir o fundo de valores sociais com-

partilhado. Neste sentido, e seguindo a orientação analítica de Agnes Heller, as visões críticas da vida urbana tenderiam a não permitir o resgate de novos valores que subsidiem transformações substanciais na consciência coletiva;

- em segundo lugar, a perda de relação com o senso comum pode contribuir para que não ocorra o retorno aos elos de comunicação que permitem a adesão social às visões-sintéticas (projetos coletivos) da vida metropolitana;
- em terceiro lugar, o poder de síntese (oferta de padrões interpretativos) parece exigir o uso de elementos simplificadores que toquem em acervos de memória. A deslocalização do olhar, a sua perda de referências imediatas, ao nosso ver, contribui para a não-tradução, no quotidiano urbano, do padrão presente na análise crítica do espaço da cidade.

Um determinado olhar da prática

O olhar da prática foi procurado, por nós, entre estudantes de Serviço Social. Os 26 questionários aplicados permitiram a composição de uma amostra preponderantemente feminina e em idade entre 18 e 31 anos. Trata-se de faculdade localizada em área próxima ao centro do Rio de Janeiro que atende a uma clientela socialmente diversificada. De fato, e pelas próprias características do curso selecionado, encontramos em nossa amostra uma ampla gama de situações profissionais: secretárias, auxiliares administrativos de vários órgãos de governo, bancários, professores primários.

A análise das informações desta esfera de controle da pesquisa permite a percepção de processos associativos similares aos observados entre os alunos de Direito que compuseram o nosso segundo estudo.

Cabe assinalar, no entanto, uma colagem, entre estes estudantes, à nossa oferta do senso comum que traduz a comunicação quotidiana. Este processo agudo de adesão foi identificado, por nós, através das seguintes indicações:

- nenhum caso de recusa das frases-síntese da vida coletiva presentes no questionário. Neste universo, a tendência mais forte foi a seleção entre 3 e 5 frases-síntese.
- nenhum caso de recusa à leitura do espaço urbano, ou seja, à identificação de espaços específicos correspondentes às imagens-síntese.

A situação urbana paradigmática, desvendada através das frases-síntese, encontra-se localizada de forma preponderante nas seguintes opções: Rio - cidade violenta; Rio - cidade turística; Rio - cidade abandonada; Rio - cidade do carnaval e do futebol.

A leitura destes dados permite-nos o trabalho com uma visão docotômica onde surgem "duas cidades" e uma linha de observação da vida coletiva que privilegia o contraste. Assim, o olhar encontra-se, como olhar tendencial, marcado pela sobreposição de situações/lugares, cuja articulação é operacionalizada pelas distâncias entre condições de vida, comportamentos ou sua imediata (inferida) tradução espacial.

São exemplos deste leitura preponderante do espaço metropolitano as seguintes seleções:

- "As favelas e os camelôs (desemprego) ... O Maracanã e a Passarela do samba superlota - dos" (sexo masculino, 21 anos).

- "Corcovado, subúrbio. Marquês de Sapucaí, Cidade de Deus" (19 anos, sexo feminino).
- "Favelas e zonas periféricas pobres. Zona Sul, centro do Rio." (31 anos, sexo masculino)

Ocorre assim, de forma nítida, um processo de busca de situações que contradigam o lado estruturante do paradigma que encontra-se apoiado na beleza e no usufruto:

- "A cidade vista do alto de um morro de uma favela, e de onde se pudesse visualizar o mar, toda a sua beleza, a juventude (em grande parte) em suas areias, o lazer; e nas favelas todo o contraste social, a injustiça, a violência e o pobre lazer a que direito." (25 anos, sexo feminino)
- "O lugar seria a própria Cinelândia, o chamado 'pulmão cultural e político' do Rio, onde se vê todos os tipos de manifestações e de pessoas, representantes de várias classes sociais, no contraste entre os que tomam 'chope' no Amarelinho e os que dormem nos bancos, nos jornais." (20 anos, sexo feminino).

É interessante observar que este padrão dicotômico dilui-se quase completamente quando a reflexão encontra-se dirigida para a identidade carioca. As definições recolhidas recorrem, de forma sistemática, ao mesmo fundo comum de valores e padrões de observação levantado no nosso segundo estudo. Predominam as imagens da cidade-festa e as características homogeneizantes do "estado de espírito" que constroem a identidade analisada. São exemplos correspondentes à esta constatação:

- "É ser alegre e hospitaleiro" (23 anos, auxiliar de escritório, carioca)
- "É valorizar a vida, o lazer, o futebol, a cerveja, o carnaval etc. É levar a vida calmamente, é conversar com as pessoas abertamente, ter amigos, receber bem as pessoas de outros lugares, etc." (19 anos, nascida em Santos, há 2 anos no Rio).
- "É ser alegre, com um astral ótimo. É gostar de praia, samba e futebol" (19 anos, nascida em Campos-RJ, há 11 anos no Rio).
- "Ser carioca é ter vida. É saber usar o jogo de cintura, ser malandro, curtir cada momento, ir à praia, ao futebol. Enfim, ser carioca é tirar proveito de tudo de bom que a vida nos oferece." (20 anos, auxiliar administrativa, carioca).
- "É ser vivo !" (21 anos, não trabalha, carioca)
- "Ser carioca para mim é ser sorridente!" (21 anos, não trabalha, carioca).

Por outro lado, são reproduzidos nesta esfera de controle os mesmos processos de: rejeição em bloco da identidade; defesa face ao olhar externo; privilégio de determinados comportamentos; privilégio do usufruto e do consumo.

Ainda com o objetivo de ordenarmos o caminho de nossa reflexão podemos introduzir, neste momento, a seguinte linha de apropriação dos dados acima analisados:

- o olhar sobre a cidade e a vida coletiva - genérico ou detalhista - tende a permitir a incorpo

ração sintética de princípios de análise. Tais princípios encontrariam sua força de demonstração no acionamento - com intensidade de exemplo - dos padrões recorrentes de construção do senso comum. O lugar coletivo surge como um tabuleiro, ou um mosaico, no qual as peças componentes são repostas na ordem desejada pelo olhar que procura a síntese.

- a identidade social e o processo de homogeneização que permite a aproximação instantânea entre similares - construção da unidade - encontram sua fundamentação, de forma privilegiada, em elementos de abstração que resistem à argumentação objetivada ou analítica. Trata-se de um conjunto de operações reflexivas calcado em elementos imateriais ou cuja materialidade recorrente dispensa o esforço inovador (por exemplo: a cerveja, a praia, a bola de futebol).

É evidente, por outro lado, que processos desta ordem podem ser rapidamente alocados - por associação - a outros objetos que reforçarão o caráter ritualizado dos objetos iniciantes e permitirão a manutenção e o reforço dos elementos constituintes do "espírito" que se incorpora no indivíduo ou no coletivo que este indivíduo integra. Esta última observação informa-nos, um pouco mais, sobre os princípios da consciência e da memória coletivas que constituem a nossa preocupação básica. Este coletivo não implica em participação coletiva mas, em uma operação combinada calcada em processos de adesão e contaminação. A ação subsequente implica na incorporação à reflexão de categorias analíticas pouco apropriadas pelo pensamento crítico, tais como: multidão; opinião pública e consumo. Aqui o consumo dito coletivo desintegra-se em indivíduos; indivíduos estes, no entanto, que constituem partes in

tegrantes, móveis e espelhadas de um processo histórico de consolidação de mentalidades coletivas.

Outros olhares da prática: técnica e reflexão

A terceira esfera de controle deste levantamento, foi constituída entre estudantes de engenharia (graduação e pós-graduação) de duas Universidades situadas no Rio - zona Sul e área próxima ao centro. Trata-se de uma amostra quase totalmente masculina nos seguintes intervalos de idade: graduação - 21 a 27 anos e pós-graduação - 23 a 34 anos.

O primeiro grupo tende a fixar-se em uma única frase-síntese, atingindo, no máximo, 4 alternativas. Ênfase especial foi atribuída à frase "Rio - capital cultural do país." Em uma aproximação rápida verificamos que todos os entrevistados indicam, de forma direta, lugar e/ou situação social correspondente à frase-síntese selecionada. A única exceção atinge, diretamente, à percepção do espaço metropolitano como espaço de síntese:

- "Não há lugar especificamente e, sim, o aspecto cultural que apesar de tudo sintetiza a visão global do Brasil." (27 anos, trabalha na Prefeitura do Rio de Janeiro).

Estes estudantes de graduação encontravam-se, por ocasião do levantamento, em sua maioria, trabalhando em alguma atividade próxima à sua área de formação profissional. Moradores de lugares diversificados da cidade enfatizaram, em um ângulo de aproximação da identidade carioca, a resistência ao trabalho:

- "Ser carioca é não gostar de trabalhar e gostar de ir à praia." (23 anos, estagiário da EMBRATEL, nascido em Campos, há 4 anos no Rio).

- "É ser descontraído, gozador e dar, às vezes, mais importância ao lazer que ao trabalho." (23 anos, carioca)

No entanto, a identidade de carioca mais frequente, neste pequeno grupo de controle, enfatiza diretamente o marco urbano, o caráter normativo que deveria orientar o "ser carioca" e a atividade de intervenção. São exemplos:

- "É viver intensamente esta nossa cidade aproveitando o máximo o que ela nos oferece sem entretanto depredar e agir de forma violenta contra as pessoas ou contra a nossa cidade" (22 anos, dá aulas particulares, carioca).
- "Ser carioca não é apenas nascer na cidade do Rio de Janeiro, mas também é participar dos problemas vividos pela cidade tentando ajudar de alguma forma" (23 anos, estágio em laboratório de eletrônica, carioca).

O grupo constituído pelos estudantes de pós-graduação aceita, também, o conjunto de frases-síntese proposto pelo questionário. Por outro lado, também identifica, de forma rápida e direta, lugares e/ou situações sociais correspondentes às frases-síntese.

Surpreendente, porém, compreensível, é a face moderna atribuída à identidade carioca:

- "Estar constantemente em renovação. Tanto na área cultural como de espírito" (34 anos, carioca).
- "Ser positivo, alegre, jovial, esperto" (27 anos, nascido no Panamá, há 3 anos no Rio).

- "Ser moderno, consumista, descontraído e secreto" (26 anos, nascido no Espírito Santo, há 3 anos no Rio).
- "É um estilo de vida, uma síntese de intelectual, esportista e boêmio" (23 anos, carioca).

Transforma-se a relação de atributos da identidade carioca. Encontramos, de fato, a indicação, neste olhar, do consumo e do usufruto articulados à modernidade e à transformação. Permanecem tais atributos, entretanto, como intrínsecos ao ser, próximos à relação, antes indicada, entre espírito e essência. Assim, numa das faces desta esfera de controle o marco urbano emerge como lugar genérico de responsabilidade e intervenção potencial e normativa. Noutra face descola-se a essência individual; sendo acentuada a abertura plástica que constitui um dos campos de significação da identidade analisada neste texto.

No caminho de sistematização da reflexão, percorrido por nós, propomos que, após a observação desta última esfera de controle, sejam considerados os seguintes pontos analíticos potenciais de articulação memória-consciência coletivas:

- a identidade coletiva - mentalidade coletiva - pode ser atingida a partir de estruturas reflexivas diferenciadas;
- as práticas sociais que encontram sua base operativa na mentalidade coletiva (poesia, música, propaganda, produção visual) não constituem um campo contraditório imediato com outras práticas sociais que interferem, também, na construção da percepção particularizada da vida urbana. Ao contrário, pensamos que a estrutura paradigmática que atinge a totalidade encontra-se, como tendência, preservada do confronto com ou

tros processos de síntese que não assumam, diretamente, a vida urbana;

- as visões pragmáticas e normatizadoras da vida coletiva encontram-se impregnados de um processo instantâneo de apropriação do espaço metropolitano que, em princípio, não contradiz a estrutura mítica da vida coletiva. Tende a acontecer, ao inverso, um processo de preservação da estrutura mítica que permite a sua recolocação, na reflexão, como cenário de processos de contraste ou oposição. Neste sentido, o pano de fundo estruturante permanece intocado ou, ainda mais frequentemente, reforçado.

Uma última esfera técnica

A nossa última esfera de controle foi constituída por um pequeno número de questionários aplicados a trabalhadores na produção de uma indústria metalúrgica do Rio de Janeiro. Observa-se o mesmo padrão de adesão às frases-síntese verificado em outras esferas de controle. Além disto pode ser notado, aqui, um processo imediato, similar ao da esfera anterior, de identificação de lugares e/ou situações sociais associadas às frases-síntese.

A positividade da identidade carioca transparece nas definições recolhidas, da mesma forma que o olhar contemplativo da cidade que reconhecemos noutros processos de descrição da identidade analisada. Constituem exemplos destas observações:

- "É ter certeza de poder contar com tudo e com todos os encantos que uma cidade litorânea pode oferecer" (39 anos, carioca, encarregado de Usinagem).

- "É um orgulho quando penso que o Rio é uma cidade linda e maravilhosa, a qual é conhecida mundialmente e todos os brasileiros (de outros Estados) querem conhecer. Sinto tristeza de ver minha cidade abandonada nas mãos de uma administração que está vivendo fora da realidade" (24 anos, coordenação de usinagem, retífica e cromagem).
- "Ser carioca é saber que, mesmo com os graves problemas que existem, podemos "ainda " desfrutar de algumas coisas boas que restam com praias, diversões como shows, futebol, carnaval e um visual que se preserva por sua própria natureza" (21 anos, coordenação de produção, carioca).

Em coerência com o nosso processo de sistematização de um percurso reflexivo da consciência e da memória coletivas propomos as seguintes inferências das informações obtidas nesta esfera de controle:

- os padrões que consolidam a estrutura mítica da vida e do espaço coletivos (senso comum) ultrapassam as clivagens entre segmentos sociais.
- a possibilidade ou a virtualidade do usufruto (do consumo) constitui um elemento tão intenso de fixação da estrutura mítica quanto o consumo efetivado. Além disto, a complexidade e a heterogeneidade da vida coletiva nos espaços metropolitanos constituem impedimentos permanentes ao consumo pleno para qualquer indivíduo considerado de forma isolada.
- a característica basicamente contemplativa do

consumo individual/coletivo do espaço metropolitano encontraria elementos de reforço na base físico-paisagística do olhar recorrentemente lançado sobre o espaço da metrópole do Rio.

- ocorre, tendencialmente, um processo de contaminação entre a positividade do espaço e a positividade da identidade social coletiva. Assim, a ausência de usufruto direto e pessoal do lugar não constituiria impedimento à apropriação estratégica de elementos materiais garantidores da positividade da personalidade coletiva; personalidade esta cuja "essência" encontraria no indivíduo sua tradução particular. São, aliás, estes elementos positivos do lugar que estabelecem a base para: a resistência à mudança da estrutura paradigmática; o caráter frequentemente preservador da personalidade coletiva "ativa"; a defesa da identidade face ao olhar externo; o reforço da virtualidade do usufruto (consumo e não-trabalho) face às características básicas de um cotidiano em franco contraste com os elementos da estrutura mítica.

Por que ?

VII. Se nenhuma das frases apresentadas sintetiza a sua percepção do Rio, qual frase alternativa você proporia ?

VIII. Escolha um lugar e/ou situação social que, com relação à percepção do Rio, poderia simbolizar, visual e rapidamente, a(s) frase(s) escolhida(s) por você .

IX. O que é para você ser carioca ?

3º Estudo

" ... Por que não se adaptava à vida como ela é, num país de fato com problemas, mas tão cordial, tão pacífico, tão abundante, tão rico em oportunidades, tão generoso ?

E mais ! Um país de povo alegre, festeiro, que dribla todas as dificuldades com o célebre jeitinho, uma país feliz !

E mais ! Um povo que nunca enfrentou guerras, nem furações , nem lutas fratecidas. E mais ! Um povo que convive em amenidade e cortesia, um povo prestativo, de coração bondoso, em que todas as cores e raças se misturam livremente, pois desconhece o preconceito racial, visto que aqui o preconceito é econômico. E mais ! Um povo de extraordinária musicalidade, capaz de, com instrumentos improvisados como caixas de fósforos, copos, pratos e latas velhas, fazer música que impressiona a qualquer estrangeiro, como estes turistas que pararam na Praça de Quitanda para assistir o pessoal batendo um samba de roda na barraca do Naninho."

(João Ubaldo Ribeiro - Viva o Povo Brasileiro)

Raiz e Identidade - ensaio sobre o espaço limite

O terceiro ensaio que realizamos teve por base um conjunto de 90 redações de alunos do curso noturno do 2º grau de escola pertencente à rede pública estadual (*). Estas redações foram redigidas em meados de 1986 e visavam a resposta às perguntas: "Por que você pretende continuar morando na cidade do Rio de Janeiro?" ou "Por que você pretende se mudar da cidade do Rio de Janeiro?".

As redações foram propostas em quatro turmas deste nível de ensino. Nestas turmas existia um equilíbrio entre sexos mas, uma acentuada variação de idades. Nos dados que obtivemos, as idades declaradas variavam entre 16 e 34 anos. Uma observação detida das redações permite-nos afirmar, ainda, a existência de graus bastante diversificados de capacidade de expressão escrita e, ainda, de alcance de fios condutores nítidos da reflexão.

Este conjunto de redações constitui um acervo heterogêneo de aproximações a uma estrutura temática que mantém uma extraordinária coerência interna. É esta coerência que procuraremos demonstrar neste ensaio. No resgate da estrutura que sustenta a coerência do conjunto tocaremos, mais uma vez, na temática da identidade social e sua articulação com o espaço vivido. Entraremos, no entanto, com mais intensidade na seguinte ordem de questões:

- a relação entre projeto de vida e memória, ou seja, o resgate da memória como elemento básico da qualificação de projetos. Este ponto é especialmente importante para nós dada a relação que procuramos estabelecer, no projeto, entre a

(*) Agradecemos o acesso a este material ao geógrafo Paulo Bahiense. Ver, em anexo, texto de sua autoria no qual são explicitados a intencionalidade e o projeto didático em que encontrava-se inserida a redação utilizada por nós para este ensaio.

construção da memória e os processos de participação e mobilização social.

- a relação entre espaço vivido e espaço da vida. Esta relação implica no aprofundamento da reflexão da categoria "espaço vivido" já que esta categoria sintetiza múltiplas possibilidades de totalização: o espaço cotidiano, o bairro, uma área da cidade, a cidade, o país. Neste sentido, a pergunta formulada aos estudantes que compõem a amostra deste ensaio impunha a articulação entre espaço vivido e cidade (Rio de Janeiro); exigindo, assim, um determinado esforço de abstração e síntese.
- a relação entre indivíduo e espaço vivido. Esta relação introduz a questão da possibilidade - socialmente variável - de emergência do indivíduo face à estrutura familiar, aos amigos, ao bairro. Chama a nossa atenção, sobretudo, o processo de construção social do que denominamos "raízes", ou seja, o entrelaçamento da individualidade com os limites sociais e espaciais. Parece-nos, nesta direção, existir um conjunto articulado de processos recorrentes passíveis de serem submetidos a uma dupla entrada analítica: as estruturas sociais de apoio (e controle) e sua imobilidade relativa como elementos intervenientes na construção social da identificação com o lugar (identidade social-identidade espacial). A "familiaridade" com o lugar como elemento essencial à incorporação de limites as trajetórias vitais e como elemento ordenador na aceitação das estruturas sociais de apoio.

- a relação entre espaço vivido e espaço mítico. Acreditamos que o recurso aos elementos estruturantes do espaço mítico e sua introjeção no espaço vivido exijam, por um lado, a manifestação prática de raciocínios comparativos ou associativos e, por outro, o alcance de determinadas escalas de identidade onde encontram-se socialmente reconhecidos os parâmetros culturais e ideológicos dos mitos urbanos.
- a relação entre o olhar do lugar e o lugar do olhar. A relação anterior chama a nossa atenção para o fato de que o lugar selecionado para o questionamento do processo de identificação-identidade guarda relação direta com a possibilidade pessoal de análise e, portanto, com o nível de adesão às sínteses paradigmáticas. Esta observação introduz elementos para a reflexão das barreiras que desafiam a penetração social do pensamento crítico da vida metropolitana. Além disto, esta observação viabiliza uma aproximação mais aguda entre escalas de reflexão e escalas de poder. Perguntamo-nos sobre as práticas sociais e políticas correspondentes às sínteses urbanas e sobre as forças econômicas que trabalham as idéias colocadas nesta escala.

Como elementos adicionais à nossa reflexão neste estudo devemos salientar o fato de que a escola da rede pública de referência encontra-se localizada em área suburbana do Rio de Janeiro; sendo o seu curso noturno procurado por jovens (e menos jovens) que, com frequência, trabalham. A ampla referência ao quadro familiar, nas redações, situa estes jovens ainda em situação de dependência ou, melhor, na típica "dependência" que configura a situação de vida nos setores populares.

As redações foram lidas e organizadas segundo os seguintes eixos de análise:

- adesão ao lugar. Este eixo recuperava a declaração explícita (ou implícita) da vontade de permanecer ou não da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um momento de avaliação de trajetórias de vida.
- espaço vivido. Este eixo sistematizava a leitura do lugar, os pontos de apoio desta leitura e a direção do olhar. Recuperava, ainda, a tensão existente entre o lugar vivenciado e o lugar em que se vive. Trata-se, sobretudo, do eixo da síntese; considerando-se a presença de frases-síntese; os chamados lugares comuns e o processo de recuperação do banal ou do trivial presentes na avaliação do cotidiano urbano.
- identidade e identificação. Este eixo encontrava-se dedicado à análise da simbiose virtual entre adesão a um determinado espaço e auto-integração à uma determinada identidade social. Encontram-se neste eixo os elementos analíticos que decorrem de processos de homogeneização ou particularização, isto é, adesão a uma expectativa cultural-ideológica ou a acentuação das características únicas do indivíduo.
- interno e externo. A intenção contida foi a de permitir a sistematização analítica do olhar lançado "para fora" do marco urbano. Este eixo permitiu estabelecer o caráter mais ou menos difuso do lugar externo à cidade; cidade esta cujos limites tampouco são físicos ou fixos. Ocorre uma esperada composição entre este eixo e o segundo eixo selecionado por nós (espaço vivi-

do). O externo é, tendencialmente, avaliado a partir do interno, assim como, o interno, por vezes, encontra-se, como nos ensaios anteriores, avaliado por "olhar externo".

Cabe acrescentar, neste ponto, a pouca vivência, para este grupo, de espaços externos ao marco físico da cidade. Portanto, além das barreiras identificadas pelos autores das redações existem barreiras que a inserção destes autores na estrutura social ajuda a compreender. Não se trata, aqui, apenas da manifestação de limites financeiros mas, também, de comportamentos, hábitos, emoções e contrôles sociais.

- balanço das oportunidades. Dadas as características sociais e etárias do grupo analisado, o olhar lançado sobre a cidade constitui-se, com frequência, num balanço de oportunidades vitais onde encontram-se mesclados passado, presente e futuro. Neste eixo, portanto, são recuperados a queles elementos que tem origem na intersecção entre leitura espaço e trajetórias vitais. Este eixo secciona o quarto eixo, ou seja, a análise comparativa espaço interno-espaço externo.
- o espaço da afetividade. Trata-se, neste eixo, da relação entre espaço e emoção, da leitura emocional do espaço, da localização dos afetos. O mapa afetivo atinge o conjunto dos eixos anteriores; constituindo-se num elemento básico na compreensão da adesão ao lugar; no processo de identificação com o lugar; na avaliação dos espaços interno e externo e no processo de avaliação (custos e benefícios) do deslocamento. A re lação afetiva estabelece, com frequência, os

elos entre o lugar e a estrutura de apoio, da mesma maneira que ajuda a qualificar distâncias entre espaços.

Opção e Adesão: voluntarismo e fixação no lugar

Pelo número de eixos analíticos podemos observar que a orientação da resposta obriga a passagem do indivíduo a través de uma rede de tensões que implica na possibilidade, mais ou menos longínqua, da manifestação plena da individualidade e sua tradução em vontade ou desejo.

O percurso da vontade ou a manifestação do desejo ocorrem numa escala temporal variável, isto é, o tempo de referência da resposta não é unitário. Por outro lado, o desafio apresentado pela pergunta com relação à possibilidade de opção entre ficar ou sair impõe um processo de desgarramento de vínculos sociais (e espaciais) que, por vezes, claramente surpreende o grupo submetido a rígidos limites espaciais em suas trajetórias de vida.

Começamos o nosso processo de análise através do contingente feminino da amostra. Este contingente manifesta uma profunda adesão ao espaço vivido. Das 45 redações apresentadas por estas jovens, 37 enfatizavam, claramente, a vontade de permanecer na cidade. A análise do tempo da "decisão" permite a verificação de intensidades heterogêneas no processo de adesão ao lugar: da expressão "no momento" até a manifestação da total colagem do projecto vital ao espaço vivido. Por exemplo:

- "Eu Cláudia pessoalmente nunca pensei e nem vou querer pensar algum dia em sair dessa Cidade Maravilhosa que é o Rio de Janeiro."
- "Eu fui criada neste Município toda a minha vida e não pretendo trocá-lo por nenhum outro."

- "Bem, não vejo o porque sair do Rio de Janeiro. Às vezes uma pessoa gostaria de sair da cidade e do estado onde nasceu para tentar um futuro melhor.

Para falar a verdade nunca pensei em sair do Rio de Janeiro."

- "Eu pretendo continuar por vários motivos porque já me adaptei no lugar em que vivo com minha família. Eu nunca pensei na hipótese de ir morar em outro estado ou país. Eu nasci no Rio, gosto muito, jamais trocaria por outro lugar."

- "Eu nunca pensei em sair daqui, adoro esta cidade acho ela linda, meus planos do presente e do futuro estão contidos nela."

O balanço objetivo de oportunidades, como base para a adesão ao lugar vivido, é muito raro neste segmento da nossa amostra. Quando existe este balanço tende a ocorrer, simultaneamente, um processo de recuperação da memória do lugar que incorpora, claramente, a construção típica nos processos migratórios de inserção da "idade do ouro" no passado.

- "Não (não pretendo continuar morando). Na minha opinião o Rio de Janeiro é uma cidade boa para se passar férias e não para morar, embora ela tenha sido boa para isso um dia."

- "Eu não pretendo morar mais no Rio de Janeiro, pois esse Rio que todos chamavam de Cidade Maravilhosa, hoje em dia não tem nada de Maravilhoso (...). Esse Rio que existe hoje não é como de décadas passadas; aquele de décadas passadas sim poderíamos chamar

mar de Cidade Maravilhosa."

As relações afetivas - individuais e micro sociais - atingem, por vezes, diretamente, a percepção básica do entrelaçamento vital com o lugar vivido. Da mesma forma, estas relações são recuperadas na potencial mobilização individual para o deslocamento:

- "Às vezes penso em sair do Rio; por viver em conflito com meus familiares."
- "Eu queria ir morar em Belém, porque lá é a casa do meu padrinho, como se fosse meu pai, ele é muito bacana, compreensivo e meu pai não é assim (...) O meu problema é que eu não me dou bem com meu pai, ele é muito chato, não sabe dialogar, tudo para ele é nos gritos."
- "Não quero continuar no Rio porque me agride ver as pessoas as quais são as mais importantes para mim, sem poder ter a quem eu mais amo (...) porque eu adoro o Rio mas ele também já não é tão importante para mim."

Ao observarmos o contingente masculino da nossa amostra verificamos a mesma frequência de adesão ao lugar. No entanto, a temporalidade implícita nas respostas é outra, ou seja, é extremamente rara a manifestação de surpresa com relação à questão (por exemplo: nunca pensei em sair; jamais pensei em sair) e igualmente é excepcional a presença de um tipo de adesão que incluía, de forma declarada, a totalidade do projeto vital. Por outro lado, o padrão de resposta tende a seguir, na busca da explicação da adesão do espaço vivido, uma hierarquia de motivos pessoais vinculados à leitura (personalizada) do lugar. São exem-

plos:

- "Eu queria continuar a morar no Rio de Janeiro porque se é ruim de arrumar trabalho e conseguir lutar por uma vida melhor aqui que é um lugar que nós conhecemos, porque lá fora a de ser melhor se é uma área que nós não temos quase nenhuma idéia de como ela seja."
- "Sim, pretendo continuar no Rio, indo para outro lugar não teria tanto contato como te nho hoje."
- "Só (sairia) para conhecer outra cidade, por que aqui encontro o que eu gosto e quero; me lhores condições de trabalho, em comparação com várias cidades do Brasil, e talvez até mais chances de subir na vida financeiramente."
- "Não penso em me mandar do Rio porque pelo que eu tenho escutado de pessoas de outras cidades o Rio de Janeiro é bem melhor."

O padrão de resposta anterior encontra-se mesclado, intensamente, para o contingente masculino, com o padrão que encontra a sua base de afirmação (adesão espacial) no conhecimento do lugar. A recuperação da memória do espaço encontra, neste último padrão, os limites temporais da socialização individual. São exemplos:

- "Eu não pretendo sair do Rio de Janeiro por que foi aqui que eu nasci e me criei; está aqui a minha família, os meus parentes e os meus amigos. Tudo que tenho está aqui, trabalho, estudo, vida social."

- "Mas na verdade o que eu quero mesmo é ficar no Rio junto com os meus familiares, isto é, sem eles e longe da minha vida cotidiana hoje em dia ficaria um pouco monótona, pois quem acostuma não esquece e eu não sei se vou conseguir esquecer meus costumes, e então eu logo retornaria as minhas origens como uma ovelha desgarrada."
- "Eu fui criado em cidade grande, e não tenho paciência de sair daqui para outra cidade, mesmo se for uma cidade grande ela não será igual à cidade onde eu fui criado por vários motivos. Um deles seria o meu adaptamento com as pessoas e com o modo das pessoas agirem."
- "Eu pretendo continuar no Rio de Janeiro sim, porque eu nasci e cresci nesta cidade e me acostumei com as pessoas com que convivo durante muitos anos e eu gosto muito desta cidade..."

Outro padrão de resposta transpõe, diretamente, a avaliação da trajetória pessoal para a leitura das particularidades físicas e sociais da cidade; impondo, assim, a sua recuperação no eixo, identificado por nós, que articula espaço vivido - espaço mítico. Enquanto padrão homogeneizante esta articulação será detalhada após a análise que processamos, no momento, através da separação por sexo da amostra.

O terceiro padrão de leitura da trajetória de vida e sua vinculação com o espaço vivido do segmento masculino é integrado por aqueles que desejariam deixar a cidade. Neste padrão os caminhos para o alcance de familiaridade ou do conhecimento do lugar vivido são percebidos como estando, claramente, rompi

dos. Não são os elementos afetivos, micro-sociais, que dão a tônica do discurso da saída da cidade mas, ao contrário, a ênfase encontra-se localizada na quebra da possibilidade de integração vital com o espaço e a sociedade urbanas criticamente avaliados. São exemplos deste padrão discursivo.

- "Há alguns anos passados o Rio de Janeiro era um lugar bom de se viver. Nasci em Irajá município da cidade do Rio de Janeiro. Tenho motivos de sobra para sair daqui. Tais como: eu detesto poluição e no Rio é o que mais se vê. Detesto violência, é o que acontece a todo momento."
- "Gostaria de sair do Rio de Janeiro, por causa dos barulhos de carros, ônibus, aviões, etc. Seria também pelas violências que cercam esta cidade."
- "Eu prefiro sair do Rio porque eu prefiro um lugar mais calmo, com menos barulho e menos agitada."
- "Não (não quero ficar). Pretendo sair com muita trsiteza porque o Rio é a cidade mais linda do Brasil, não vivo sem este pedaço de mundo, mas eu infelizmente sou obrigado a sair graças ao homem (de modo geral). Aque-la grande cidade agora não é mais a mesma, a criminalidade está acabando com ela, é assalto, assassinatos, estupros, etc."

O conteúdo idealizado do lugar de destino, no discurso destes jovens, transforma os espaços genéricos "campo" ou "interior" no locus de qualidades cuja manifestação, no espaço metropolitano do Rio, teria deixado de ser possível. Não se trata, aqui, da construção de uma "idade de ouro" mas, de uma avaliação

do presente e do futuro.

Espaço vivido e espaço de vida - a leitura do lugar

A integração ao lugar vivido - medida por cadeias familiares e limites sociais - encontra o seu principal sustentáculo, no discurso destes jovens, nas qualidades mais abrangentes do lugar. Assim, o processo reflexivo, estimulado especificamente pelo escopo da questão proposta, permite que a avaliação da trajetória individual de vida seja realizada, com extraordinária intensidade, sobre o pano de fundo constituído pela estrutura mítica do lugar. A frase-síntese "Rio - cidade maravilhosa" transforma-se no veio privilegiado de condução do olhar sobre o espaço vivido, ou mesmo, de construção empírica deste conceito. Este processo permite a simbiose entre espaço vivenciado e espaço de referência da vida social.

Cabe salientar, aqui, que apesar das diferenças verificadas entre os sexos ao plano da diagnose da situação e do projeto de vida, o plano mítico da metrópole contribui para a homogeneização dos veios condutores de 62 das redações analisadas. Constituem exemplos deste processo:

- "Bem, eu não gostaria de sair daqui por uma coisa eu adoro essa Cidade Maravilhosa, e por outro lado de ter nascido aqui (...) Bem como eu estava falando a nossa terra maravilhosa tem as suas maravilhas que são as suas praias e suas noites cariocas e seus probleminhas é claro ! ... não se pode negar." (sexo masculino).
- "O Rio para mim é a coisa mais linda que tenho apesar dos vários problemas que acontece (...) Me sinto muito bem nessa Cidade

Maravilhosa, posso mudar de vida ou melhorar, mas nunca mudar de lugar !" (sexo feminino).

- "Não penso em mudar do Rio porque aqui é a Cidade Maravilhosa com toda poluição, os as saltos mas tem uma coisa que o Rio tem de melhor na vida, o bom humor, a vontade de ser uma cidade muito mais maravilhosa do que ela é. Todos aqui são livres não é como outras cidades que vivem presos no trabalho, rotina, é uma coisa que no Rio de Janeiro Cidade Maravilhosa não existe ..." (sexo feminino).
- "... adoro o Rio de Janeiro e principalmente o bairro onde moro, apesar de não ser um dos melhores. Mas isso não importa, o que importa é que estou na Cidade Maravilhosa." (sexo masculino)
- "As minhas pretensões será a mesma de sempre, de continuar morando no Rio de Janeiro pois esta cidade que tanto é cantada em prosa e ao mesmo tempo achaqualada pelas pessoas que não querem ver a nossa cidade alegre, pois só comentam em assalto e buracos, etc. Mas esta é a Cidade Maravilhosa, pois aqui está as nossas raízes culturais, do nosso samba, das nossas praias, das nossas lindas mulheres, mulatos, negros, loiros, etc. O nosso futebol, o nosso candomblé e umbanda." (sexo masculino)
- "Sim (pretendo continuar), porque eu acho o Rio de Janeiro uma Cidade Maravilhosa além

da violência que é constante. Eu acho que não ia me acostumar a morar em outra cidade, ainda mais sendo uma cidade com pouco movimento. Além do mais, eu acho o carioca um povo muito alegre, animado, que vê em tudo motivo para festa." (sexo masculino)

Devemos chamar a atenção para o fato de que é reafirmada a reflexão da escala da cidade, da metrópole, como sendo um dos pontos privilegiados de penetração da estrutura mítica, de conformação da consciência coletiva. O processo crítico dilui-se contra a estrutura do paradigma coletivo. Por outro lado, é interessante observar a adesão, sem estímulo direto, à frase-síntese estagnada da metrópole. Talvez possamos levantar a hipótese de que a positividade do lugar é tanto mais importante quanto maior for o nível de dificuldade em encontrar pontos de apoio alternativos para a construção da identidade social.

A estrutura mítica orienta o olhar sobre o lugar, permitindo a seletividade de marcos que comprovem a veracidade do discurso que a traduz. Verifica-se a recorrência deste olhar, o que, para nós, corresponde à banalização do símbolo. O olhar coletivo focaliza os mesmos objetos:

- "Eu não gostaria de sair desta cidade, porque acho esta cidade uma das mais bonitas do Brasil. Esta cidade oferece muitas coisas boas como por exemplo seus pontos turísticos, Corcovado, Pão de Açúcar, suas belas praias, etc." (sexo masculino).
- "Nasci no Rio de Janeiro, na Cidade Maravilhosa. Jamais pensarei em sair desta cidade, pois estou me sentindo muito bem. Não existe motivo para sair daqui, pelo contrário, tenho motivo para ficar. Tais como:

Não tenho parentes fora, minha família está concentrada no Rio de Janeiro; gosto muito das praias, há praias belíssimas e curto bastante; gosto dos pontos turísticos." (sexo masculino)

- "Eu no momento não desejo (sair do Rio), por vários motivos (...). O principal do Rio é os pontos turísticos como o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, as praias, etc." (sexo masculino).

- "Um motivo é que conheci várias cidades (...) eu acho que só gostei para passeio e eu nunca me adaptaria a outra cidade para moradia. Já estou acostumada com o corre-corre dessa cidade, as lindas praias, parques, etc. Também porque eu haveria de sair da cidade que tantas gentes gastam fortuna para conhecê-la, principalmente nas épocas de Carnaval, o qual vem até estrangeiros." (sexo feminino).

- "No Rio de Janeiro tem tudo que alguém pode querer, em termos de profissão, moradias, etc. Acho que a beleza e a grandeza do Rio me fascina." (sexo feminino).

- "O Rio foi o Estado que nasci, gosto muito daqui, dos locais, das pessoas. Temos lindas praias, pontos turísticos, etc (...) não sei se ficaria muito tempo longe do Rio, do nosso belíssimo verão, etc. (sexo feminino).

A positividade atribuída ao lugar - que por vezes

incorpora a obrigatoriedade moral de amar a terra natal - procura, com frequência, a comprovação espelhada do olhar externo. Verificamos este mesmo processo nos estudos anteriores; processo este que surge, no presente estudo, reforçado pelo poder de atração identificado no espaço vivido.

- "Esta cidade é especial, não é atoa que muitos a chamam de Cidade Maravilhosa. A maioria das pessoas que vêm aqui passear terminam ficando, não se decepcionam e sim ficam encantados."
- "Aqui encontramos fácil mercado de trabalho, isso explica o fato de as outras pessoas no meu ponto de vista procurarem o Rio para morar. Além de ser uma cidade linda, cercada de praias, lindos pontos turísticos."
- "A maioria das pessoas querem vir para o Rio de Janeiro porque aqui é a terra das novelas, o pessoal anda mais a vontade, vê de vez em quando uns artistas, também tem muito ponto turístico. Nos outros estados também tem ponto turístico mas não adianta, a maioria dos turistas quer conhecer o famoso Rio de Janeiro."

A estrutura mítica do lugar, que é integrada à amplitude do espaço de vida e ao olhar que o contempla, encontra seus pontos de apoio em comportamentos, hábitos e em sintomas de integração à identidade socialmente construída carioca.

- "Mais além de tudo gostaria de morar aqui por causa do clima, das praias, do Carnaval, e todas as festividades do ano que aqui no Rio parecem ser mais interessantes."

- "... apesar de tudo o Rio continua sendo a capital quente e de bons amigos na hora que mais precisamos."
- "É uma cidade muito linda com lugares muito bonitos e lindas praias e grandes bailes e pagodes para passar o fim de semana muito contente, grandes estádios de futebol e grandes jogos são realizados nestes estádios."
- "Em primeiro lugar não pretendo sair daqui, porque conheço todas as malandragens dos cariocas, aprendi a viver numa sociedade que se diz a maior e a melhor, pois ser carioca é ser brasileiríssimo, sou assim porque gosto, vivo aqui porque gosto."

As características positivas encontradas no lugar de vida - através de vários mecanismos de comprovação e de reforço - contrabalançam, nos discursos analisados, as barreiras interpostas ao deslocamento voluntário e o papel estratégico e intenso desempenhado pela estrutura familiar, pelas redes de aceitação e de troca afetiva e pelas estruturas de intercâmbio e apoio que encontram-se entrelaçados aos limites vitais para este grupo que compõe o nosso terceiro ensaio. A fixação ao lugar vivido em conexão com estes elementos limitantes e orientadores da percepção encontra-se presente nos dois segmentos de nossa amostra, e com a mesma intensidade. Pode ser assumida como exemplo a seguinte linha discursiva:

- "Já me adaptei no lugar em que vivo com minha família. Eu nunca pensei na hipótese de ir morar noutro lugar." (sexo feminino).

- "... eu tenho meus amigos, família e acho que nunca em acostumaria em outro lugar"(sexo feminino)
- "Eu gosto do Rio e também não ia gostar de ficar longe da minha família e de meus colegas que tenho no Rio." (sexo feminino)
- "Eu não pretendo sair do Rio de Janeiro porque foi aqui que eu nasci e me criei, está aqui a minha família, os meus parentes e os meus amigos." (sexo masculino)
- "Mas na verdade o que eu quero mesmo é ficar aqui junto com os meus familiares." (sexo masculino)
- "Durante muito tempo meus tios que moram em São Paulo eles queriam que eu fosse morar lá com êles e eu neguei porque convivo muito bem com meus pais e a minha família são pessoas que eu admiro muito e as gosto muito." (sexo masculino)

Os fatores econômicos, culturais e ideológicos que orientam o encerramento do projeto de vida e do olhar ao espaço interno da cidade talvez nos ajudem a explicar o fato de que apenas metade das redações analisadas contenha referências ao espaço externo; permitindo, assim, a sua análise no eixo interno-externo. O olhar lançado para o espaço externo é, sobretudo difuso como dissemos anteriormente neste ensaio. É, neste sentido, um olhar ou uma leitura que encontra poucos pontos de apoio específicos (Cabo Frio, Belém, Espírito Santo, Bolívia, Estados Unidos). As possíveis informações sobre espaços externos detidas pelo grupo através do sistema formal de ensino ou através dos meios de comunicação, praticamente não são utilizadas. Trata-se muito mais

de reflexões calcadas em elementos idiossincráticos do que em qualidades gerais do espaço externo ao quadro mediatizado (o Rio, a metrópole) de vida. A tônica mais frequente é a declaração da não-adaptação em qualquer espaço externo à cidade:

- "Talvez não me adaptasse a outro lugar, sentiria falta dessas coisas que eu adoro, teria que arrumar novas amizades e outras coisas mais." (sexo feminino)
- "Aqui nasci e me criei e talvez em outra cidade não me adaptaria ao comportamento de outras pessoas e também ao mercado de emprego talvez não seria melhor que aqui." (sexo feminino)
- "Mas no fundo não ficaria neste lugar para sempre, não me acostumaria, só se fosse uma viagem (visita) a um lugar que admiro muito que é Maceió, mas continuo a achar que não ficaria morando, só temporada." (sexo feminino)
- "Quero conhecer outros estados, mas não quero ficar lá definitivamente. No fundo eu acho que jamais poderei abandonar a cidade onde nasci." (sexo feminino)
- "Eu pretendo continuar no Rio pois aqui é que eu aprendi tudo que sei e porque aqui se encontra toda a minha família. Não sei se conseguiria me adaptar em outra cidade ou estado." (sexo feminino)
- "Tenho vários amigos, faço vários tipos de programas diferentes. Em outro lugar talvez eu não teria facilidade de me adaptar em ambiente estranho, dá uma sensação de medo." (sexo feminino)

A linha discursiva que enfatiza a declaração de não-adaptação - ainda que bastante geral entre aqueles que fizeram referência direta ao espaço externo - é mais feminina do que masculina. O discurso masculino de nossa amostra caracteriza-se ou pela referência a lugares com melhores oportunidades de trabalho (muito raro) ou pela vontade de conhecer outros lugares, a passeio:

- "Num longo tempo passamos pensando o que fazer para conseguir algo melhor, eu sempre penso também, mas nunca pensando ir para o exterior, o exterior só a passeio."
- "Sei que há muitas pessoas que vão para outros estados tentar melhora de vida. Se um dia tivesse que sair sairia só para uma viagem muito rápida."

As experiências concretas de vida em outros espaços - externos à metrópole do Rio - são extremamente escassas em nossa amostra. Estes casos estão marcados por afirmações de desadaptação, desconforto, falta de comunicação e estranhamento. Assim, o retorno ao Rio - fechando o rápido ciclo no espaço externo - surge pontuado de alegria e de recuperação da segurança pessoal.

O espaço da vida e os limites do caminho

Este ensaio nos sugere elementos adicionais para a compreensão do processo social de construção da memória coletiva e de sua tendência à colagem aos termos sintetizados na estrutura mítica do espaço metropolitano.

A memória individual, para nós, quando referida a fenômenos que homogeneizam e diluem a percepção integral dos pro-

cessos vitais, tende a sofrer a pressão exercida pelas formas simplificadoras que sistematizam o senso comum e que permitem a criação de elos ágeis entre o ser e o coletivo. Neste processo de reforço mútuo e de construção de adesões estariam inseridos alguns elementos-chave do processo de enraizamento cuja análise exigiria a recuperação das teias que unem trajetórias individuais a espaços específicos e que transformam o destino individual em destino geral. Nos meandros da consolidação de raízes estariam presentes quadros mentais que cristalizariam espaços imaginados como espaços vivenciados.

A cidade surge como totalidade; totalidade esta que, no entanto, encontra seu roteiro de visibilidade e reforço através de sua corporificação e simplificação em estruturas familiares, amigos, conhecidos. Por outro lado, esta mesma totalidade pode tornar-se presente e "concreta" mediante o recurso aos símbolos de aceitação supostamente geral e às oportunidades que compõem, em termos amplos, a leitura recorrente do espaço coletivo. São estas linhas de captura da totalidade que a tornam imutável e a-histórica cristalizando diagnósticos da vida metropolitana e enrijecendo projetos de vida.

Estas constatações apresentam desafios evidentes ao pensamento crítico do espaço metropolitano já que indicam, claramente, que a consciência individual (ou de grupo) recorre à consciência coletiva paradigmática e mítica na busca de caminhos para sua comunicação e reforço.

Por outro ângulo de análise, podemos ressaltar neste momento, o fato de que pelo processo de adesão à positividade do espaço de vida encontra-se, em parte, construída a positividade resgatada pelo próprio indivíduo e atribuída ao seu grupo de referência imediata. À análise crítica do lugar torna-se indispensável, portanto, o alcance de visões sintéticas alternativas que não destruam, de forma indiscriminada, elementos de positividade presentes no espaço coletivo.

Esta é uma observação dirigida aqueles que visam à transformação do quadro de vida na escala urbano-metropolitana pois, estes enfrentam a apropriação da memória e da identidade coletivas pelo pensamento inovador - conservador. Uma das matrizes deste pensamento e do seu conjunto correlato de práticas sociais tem sido, justamente, a manifestação de uma crítica limitada que apoia-se no pano de fundo mítico da cidade.

A N E X O

Registro de uma prática

Paulo Bahiense

O material cedido à professora Ana Clara T. Ribeiro, cor responde a redações elaboradas por alunos do curso noturno do 2º Grau da rede pública estadual, e constituem atividade referente ao desenvolvimento da temática migrações internas, na disciplina que leciono, no caso Geografia.

Partindo da premissa de que boa parte desses meus alunos são filhos, amigos, conhecidos, etc. de migrantes, resolvi adotar essas relações como referência para a abordagem da temática de estudo já mencionada.

Propus primeiramente que os alunos formulassem livremente perguntas que os mesmos considerassem importantes de serem aplicadas aos migrantes entrevistados.

Realizadas as entrevistas os alunos se dividiram em grupos e elaboraram análises e interpretações das mesmas. Após a leitura dessas análises e interpretações (e também de todas as entrevistas) ficou patente para mim que os alunos identificaram, à sua maneira, o que convencionalmente se denomina de atração e de expulsão de migrantes.

A maior parte dos alunos tendeu a considerar quanto aos fatores de atração, que estes consistem muito mais em imagens ilusórias absorvidas pelos migrantes acerca da cidade do Rio de Janeiro. Devendo-se observar entretanto, que esses alunos não perceberam nas entrevistas, que os migrantes demonstraram terem obtido melhorias relativas no que tange às condições de trabalho vivenciados nas áreas de origem, como por exemplo, acesso aos direitos trabalhistas. Este exemplo, foi apontado por mim como um dos fatos que contribuíram para a fixação dos migrantes nas grandes cidades, e que sustentavam as respostas dos migrantes de que não pretendiam retornar à sua terra natal quando indagados em relação a isso.

A partir desses fatos, sugeri que os alunos respondessem na forma de redação às seguintes perguntas: Por que você pretende continuar morando na cidade do Rio de Janeiro ? ou Por que você pretende se mudar da cidade do Rio de Janeiro ?

Tal expediente objetivou levar os alunos a identificarem, através da sua vivência, os fatores de atração e expulsão da cidade em que vivem de modo a ampliar o universo do enfoque referente à dinâmica populacional.

Qual não foi a minha surpresa quando li as redações; uma ode coletiva à Cidade Maravilhosa.

Guardei a minha surpresa, e propus aos alunos que se dividissem em grupos e descrevessem quais as vantagens e desvantagens que experimentavam no seu dia a dia morando numa cidade como o Rio de Janeiro.

O que foi mais destacado nessa atividade foram as desvantagens: problemas de transporte (superlotação, engarrafamentos, tempo de percurso, etc.), saúde (distância dos postos públicos, filas, etc.), ausência de lazer, dificuldades de emprego, violência, etc. Quanto às vantagens foram mencionados: maiores oportunidades de emprego, praia, futebol, mulheres.

Em suma, expressou-se claramente com a mudança das escalas espaciais uma certa ruptura entre a cidade simbolicamente concebida e o espaço cotidianamente vivido.

Por fim, estas vantagens e desvantagens apontadas foram utilizadas como ponto de partida para a abordagem dos processos históricos de configuração da morfologia e organização espacial da cidade, no caso, mais particularmente como vem se desenvolvendo ao longo do tempo a espacialização das esferas da produção e reprodução nas grandes cidades e no campo, e mais especificamente as consequências desses processos no que tange ao fortalecimento/enfraquecimento dos laços entre os indivíduos.

B I B L I O G R A F I A

- textos teórico-conceituais
- textos histórico-analíticos
- textos sociedade-cultura
- textos comunicação, meios técnicos contemporâneos
- textos propaganda e marketing
- textos metodologia e técnica de pesquisa

Bibliografia Geral

Bibliografia trabalhada- Textos teórico-conceituais

- BARTHES, R. - Elementos de Semiologia, São Paulo, Ed. CULTRIX.
- BARTHES, R. - Mitologias, São Paulo, Ed. DIFEL, 1982.
- BAUDRILLARD, J. - La Société de Consommation, Paris, Ed. Denoël, 1970.
- BAUDRILLARD, J. - A l'Ombre des Majorités Silencieuses (ou la fin du social), Paris, Ed. Denoël/Gonthier, 1982.
- BERMAN, M. - Tudo que é sólido desmancha no ar (A aventura da modernidade), São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C. - A Reprodução (Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino), Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Ed., 1975.
- BECKER, H.S. - Uma Teoria da Ação Coletiva, Rio de Janeiro, Zahar ed., 1977.
- BRUMANA, F.G. - Antropologia dos Sentidos (Introdução às idéias de Marcel Mauss), Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Vãos, 1983.
- BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. - A Construção Social da Realidade (Tratado de Sociologia do Conhecimento), Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.
- BAUDRILLARD, J. - Esquecer Foucault, Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1984.
- COPANS, J. - Críticas e Políticas da Antropologia, São Paulo, Liv. Martins Fontes, 1981.
- HABERMAS, J. - La Technique et la Science comme Ideologie, Paris, Ed. Gallimard, 1973.

- HELLER, A. - O Cotidiano e a História, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1972.
- LEFEBVRE, H. - La Pensée Marxiste et la Ville, Paris, Ed. Casterman, 1972.
- LEFEBVRE, H. - La Revolución Urbana, Madrid, Alianza Editorial, 1983.
- LEFEBVRE, H. - Une Pensée devenue Monde (Faut-il abandonner Marx ?), Paris, Lib. Arthème Fayard, 1980.
- LÉVY, J. - "Os Lugares dos Homens: um novo ponto de partida para a geografia", São Paulo, Pós-Graduação em Geografia, FFLCH-USP, 1986.
- LOJKINE, J. - La Classe Ouvrière en Mutations, Paris, Messidor / Ed. Sociales, 1986.
- LYOTARD, J.F. - L'enthousiasme (La critique Kantienne de l'histoire), Paris, Ed. Galilée, 1986.
- MICELA, R. - Antropologia e Psicanálise (Uma introdução à produção simbólica, ao imaginário, à subjetividade), São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984, Col. Primeiros Vãos.
- PETERSON, R.A. (Ed.) - The Production of Culture, London, Sage Publications, 1976.
- PIGNATARI, D. - Informação, Linguagem, Comunicação, São Paulo, Ed. CULTRIX, 1985, 14ª ed.
- TOURAINÉ, A. - Production de la Société, Paris, Ed. du Seuil, 1973.
- VELHO, G. - Individualismo e Cultura (Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea), Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981.
- WIENER, N. - Cibernética e Sociedade (o uso humano de seres humanos), São Paulo, Ed. CULTRIX, 1978.

WILLIAMS, R. - Cultura e Sociedade, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.

Obra de consulta - Dicionário de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1986.

Periódico: Revista Brasileira de Ciências Sociais, editada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1986/1987, vários artigos.

- Textos histórico-analíticos

BENITEZ, J.A. - La Dependencia, el Subdesarrollo y la Publicidad Comercial Capitalista, Habana, Ed. Política, 1986.

DREIFUSS, R. - A Internacional Capitalista (Estratégias e Táticas do Empresariado Transnacional 1918-1986), Rio de Janeiro, Ed. Espaço e Tempo, 1986.

MARIANI, R. - A Cidade Moderna entre a História e a Cultura, São Paulo, Ed. Nobel, Instituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1986.

NORA, S. e MINC, A. - L'Informatisation de la Société, Paris, La Documentation Française, 1978.

- Textos sociedade-cultura

BOSI, E. - Cultura de Massas e Cultura Popular (Leituras de Operárias), Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.

BOSI, E. - Memória e Sociedade (Lembranças de Velhos), São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.

BOURDIEU P. - "A Opinião Pública não Existe" in THIOLENT, M. (org.) - Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária, São Paulo, Liv. e Ed. Polis, 1985.

BOURDIEU, P. - "OS Dóxósofos", idem.

ECO, U. - Viagem na Irrealidade Cotidiana, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1984.

REZENDE CARVALHO, M.A. - "Letras, Sociedade & Política: Imagens do Rio de Janeiro", in BIB (Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais), nº 20, Rio de Janeiro, 2º semestre 1985.

Periódico: Cadernos CERU, editados pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP - vários números.

Obra de Consulta básica:

Ministério da Educação e Saúde - Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Serviço de Documentação, Folheto nº 52, Rio de Janeiro, 1941.

- Textos comunicação, meios técnicos contemporâneos

COUCEIRO, S.M. - O Negro na Televisão de São Paulo (um estudo de relações raciais), São Paulo, FFLCH/USP, 1983.

HERD, E.F. - O Amigo da Madrugada (o fenômeno Adelzon Alves), Petrópolis, Ed. Vozes; Rio de Janeiro, Instituto Estadual do Livro, 1978.

HERZ, D. - A História Secreta de Rede Globo, Porto Alegre, Ed. Tchê !, 1987.

HUMBERTO, L. - Fotografia (universos & arrabaldes), Rio de Janeiro, FUNARTE, Núcleo de Fotografia, 1983.

FACHEL LEAL, O. - A Leitura Social da Novela das Oito, Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

- MARCONDES FILHO, C. - Quem manipula quem ? (Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil), Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.
- MARCONDES FILHO, C. - Política e Imaginário (nos meios de comunicação para massas no Brasil), São Paulo, Editora Summues, 1985.
- MILANESI, L.A. - O Paraíso via Embratel (O Processo de Integração de uma Cidade do Interior Paulista na Sociedade de Consumo), Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1978, Coleção Estudos Brasileiros, v. 32.
- MIRANDA, O. - Tio Patinhas e os Mitos da Comunicação, São Paulo, Ed. Summus, 1978, 2ª ed.
- MOURA, E. - Câmara na Mão (Som Direto e Informação), Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional da Fotografia, 1985, Coleção Luz & Reflexão, nº 2.
- Groupe d'Etude Geographie de la Communication et des Telecommunications - Notes, Études, Travaux, NETCOM nº 1, jan.1987.
- POMONTI, J.; MÉTAYER, G. - La Communication (Besoin Social ou Marché ?), Paris, Institut National de l'Audiovisuel, La Documentation Française, 1980.
- RAMOS, R. - Grã-finos na Globo (Cultura e Merchandising nas Novelas), Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.
- SAMPAIO, M.F. - História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo (memórias de um pioneiro), Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 1984.
- SAROLDI, L.C. e MOREIRA, S.V. - Rádio Nacional (O Brasil em Sintonia), Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional de Música/Divisão de Música Popular, 1984.

SCAVONE, L.; BELLONI, M.L.; GARBAYO, C.S. - A Dimensão Política da Comunicação de Massa (Um Estudo Exploratório do Caso Brasileiro), Rio de Janeiro, FGV - Instituto de Documentação/Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

SCHWARTZ, T. - Média: O Segundo Deus, São Paulo, Ed. Summus, 1985.

SIQUEIRA, M^a C. Di Pierro - "Notas sobre o Sistema de Correios no Brasil e na Cidade de São Paulo", São Paulo, Pós-Graduação em Geografia Humana, FFLCH-USP, 1986.

SODRÉ, M. - A Comunicação do Grotesco (Introdução à Cultura de Massa Brasileira), Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

Periódico - Revista Brasileira de Tecnologia, editada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - vários números.

Obra de consulta - RABAÇA, C.A. e BARBOSA, G. - Dicionário de Comunicação, Rio de Janeiro, Ed. CODECRI, 1978.

Informações Básicas: Assembléia Nacional Constituinte - Ante Projeto apresentado pela Subcomissão da Ciência e Tecnologia da Comunicação, Rio de Janeiro, Fundação Pró-Memória, julho 1987.

- Textos propaganda e marketing

KOTLER, P. - Marketing, São Paulo, Ed. Atlas, 1980, ed. compacta.

CAMPOS MANZO, J.M. - A Tragédia da Propaganda no Brasil, Rio de Janeiro, Collector's Editora Ltda., 1983.

KUNTZ, R.A. - Marketing Político (Manual de Campanha Eleitoral), São Paulo, Global Ed., 1986.

MENNA BARRETO, R. - Criatividade em Propaganda, São Paulo, Es

cola Superior de Propaganda e Marketing (Editora Documentário/Summus Editorial, 1978.

Periódicos - Revista de Marketing, São Paulo, Ed. Referências, vários números.

Notícias da ABAP, Boletim Informativo da ABAP (Associação Brasileira de Agências de Propaganda), São Paulo.

LANDSCAPE:

- Yi-Fu Tuan - "Rootedness versus Sense of Place", vol. 24, nº 1, 1980.

- s/a - "The Commercial Strip" (From Main Street to Television Road), vol. 28, nº 2, 1985.

- Textos metodologia e técnica de pesquisa

PEREIRA DE QUEIROZ, M^a I. - Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva, São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983 (Col. Textos 4).

THIOLENT, M. - Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária, São Paulo, Liv. e Ed. Polis, 1985.

THIOLENT, M. - Metodologia da Pesquisa - Ação, São Paulo, Cortez Ed., 1985.

Periódico - Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, São Paulo, nº 19 - 1ª série, junho de 1984, p. 114-180.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- Colloque ORSTOM - "Economie Industrielle et Strategies d'Industrialisation dans le Tiers Monde", Paris, fevereiro 1987.

- HUGON, P. - "Analyse en Termes de Filiers"
- JUDET, P. - "Perspectives de Developpement et Pays Interme-
diaires"
- LANVIN, B. - "Services et Nouvelles Strategies Industrielles :
quels enjeux pour le Sud ?"
- LENSEIGNE, F. - "Articulations Industrie - Agriculture: le cas
du Mexique"
- LIPIETZ, A. - "Les Conditions aux Limites des Politiques d'In-
dustrialisation dans le Tiers-Monde"
- PIRELLI, A. - "Recherche Scientifique et Innovation Technologi-
que dans la Filière Afro-Industrielle: Consequences
et Contradictions"
- SALAMA, P. - "Brésil: un tournant ? Considerations sur l'In-
dustrialisation"
- Colloque "Milieux Sociaux et Innovation", Paris, 9-10 juin
1987.
s/a - "Le Cas Grenoblois (Milieu Géographique et In-
novation")
- AMROUCHE, A.K. - "Modernité et Compétition Socio-Culturelle en
Arabie Saoudite (Le Rôle de l'Etat)".
- BLANADET, R. - "Le Rôle des Classe Dirigeantes Urbaines et Ru-
rales dans le Développement des Régions de Terres Neu-
ves (quelques exemples régionaux)".
- BOYER, J.C. - "Permanence et Evolution d'un Foyer d'Innovation:
Amsterdam depuis le 17^{eme} Siècle".
- CHAUVET, A. - "Le Bourg comme Foyer d'Innovation Industrielle".
- CHEVALIER, M. - "Un Facteur Geographique Negligé: Les Milieux
dirigeants Urbains".

- CLAVAL, P. - "Les Fonctions Culturelles des Capitales"
- DEZERT, B. - "Les Changements dans l'habitat et les Milieux Sociaux Periurbains en Raison du Developpment des Activités de Haute Technologie: les Nouveaux Foyers d'Innovation de la Peripherie Parisienne et de la Banliene Toulousaine".
- GHORA-GOBIN, C. - "Techonologies de pointe, Espaces Metropolitains: Peut-on parler de Declin ?"
- LAFERRERE, M. - "Teinture, Impression et Industrie Chimique".
- SINGARAVELOU - "Les Indiens et la Riziculture dans la Caraïbe, approche culturelle".
- MERCADO, G. y ROVIERA, A. - "Un Modelo Geografico para Investigaciones Agroclimaticas", in Notas Geograficas, nº 9, 1978/79, Universidad de Chile, Departamento de Geografia, Sede de Valparaiso.
- TOLMASQUIM, A.T. - Ciencia y Labor: a construção da realidade social, Tese de Mestrado COPPE/UFRJ, março 1987.